

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Marcus Morais

**SOLUÇÕES ASSISTIVAS:**

**Dialética dos processos de relações entre pessoas com deficiência e  
contextos laborais**

Porto Alegre

2014

Marcus Morais

**SOLUÇÕES ASSISTIVAS:**

**Dialética dos processos de relações entre pessoas com deficiência e contextos laborais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora:

Profa. Dra. Liliana Maria Passerino

Linha de Pesquisa: Educação Especial e Processos Inclusivos

Porto Alegre

2014

Marcus Morais

**SOLUÇÕES ASSISTIVAS:**

**Dialética dos processos de relações entre pessoas com deficiência e contextos laborais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

Aprovada em: 15 de julho de 2014.

Profa. Dra. Liliana Maria Passerino – Orientadora

Prof. Dr. Claudio Roberto Baptista – UFRGS

Profa. Dra. Gabriela Maria Barbosa Brabo – UFRGS

Profa. Dra. Carla Beatris Valentini – UCS

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M827s   Morais, Marcus Soares

Soluções Assistivas: Dialética dos processos de relações entre pessoas com deficiência e contextos laborais / Marcus Soares Moraes; orientadora: Liliana Maria Passerino. – Porto Alegre, 2014.

108 f. + Anexo.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014. Porto Alegre, BR, RS.

1. Deficiência. 2. Soluções assistivas. 3. Tecnologia assistiva. 4. Educação especial. 5. Inclusão laboral. I. Passerino, Liliana Maria. II. Título.

CDU – **376:331**

## AGRADECIMENTOS

Nós que tanto trabalhamos com as palavras, transpondo o que sabemos, conhecemos e entendemos para as palavras, por vezes ficamos sem palavras frente a situações das quais não existe palavra capaz de traduzir o que realmente estamos sentindo.

Mais do que uma conquista é um sonho, e um sonho sonhado conjuntamente com o apoio e o carinho de tantos amigos, familiares e pessoas que acreditaram que um dia viria a tornar-se realidade.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pública, gratuita e de qualidade, que me acolheu, confiando a mim a responsabilidade de levar seu nome ao cenário da pesquisa acadêmica, possibilitando a mim, através do Programa de pós Graduação da Faculdade de Educação (PPGEDU), o acesso à informação, saberes e conhecimentos, nesta casa que já sinto cada vez mais como minha casa.

Agradeço a CAPES, por ter financiado meus estudos, através de uma bolsa de estudos que me deu a possibilidade de poder me dedicar inteiramente à pesquisa, com afinco, seriedade e condições de ainda assim conseguir viver, sobreviver e participar das alegrias da pesquisa e da vida.

Meus profundos agradecimentos à Professora Doutora Liliana Maria Passerino, por ter acreditado que eu seria capaz de concluir o curso de Mestrado, de desenvolver um pensamento científico, sério, fundamentado nas mais profundas bases deste universo que respeitamos, e por que não dizer que amamos, o da pesquisa.

Professora, foi com a Senhora que aprendi, mais do que o conhecimento formal, mais do que as teorias e conceitos, mas sim como ser alguém melhor, que mais do que respeitar o outro, com suas limitações e dificuldades, acreditando em suas capacidades, respeitando, ouvindo e desafiando.

De tudo o que me fez mais feliz, foi saber que a cada momento eu estava sendo desafiado, motivado, encorajado, e sempre respeitado e ouvido. Obrigado não só por seres minha Professora e Orientadora, mas por seres essa pessoa tão maravilhosa que és, e com essa simplicidade, que faz tremer com a força do teu espírito as mais rígidas das estruturas, por que fizeste desta tua simplicidade, tua força, e a mais elaborada e sofisticada razão de ser.

Muito obrigado a toda a minha família, sei que é redundante dizer que sem

vocês eu tanto não conseguiria nada, como também não seria nada. É na família que nos descobrimos como alguém, e sempre foi com o apoio dos meus pais, que de uma forma ou de outra superei os desafios, e cheguei às conquistas. Sem minha mãe, absolutamente eu não estaria aqui, pois foi sempre ela que me deu a força pra isso, desde os primeiros momentos de escola e vida. Sem meu Pai, eu não teria a segurança pra estar e enfrentar esse mundo. Sempre os dois, meus maiores e melhores professores nesta escola da vida.

Agradeço a Lisandra Morais: Essa conquista é nossa, foi você que esteve do meu lado em cada passo desta conquista, e de todas as anteriores. Sem teu apoio, inteligência, paciência e dedicação, não tenho dúvidas, eu não conseguiria. Juntos passamos por tudo, e espero nos alegrarmos sempre, assim como nos alegamos em nossa maior produção, nossos dois filhos mais lindos desse mundo: Nosso monitor João Pedro Morais e nossa pituquinha, Anna Morais.

Quero dedicar todo o conjunto deste trabalho a minha irmã Priscila Morais, que de uma forma ou de outra me apoiou, foi meu censo crítico, minha colega, minha interlocutora, minha irmã de vida, arte, trabalho e conquistas. Como disseste pra mim em teus agradecimentos, aqui também te digo Pri: *“Brindo por lãs vezes que perdimos lãs mismas batallas.(Drexler, “Eco”)*”.

Por fim, agradeço a todos que de uma maneira ou outra estiveram ao meu lado, apoiando, motivando e incentivando, pois são os amigos e colegas que de fato dão sentido a tudo o que fazemos nessa vida. Muito especialmente agradeço a duas destas pessoas, e em nome delas a todos esses amigos e colegas.

Maria Rosângela Bez e Ana Cristina Cypriano Pereira, duas amigas e colegas que sempre ajudaram, criticaram, apoiaram, e sempre na medida certa, no respeito, carinho e coleguismo. A Rô, como uma pessoa maravilhosa, dessas que com certeza faz a cada dia esse nosso mundo melhor do que aquele antes de sua existência. Aninha, a própria genialidade, entusiasmo e seriedade, com responsabilidade, pra mim, um referencial de tudo aquilo que julgo ser o sentido de nosso trabalho, transformar o mundo em que vivemos.

## RESUMO

Neste estudo nos propomos a lançar um olhar sobre as dinâmicas de apropriação de saberes, em práticas laborais, a partir dos processos desencadeados pela dialética das relações existentes entre indivíduos com deficiência e o meio laboral ao qual estão inseridos. A partir da seguinte questão de pesquisa: Como emergem práticas culturais mediadas por tecnologia, a partir da dialética dos processos de apropriação de saberes, que se constituem como Soluções Assistivas nos contextos profissionais de pessoas com deficiência? A pesquisa desenvolvida teve como objetivos: a) Identificar elementos que possam explicitar a dinâmica dos processos de apropriação dos saberes; b) Estabelecer pontos de conexão, entre o uso e a resignificação desses mesmos usos e c) Identificar nos processos de interação como a utilização de recursos tecnológicos configura novas práticas e identidades. A pesquisa desenvolvida foi um estudo qualitativo, do tipo multicase, no contexto de uma grande empresa da região metropolitana de Porto Alegre/RS, que tem em seu quadro funcional mais de 100 pessoas com deficiência contratadas e atuantes em diversas áreas e setores. O estudo de caso (multicaso) desenvolveu-se com 6 funcionários com diferentes tipos de deficiência, perfis de formação e áreas de atuação. Esta pesquisa é um subprojeto do Projeto Solassit aprovado pelo CEP/UFRGS em Projeto 21620 – aprovado em 18/11/2011. A pesquisa de campo desenvolveu-se entre dezembro de 2013 e abril de 2014 e teve como instrumentos de coleta entrevistas individuais e observação *in loco* dos espaços de trabalho. O estudo desenvolvido permitiu elaborar uma nova categoria de análise denominada de Soluções Assistivas, subdividida em subprocessos que permitem uma compreensão apurada do objeto de pesquisa em questão. Esse aporte teórico foi uma das contribuições do estudo que possibilita uma análise microgenética numa perspectiva sócio-histórica dos processos de apropriação de saberes no mundo laboral mediado por tecnologia. Como resultado, foi possível perceber um profundo entrelaçamento do que entendemos como elementos indicadores da dialética existente entre Cena, Agente, Ato, Agência e Propósito, como desencadeadora de novas e potentes relações na formação de identidades. Assim como identificar as empresas como agentes potencializadores (ou não) de ambientes capazes de estabelecer as condições para o surgimento de Soluções Assistivas. Os entraves sociais, barreiras e outras limitações existentes nas vidas das pessoas com deficiência são, aparentemente, determinantes na tomada de consciência para que os sujeitos com deficiência promovam um olhar crítico sobre si mesmos e sobre o mundo que os rodeia.

Palavras chave: **Deficiência, Soluções Assistivas, Tecnologia Assistiva, Educação Especial, Inclusão Laboral.**

---

MORAIS, Marcus Soares. **Soluções Assistivas: Dialética dos processos de relações entre pessoas com deficiência e contextos laborais.** Porto Alegre, 2014, 108 f. + Anexo. Dissertação. (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

## RESUMEN

En este estudio nos proponemos echar un vistazo a la dinámica de apropiación del conocimiento en las prácticas de trabajo, a partir de los procesos desencadenados por la relación dialéctica entre las personas con discapacidad y el entorno de trabajo a las que se insertan. A partir de la siguiente pregunta de investigación: ¿Cómo las nuevas prácticas culturales mediadas por la tecnología, de los procesos dialécticos de apropiación del conocimiento, para actuar como Soluciones de Asistencia en contextos profesionales de las personas con discapacidad? La investigación desarrollada tuvo por objetivo identificar los factores que pueden explicar la dinámica de los procesos de apropiación del conocimiento. b) Establecer los puntos de conexión entre el uso y la reinterpretación de tales usos y c) Identificar los procesos de interacción como el uso de recursos tecnológicos establece nuevas prácticas e identidades. La investigación llevada a cabo fue un estudio cualitativo de tipo multicaso en el contexto de una gran empresa en la región metropolitana de Porto Alegre / RS, que tiene en su plantilla a más de 100 personas con discapacidad empleadas y que trabajan en diferentes ámbitos y sectores. El estudio de caso (multicaso) desarrollado con seis empleados con diferentes tipos de discapacidades, perfiles de formación y áreas de desempeño. Esta investigación es un subproyecto de Solassit Proyecto aprobado por el CEP / UFRGS Proyecto 21620 - aprobada el 18/11/2011. La investigación de campo se desarrolló entre diciembre 2013 y abril de 2014 y tuvo como instrumentos para recopilar entrevistas individuales y la observación in situ de los espacios de trabajo. El estudio desarrollado nos ha permitido elaborar una nueva categoría de análisis denominada Soluciones de Asistencia, subdivididos en sub-procesos que permiten una mejor comprensión del objeto de investigación de que se trate. Este enfoque teórico fue una de las contribuciones que el estudio proporciona un análisis microgenético en unos procesos socio-históricos de apropiación del conocimiento en el mundo de la perspectiva de la tecnología mediada. Como resultado, fue posible percibir una profunda imbricación de lo que entendemos como indicadores de la dialéctica existente entre la Escena, Agente, Acto, Agencia y elementos de Propósito, como un disparador de relaciones nuevas y poderosas en la formación de identidades. Además de identificar a las empresas como agentes reforzadores (o no) los ambientes capaces de establecer las condiciones para el surgimiento de soluciones de asistencia. Las barreras sociales, barreras y otras limitaciones existentes en las vidas de las personas con discapacidad son al parecer un papel decisivo en la sensibilización para que las personas con discapacidad promuevan una mirada crítica a sí mismos y al mundo que les rodea.

Palabras clave: **Discapacidad, Soluciones de Asistencia, Tecnología de Asistencia, Educación Especial, Inclusión Laboral.**

---

MORAIS, Marcus Soares. **Soluções Assistivas: Dialética dos processos de relações entre pessoas com deficiência e contextos laborais.** Porto Alegre, 2014, 108 f. + Anexo. Dissertação. (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Elevador adaptado.....	88
Figura 2 - Bebedouro adaptado.....	89
Figura 3 - Escada móvel para caixa eletrônico.....	89
Figura 4 - Rampa com pouca inclinação.....	93
Figura 5 - Rampa secundária.....	93

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2</b>	<b>TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL: A PARTIR DO USO DE TECNOLOGIAS ASSISTIVAS</b>	16
<b>3</b>	<b>PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E APROPRIAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E DO TRABALHO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS</b>	20
3.1	TECNOLOGIAS ASSISTIVAS E SOLUÇÕES ASSISTIVAS: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	35
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b>	46
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b>	52
5.1	DIALÉTICA DOS PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO DOS SABERES, NA CONSTITUIÇÃO DE SOLUÇÕES ASSISTIVAS EM CONTEXTOS PROFISSIONAIS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.	52
5.2	CONTEXTO LABORAL: PERFIL DA EMPRESA.	53
5.3	AS RELAÇÕES PESSOAIS E SOCIAIS, FORMADORAS DE IDENTIDADES. A FAMÍLIA COMO PROMOTORA DE AUTONOMIA.	56
5.4	A EDUCAÇÃO: DIALÉTICA DAS RELAÇÕES DE APRENDIZAGEM DE VIDA E SABERES.	66
5.5	AS SOLUÇÕES ASSISTIVAS.	74
<b>6</b>	<b>A DIALÉTICA DAS RELAÇÕES DE TRABALHO</b>	96
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	102
	<b>REFERÊNCIAS</b>	105
	<b>ANEXO</b>	109

## 1 INTRODUÇÃO

Neste estudo, nos propomos lançar um breve olhar sobre as dinâmicas de apropriação de saberes em práticas laborais, a partir dos processos desencadeados pela dialética das relações existentes entre os sujeitos observados e o meio no qual estão inseridos.

Realizamos um estudo dentro de uma grande empresa da região metropolitana de Porto Alegre, que tem em seu quadro de funcionários um grupo de 160 pessoas com deficiência contratadas e atuantes em áreas das mais variadas.

Assim, desenvolveu-se um estudo de caso no qual participaram um grupo de seis (6) pessoas com deficiência que trabalham nessa empresa, em conformidade com nossos objetivos. Os sujeitos foram escolhidos intencionalmente, a partir de um levantamento da empresa. A escolha objetivou atender diferentes contextos, situações de inclusão e tipos de deficiências.

Optamos, assim, por um número reduzido de sujeitos, uma vez que percebemos que mesmo tendo nessa empresa observada um vasto número de pessoas com deficiência, as realidades de trabalho apresentavam cruzamentos que não indicavam uma grande variação de funções e/ou situações, ou seja, entendemos que com esta “amostragem” de seis (6) sujeitos, bem distribuídos em diferentes áreas de atuação dentro da empresa, foi possível visualizar e contemplar os objetivos que foram propostos neste estudo.

Dessa forma, as observações buscaram considerar as perspectivas dos administradores e das pessoas com deficiência atuantes na empresa, visando a compreensão de como esses sujeitos entendem o processo de inclusão, das condições dos locais de trabalho, bem como a adequação das atividades, e recursos, especialmente na construção de Soluções Assistivas nesses espaços.

Nesse sentido, tornou-se possível contemplar as dinâmicas existentes naquele ambiente de trabalho, no que diz respeito às relações estabelecidas entre pessoas com deficiência e seus respectivos empregadores, bem como a construção das condições de desenvolvimento dessas Soluções Assistivas *in loco*, considerando a perspectiva dos sujeitos observados como principal base de dados para nossa análise.

Com isso, ouvimos a palavra do gestor, na pessoa do profissional responsável pela seleção e acompanhamento desses sujeitos dentro da empresa, e posteriormente ouvimos sujeitos com deficiência ali empregados.

Nosso objetivo não foi observar as compatibilidades das informações, entre o que fora dito pelo gestor em cruzamento com os relatos e depoimentos dos funcionários, mas lançar um olhar sobre as relações, buscando entender o surgimento de soluções aos problemas relatados para a potencialização das condições que parecem ser mais favoráveis para um maior e melhor “estar” desses sujeitos dentro dessa empresa.

Em outras palavras, quem são esses sujeitos e como cada um deles se percebe nesse ambiente de trabalho, e o que é feito para potencializar a produtividade, o bem-estar, a autonomia e a independência desses sujeitos em suas práticas laborais, para que, dessa forma, como afirma Goffman (1963), os “estigmas” não sejam a base dessas relações, mas a pessoa seu principal elemento nas relações estabelecidas nesses espaços e ambientes.

Entendemos que as deficiências não são algo a ser escondido, e através deste estudo, pretende-se observar em que medida surgem os estigmas e quais são as ações, operações, práticas desenvolvidas para suplantiar/superar/compensar tais obstáculos.

Os funcionários entrevistados nos trazem seus relatos e posições perante as realidades que ali encontram, bem como parte de suas histórias de vida. Esses sujeitos compõem um grupo formado por duas pessoas com deficiência física, duas com deficiência visual, uma com deficiência auditiva e uma com deficiência intelectual.

Optamos por um grupo reduzido, mas representativo dos principais casos presentes nessa empresa no que diz respeito aos tipos de deficiência ali existentes e funções desenvolvidas, pois esses sujeitos ocupam diferentes posições laborais, em conformidade com suas qualificações profissionais, ou seja, ocupam cargos referentes às suas formações, conhecimentos e graduações, independentemente de serem pessoas com deficiência ou não.

Seus salários e cargos não estão vinculados à deficiência, mas relacionados com suas funções, que variam de auxiliares, como no caso do sujeito 4, salário e cargo médio nos casos 3 e 5 e mais elevados nos casos 1, 2 e 6, por serem profissionais com curso ou formação superior, sendo que a distribuição dos sujeitos

em áreas profissionais é muito semelhante aos demais funcionários da empresa.

Para nós, o importante não foi realizarmos um diagnóstico da empresa, mas sim, observar as realidades de pessoas com deficiência no mercado de trabalho sob a óptica do desenvolvimento de Soluções Assistivas nestes espaços e ambientes, os laborais. Por esse motivo, o estudo de caso não foi da empresa, e sim dos “casos” escolhidos, formando, assim, um estudo multicaseos.

Com isso, constituímos categorias de análise que nos permitissem melhor compreender a historicidade desses sujeitos e também as formas com que cada um deles entende e age sobre sua própria realidade.

Buscamos, inicialmente, nas famílias e núcleos sociais, nos primeiros grupos sociais aos quais esses sujeitos se integraram, com a intenção de identificarmos elementos que foram possivelmente formadores de suas identidades primordiais.

Posteriormente, no mundo da escola, academia e outros universos de educação formal, por entender esses espaços como ambientes em que tais sujeitos foram expostos aos mais variados desafios e que de certa forma são nesses que podemos perceber os primeiros desprendimentos dos laços familiares a fim de interagirem com outras realidades, por muitas vezes contraditórias, por outras estimulantes, mas sempre pouco controladas.

Por fim, desenvolvemos uma discussão a partir do universo do trabalho e da constituição de Soluções Assistivas no mesmo, como um desfecho para um processo contínuo, permanente de formação intelectual, humana e possibilitadora das mais diversas condições provocadoras da criticidade de cada indivíduo, bem como formadora das identidades e realidades dos sujeitos por nós observados.

Para compreender essa transformação, propomos categorias de análise desse fenômeno que entendemos como sendo Soluções Assistivas, e para os quais buscamos uma subdivisão analítica que nos proporcionasse uma compreensão mais apurada desse objeto de pesquisa: o do universo das pessoas com deficiência em seus espaços de trabalho<sup>1</sup>.

A compreensão desse processo de relações entre sujeitos e seus respectivos ambientes laborais aponta elementos que, por muitas vezes, não são perceptíveis ou encontram-se vinculados a outros processos e que acabam, por isso, ficando implícitos ou ocultos quando lançamos um olhar sobre essas

---

<sup>1</sup> O detalhamento da subdivisão pode ser apreciada no capítulo 3.1.

realidades.

Não pretendíamos realizar uma simples categorização reducionista do que concebemos como Soluções Assistivas em si, mas construir formas mais objetivas de análise do processo de compreensão do que constitui esse conceito, a partir de uma análise microgenética numa perspectiva sócio-histórica.

Dessa maneira, buscamos constituir um pensar que nos proporcionasse as condições para um maior e melhor entendimento do que trazemos como nosso problema de pesquisa: *Como emergem práticas culturais mediadas por tecnologia, a partir da dialética dos processos de apropriação dos saberes que se constituem como soluções assistivas nos contextos profissionais de pessoas com deficiência?*

Sendo os objetivos do presente estudo:

a) Identificar elementos que possam explicitar a dinâmica dos processos de apropriação dos saberes, enquanto dialética, da constituição das práticas de uso e aprendizagem (no uso) de tecnologias que venham a se constituir como Soluções Assistivas em realidades pessoais e profissionais de pessoas com algum tipo de deficiência.

b) Estabelecer pontos de conexão entre o uso e a resignificação desses mesmos usos, a partir das realidades das quais esses sujeitos são provenientes.

c) Identificar nos processos de interação como a utilização de recursos tecnológicos configuram novas práticas e identidades.

Promovendo assim, uma discussão a partir da observação desses processos de apropriação de saberes, e das formas com que esses sujeitos usuários fazem uso desses recursos, com efeito, apontando as relações presentes entre a constituição filogenética e ontogenética desses sujeitos, manifestadas na complexidade da sociogênese constituída.

Estando assim, diante das condições nas quais esse uso ocorre, considerando as características de cada recurso tecnológico utilizado, e as soluções apresentadas quando da não aparente adequação dos mesmos para tais práticas de uso.

Pretendemos, neste estudo, partir da constituição dos processos de aprendizagem, desencadeados pela dialética, dos processos de compreensão e apropriação das relações sociais e do trabalho enquanto atividade humana; estabelecer pontos de conexão entre os elementos presentes na dialética desses processos; compreender as complexidades emergentes apresentadas por

indicadores de realidades mediadas pela tecnologia.

El niño ciego o sordo puede lograr en el desarrollo lo mismo que el normal, pero los niños con defecto lo logran de distinto modo, por un camino distinto, con otros edios, para el pedagogo es importante conocer la peculiaridad del camino por el cual debe conducir al niño (VYGOTSKY, 1997a, p. 17).

Pensamos que a reciprocidade entre recursos e aqueles que fazem uso deles, quando das possibilidades, se apresenta de forma contínua dentro das relações de “simbiose” e “dualidade” (MONTROYA, 2006) que movimentam e ressignificam essas relações a partir de si, e das novas relações provenientes das complexidades resultantes do processo dialético estabelecido na interação entre pessoa e tecnologia, dadas as condições próprias para tal.

Nesta dissertação, vamos apresentar nossa perspectiva entrelaçando, ao longo de todo o texto, os dados coletados na pesquisa com um referencial teórico que nos auxiliará nesta compreensão das manifestações de elementos indicadores dos reflexos da composição de formas e processos pelos quais cada um dos sujeitos observados se percebe como agente dessas realidades profissionais, entendendo-se como pessoa com deficiência.

Esta dinâmica de compreensão dos dados nos levou a propor uma metodologia de análise que pretende fazer uso de duas correntes de interpretação e compreensão dos conhecimentos, por meio de um cruzamento de conceitos e perspectivas fundamentadas em um pensar sistêmico, complementado por uma análise dialética.

Acreditamos que a partir desta metodologia, foi possível alcançar uma amplitude maior no que se refere às compreensões dos aspectos implícitos e explícitos que operam nas dinâmicas sociais, humanas e especialmente do mundo do trabalho. Iniciamos nosso estudo trazendo uma breve apresentação do pesquisador para que, dessa forma, tenhamos clara a perspectiva de quem observa, bem como a apresentação dos locais de onde observamos.

A partir da premissa da não-imparcialidade da observação, sabemos da possibilidade do distanciamento que auxilia nessas compreensões. Quando temos claro de onde falamos e de quem somos quando observamos, podemos mais efetivamente ter também claras essas perspectivas. Pensamos no fato de que, como o pesquisador também é uma pessoa com deficiência, visual, algumas percepções tornam-se mais apuradas, não pela deficiência em si, mas pela presença da

deficiência.

Sabemos das diferentes formas com que cada indivíduo percebe o mundo, da mesma forma com que se percebe nele. E é assim que entendemos que se trata de um olhar, uma tentativa de análise de quem vivencia tais situações, mas que através desse olhar busca uma percepção de fora do objeto, construindo um estranhamento desse fenômeno, ao mesmo tempo que podemos fazer uso de percepções do que é e significa ser pessoa com deficiência e, como tal, estar inserida em realidades tão contrastantes às limitações físicas e sensoriais que apresentam-se como obstáculos neste universo do trabalho, por evidentes razões.

Da mesma forma, determinados estranhamentos, quando da identificação das Soluções Assistivas, também surgem como elementos importantes e interessantes de análise, uma vez que buscamos não só entender os problemas, mas muito mais compreender como tais problemas são postos à tentativa de serem superados por parte dos sujeitos observados, tanto quanto para qualquer indivíduo que venha a ser parte do universo das pessoas com deficiência inseridas no mundo do trabalho.

No desenvolvimento desta dissertação elaboramos um texto que apresenta uma distribuição das informações para que nossos leitores possam acompanhar o processo de apropriação de saberes, construção de autonomias e independências, bem como as constituições de identidades dos sujeitos pesquisados o desenvolvimento de Soluções Assistivas. Trazemos um texto que parte da apresentação de um referencial teórico que é construído a partir do cruzamento de diferentes autores e informações significativas para a compreensão do que entendemos por serem tecnologias, Tecnologias Assistivas, bem ao que entendemos por Soluções Assistivas.

Para isso, buscamos em pesquisas correlacionadas fundamentos teóricos da educação e historicidade, como também uma base estruturada em formas de análises capazes de nos darem as condições para melhor compreendermos este processo de apropriação de saberes e identidades.

Através da conceituação dos processos transitórios, pelos quais entendemos a evolução de uma Solução Assistiva, de sua gênese a sua constituição de ação ou prática, as quais, dentro de determinadas condições, tornam-se parte das estruturas e infraestruturas sociais, pretendemos promover um debate profundo a respeito de quem são esses sujeitos, personagens destes processos sociais, humanos e de



aprendizagem.

## **2 TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL: A PARTIR DO USO DE TECNOLOGIAS ASSISTIVAS**

Desde agosto de 2010, faço uso de recursos tecnológicos próprios para deficientes visuais, pelo fato de que tenho uma deficiência visual chamada "Stargardt", que é responsável pela perda quase que total da visão central, a chamada visão de detalhes.

Essa deficiência impede a leitura de textos escritos impressos, logo, de mesma forma, a leitura de textos ou pequenas informações disponíveis na tela de um computador.

Sou professor da rede pública de ensino, fundamental e médio, com graduação em História pela UFRGS, e nessa função trabalho com textos, cadernos de chamadas, registros de aula, dentre muitos outros tipos de registros que são realizados na forma do papel, por sua vez, na forma escrita, impressa.

Nesse sentido, o que aparentemente seria impossível sozinho ou sem a ajuda de uma pessoa com visão normal, tornou-se plenamente praticável graças ao uso desses aplicativos Leitores de Tela e por meio de outros recursos adicionais.

Em resumo, o que faço é transpor as informações necessárias para o computador e fazer uso delas através dos Leitores de Tela. Tanto os registros de aula, presenças, textos a serem usados nas aulas, e tantas outras informações que se tornaram acessíveis e práticas, e absolutamente facilitadas através dos computadores e seus recursos. Como na construção deste ou de outros textos, o uso desses aplicativos fazem com que eu possa dispor de todos os recursos possíveis para esse tipo de operação.

Por outro lado, vale lembrar que o simples uso desses recursos, mesmos, não é o principal fator para uma real inclusão nos meios em que trabalho e vivo. Sempre foi e é necessária uma compreensão desses espaços e ambientes, para que o uso desses recursos seja de fato efetivo, bem como a utilização de mais de um recurso, somando-o ao uso de outros.

Conhecer, saber das possibilidades e limitações desses recursos é fundamental para que se compreenda o que se pode ou não fazer com eles. Quando da minha presença na disciplina de "Tecnologias Assistivas", ministrada pela

Professora Liliana Passerino, no curso de especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos, na UFRGS, 2011-2012, a compreensão desses elementos de interação e composição de um ou mais recursos em função de usos aplicados às necessidades de cada indivíduo, fez com que minhas próprias experiências fossem por mim pensadas como ponto de partida para este estudo.

Pelo fato de que eu fazia uso desses recursos como algo cotidiano, esse uso não atuava como motivador de uma intenção de pesquisa. Entretanto, a partir do curso de especialização citado, bem como pela disciplina referida, foi possível pensar esse uso cotidiano, bem como o uso desses recursos por outros, como algo que se apresenta como um modelo de estudo que pode ser pensado a partir das relações dialéticas estabelecidas entre essas tecnologias e seus usuários. Assim como a partir dos movimentos sistêmicos provocados pela inserção desses recursos em determinados meios e na constante ampliação dos níveis de desenvolvimento dos mesmos.

Da mesma forma, depois de concluído o curso de especialização, ingressei no curso de mestrado na UFRGS, na linha de pesquisa “Educação Especial e Processos Inclusivos”. A ideia de continuar estudando e compreendendo as relações existentes entre usuários de Tecnologias Assistivas e o meio no qual estão inseridos permaneceu como um motivador de pesquisa, especialmente na compreensão das relações presentes no uso desses recursos nos espaços de trabalho, em ambientes profissionais.

É fato pensarmos que as pessoas com deficiência não fazem uso exclusivo de Tecnologias Assistivas em ambientes profissionais. Seu uso vai além, contudo, é nesse ambiente que podemos estabelecer um ponto de análise significativa quanto à presença desses sujeitos em uma sociedade que hoje se caracteriza por movimentos rápidos de evolução tecnológica, e que cada vez mais torna a adequação das pessoas, sejam elas deficientes ou não, uma necessidade, quase que de sobrevivência nesse meio profissional.

Embora saibamos que nem todos os setores de trabalho estão necessariamente ligados a meios tecnológicos, a inserção em um universo de uso desses recursos faz com que as pessoas estejam ou não incluídas nos mais significativos setores do mercado de trabalho.

Em outras palavras, usar ou não as novas tecnologias, é estar ou não à margem desta nossa sociedade moderna e contemporânea. Esse uso nos coloca

em sintonia com as novas formas de comunicação, produção e evolução profissional, não nos deixando postos a um universo de alternativas que possam ser viáveis para pessoas com deficiência, ou seja, é fazer com que esses sujeitos vivam, trabalhem, produzam em consonância com seus pares, e não estando à mercê de condições que lhes sejam impostas para que apenas ocupem funções assistenciais a fim de sobreviverem.

Se posso aqui fazer referência a um dos principais pontos que entendo como sendo uma das relações mais significativas do uso que faço desses recursos, é o fato de que só a partir do momento que passei a usá-los, pude de fato, me sentir dentro de uma certa normalidade social, no que diz respeito ao acesso e à manipulação de informações, em um mundo cada vez mais fundamentado nesse modelo de compartilhamento dessas mesmas informações.

Como exemplos de práticas hoje possíveis através do uso de Leitores de Tela, posso citar as seguintes: escrita de textos através de editores de textos; acesso a e-mails, jornais digitais, páginas na Web, sites de redes sociais, aplicativos de música e vídeos, dentre muitos outros.

Também faço uso de recursos auxiliares, que de certa forma também passaram a ocupar papéis fundamentais nas dinâmicas de acesso às informações diárias. Através de um dispositivo celular - um iPhone, aparelho celular da Apple, com o qual, através do sistema I.O.S, que traz embutido o Voice-over, Leitor de Tela para esse tipo de dispositivo -, acesso e-mails, faço ligações, compartilhamento de mensagens e acesso aplicativos e jornais.

Com iPad, Tablet da Apple, configurado com o mesmo sistema, tenho a possibilidade de armazenar livros, textos de aula, aplicativos de jornais e revistas, bem como roteiros de aula e apresentações. Dessa forma, faço uso de uma grande parcela dos recursos de acesso e compartilhamento de informações disponíveis na atualidade.

A utilização desses recursos me possibilita atuar tanto nos campos da formalidade, como o do trabalho, de forma profissional e eficiente, nas áreas de estudos e aprendizagens, quanto nos próprios cursos de especialização e mestrado citados, de forma mais contemporânea ao ritmo de acesso aos conteúdos e informações, igualmente ao ritmo dos colegas de classe, bem como na realização de tarefas cotidianas de uso pessoal e de entretenimento.

A partir do momento que passei a usar os computadores com Leitores de

Tela, não tive todos os meus problemas de acessibilidade resolvidos, mas com certeza, uma boa parte deles foi superada, no que tange a informações e ao que cabe aos computadores operar, e muito especialmente ao que posso ampliar e desenvolver sobre esses usos.

No ano de 2012, ao ingressar no curso de mestrado, também passei a fazer parte do grupo de pesquisa “TEIAS”, desenvolvendo meu projeto de pesquisa junto ao projeto "Solassist<sup>2</sup>".

Ali buscamos observar, compreender e propor um pensamento voltado para um entendimento das realidades de pessoas com deficiência em variadas situações, mas muito especialmente nos contextos profissionais, no mercado de trabalho e nas práticas laborais. Em geral, focando nossa atenção no uso e desenvolvimento de tecnologias Assistivas e no aprimoramento do pensar de Soluções Assistivas.

Na inserção no grupo, a troca de experiências e a compreensão dos próprios recursos por mim utilizados, enquanto instrumento de análise das realidades de pessoas que fazem uso desses recursos, surge como um dos elementos mais significativos para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

---

<sup>2</sup> O projeto Solassist é um projeto desenvolvido pelo grupo de pesquisa TEIAS – Tecnologia em Educação para Inclusão e Aprendizagem em Sociedade. Considerando a importância do trabalho para o desenvolvimento, a autoestima e a autonomia das pessoas com deficiência. Com objetivo de analisar e organizar soluções assistivas a partir das experiências que envolvem Tecnologias Assistivas já desenvolvidas pretende-se que esta pesquisa ajude nos processos inclusão de pessoas com deficiência nas organizações produtivas. Um projeto no âmbito da academia com um viés social, entendendo que a Universidade tem papel fundante do aprimoramento social e no desenvolvimento dos sujeitos. Sob a coordenação da Professora Liliana Maria Passerino e desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### **3 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E APROPRIAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E DO TRABALHO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**

São muitas as pessoas que fazem bom uso dos computadores a partir do fato de que têm muito bem desenvolvido técnicas de digitação, bem como são muitas outras pessoas que ampliam suas práticas motoras, à medida que vão cada vez mais fazendo uso dos teclados e afins.

Nesse sentido, podemos pensar que a reciprocidade entre os recursos e os que deles fazem uso, quando das possibilidades, se apresenta de forma contínua dentro das relações de "simbiose" e "dualidade" (MONTROYA, 2006), que movimentam e ressignificam estas relações a partir de si, e das novas relações provenientes das complexidades resultantes do processo dialético estabelecido na interação entre pessoa e tecnologia, dadas as condições próprias para tal.

Essa relação, por outro lado, não pode ser pensada como um fenômeno efetivamente positivo. De acordo com Wertsch (1999), essa relação ocorre, sim, de forma afirmativa, atuando de fato nas vidas e realidades das pessoas com deficiência, porém não necessariamente sendo positiva ou eficiente no que diz respeito às transformações muitas vezes esperadas ou pensadas pelos desenvolvedores de determinadas tecnologias, tanto quanto pelos usuários dessas tecnologias. Atuação essa, entenda-se aqui, como de aceitação ou negação desses usos.

Segundo o mesmo autor, quando do contato de determinadas pessoas com os recursos que lhes são disponibilizados, por diferentes motivos, esse contato parte de fatores específicos das construções dos processos cognitivos próprios de cada indivíduo, sendo, portanto, particular, individual.

A percepção e a internalização desses elementos, para Wertsch (1999), ocorre por vezes de forma surpreendentemente oposta ao que ocasionalmente pensamos como sendo o ideal. Contudo, não sendo esse ideal resultado da relação dessa determinada pessoa com deficiência com o recurso tecnológico a seu dispor, o esperado por essa pessoa, com efeito, não atendendo ao que ela entende por serem suas necessidades no momento do uso desses recursos.

Essas práticas e ações que proporcionam tal atmosfera de aprendizagem

são diretamente postas ao que podemos entender como decorrências:

De um complexo processo dialético, caracterizado pela periodicidade, irregularidade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, entrelaçamento de fatores externos e internos e processos adaptativos. (VYGOTSKI, 2001, p. 138)

Para Tomasello (2005), a Humanidade buscou, construiu, ao longo de sua história, as condições mais favoráveis para a adaptação a determinados contextos, bem como formas eficientes para a resolução de seus problemas.

De acordo com o mesmo autor, uma geração sempre buscou maneiras mais eficientes para realizar suas atividades, em relação aos seus antecessores, potencializando suas ações de uma forma que a mesma atividade fosse operacionalizada com recursos mais eficientes, com menos esforço, ao mesmo tempo em que alcançassem resultados mais interessantes para quem as pratica, assim como para a Humanidade como um todo.

O acesso a esses recursos, bem como a constância de seu uso, podem vir a ser, dentro de determinadas condições, possibilitadoras de um maior desenvolvimento de saberes, que da mesma forma, podem se tornar parte constituinte de novas construções, à medida que, em mesmo grau, apresentam-se como elementos de novas realidades e complexidades, capazes de potencializar a instrumentalidade dos mesmos.

Com a prática, experiências, aprendizagens, saberes de mesmo sentido apresentam-se em condições adequadas para essa potencialização, mediante uma relação um tanto quanto mais elaborada com os signos presentes nesse processo.

Do aprimoramento dessas dinâmicas, cada vez mais e

[...] embora a inteligência prática e o uso de signo possam operar independentemente em crianças pequenas, a unidade dialética desses sistemas no adulto humano constitui a verdadeira essência no comportamento humano complexo. (VYGOTSKI, 1991, p. 26).

Os usos de recursos tecnológicos, especialmente dos computadores, podem constituir momentos muito interessantes com relação às possibilidades de construção de determinados saberes, diretamente ligados ao uso dessas tecnologias, quanto a outros que aparentemente possam até não fazer parte desse ambiente.

De certa forma, podemos pensar que em determinadas situações, o uso desses recursos, está, portanto, posto às realidades nas quais seus usuários estão

predispostos, sejam elas dadas por questões biológicas, sociais, de características pessoais, ou, como define Vygotski (2009), derivadas das próprias condições peculiares de cada indivíduo, em termos secundários, psicológicos.

A necessidade de estabelecer pontos de conexão com seus pares faz com que cada indivíduo, percebendo os instrumentos que lhes são disponibilizados ou por si mesmo criados, busque as alternativas mais eficientes para a solução dos problemas que lhe são impostos, sejam eles provenientes de qualquer circunstância, porém sempre em conformidade com os diferentes graus de aprendizagem desse indivíduo.

A utilização de novas tecnologias constitui-se, assim, como uma forma de linguagem possibilitadora de condições para uma maior interação dos indivíduos com deficiência em suas realidades sociais. Essas tecnologias presentes no processo potencializam os sujeitos, nas novas situações, a buscarem por elas ou por novas alternativas para solucioná-las.

A capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem-se para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais. (VYGOTSKI, 1991, p. 31)

Assim, podemos também trazer o que diz Maturana e Varela (2001, p. 245), sobre a mesma questão:

As características únicas da vida social humana e seu intenso acoplamento lingüístico geraram um fenômeno novo, ao mesmo tempo tão próximo e tão distante da nossa própria experiência: a mente e a consciência. (...) Por sermos humanos, somos inseparáveis da trama de acoplamentos estruturais tecida por nossa permanente trofalagem linguística.

Da mesma forma, Maturana e Varela (2001) apontam para correlações presentes na constituição dos processos culturais indissolúveis da filogenia de nossa espécie, bem como de nossa composição ontogênica.

A linguagem não foi inventada por um indivíduo sozinho na apreensão de um mundo externo. Portanto, ela não pode ser usada como ferramenta para a revelação desse mundo. Ao contrário, é dentro da própria linguagem que o ato de conhecer, na coordenação comportamental que é a linguagem, faz surgir um mundo. Percebemo-nos num mútuo acoplamento linguístico, não porque a linguagem nos permita dizer o que somos, mais porque somos na



linguagem, num contínuo ser nos mundos linguísticos e semânticos que geramos com os outros." (MATURANA; VARELA, 2001, p. 257).

O processo de apropriação desses saberes, as intencionalidades de uso desses saberes e recursos, é o que segundo Tomasello (2005) nos torna capazes de construir a compreensão de que estamos e somos parte da realidade na qual nos percebemos, ao mesmo tempo em que, de acordo com Maturana e Varela (2001), nos tornamos igualmente responsáveis por nossa existência e interação com esse meio e realidade.

Vivemos com os outros seres vivos, e, portanto compartilhamos com eles o processo vital. Construimos o mundo em que vivemos durante as nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói ao longo dessa viagem comum. Assim, se vivemos e nos comportamos de um modo que torna insatisfatória a nossa qualidade de vida, a responsabilidade cabe a nós. (MATURANA; VARELA, 2001, p. 10)

A realidade que se configura ao uso dessas tecnologias, apresenta-se como causantes e consequentes de uma relação de fatores complexos e entrelaçados, o que Montoya (2006), aponta como sendo elementos "visíveis e invisíveis", presentes na interação de pessoas deficientes com determinados recursos tecnológicos. E a medida que vai fazendo uso desses mesmos instrumentos, novos saberes emergem de forma crescente e afirmativa aos graus de uso desses instrumentos por parte desse indivíduo.

Das relações provenientes dessa utilização, novas configurações surgem a partir de cada novo elemento que dali é gerado sempre que as informações, os conhecimentos se deparam com novas possibilidades.

As ações e transformações, em suas realidades, são análogas ao desenvolvimento de uma percepção cada vez mais apurada, com efeito, sempre que se relacionam com esses recursos, ao mesmo tempo em que se correlacionam com seus pares, conforme a afirmação de Vygotski (1991, p.115) "A história do desenvolvimento da relação entre significado e ação é análoga à história do desenvolvimento da relação significado/objeto."

O apropriar-se dessa significação, a internalização dos signos, bem como sua objetivação, são partes de um processo que se constitui pela existência de diferentes elementos, que, mesmos distintos, não podem ser pensados em separado, mas conjuntamente, conectados pela complexidade que constitui a dialética dessa relação, e que são objetivados à medida que nos tornamos

conscientes de nossa efetiva existência, e como sujeitos e agentes transformadores desse mesmo processo.

Consciência e mundo não podem ser entendidos separadamente, dicotomizadamente, mas em suas relações contraditórias. Nem a consciência é a fazedora arbitrária do mundo, da objetividade, nem dele puro reflexo. (FREIRE, 1997, p. 12)

Somos o que Tomasello (2005) aponta como sendo seres que trazem inerentes em sua composição de existência e de forma indistinta, partes de um mesmo processo de desenvolvimento filogenético e ontogenético, que opera suas significações e ressignificações, na interdependência com nossos pares.

É o que também Paulo Freire (1996) vai apontar como sendo um dos fatores da constituição de nosso movimento enquanto seres históricos e compartilhadores de um mesmo mundo e natureza. Assim, “[...] o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história”. (FREIRE, 1996, p. 136).

A aprendizagem é uma condição inerente a cada ser humano, seja ele deficiente ou não, basta identificarmos como ela se dá, a partir de que realidades, e quais são os elementos ali presentes que proporcionam as condições para que novas possibilidades surjam.

Cada indivíduo está posto as suas próprias realidades, e é nessas realidades que o mesmo vai interagir com os signos nelas existentes.

De acordo com Tomasello (2005), os processos de apropriação dos signos e sua objetivação, a interação dos indivíduos com esses e com seus pares, é o que possibilita o surgimento das relações culturais e a atuação sobre esse processo, ressignificando-o e constituindo-o de acordo com sua percepção dessa realidade e como ela passará a ser.

Com relação a isso, as funções psicológicas superiores não constituem exceção à regra geral aplicada aos processos elementares; elas também estão sujeitas à lei fundamental do desenvolvimento, que não conhece exceções, e surgem ao longo do curso geral do desenvolvimento psicológico da criança como resultado do mesmo processo dialético, e não como algo que é introduzido de fora ou de dentro (VYGOTSKI, 1991, p. 52).

As características dessas realidades e signos, de acordo com Tomasello (2005), são compartilhadas com outros indivíduos que, de mesma forma, interagem com elas.

Portanto, partimos do pressuposto de que todos somos seres sociais e que não viveríamos fora dessas relações, que nos construímos pelo olhar do outro, como vemos no debate promovido por Eco e Martini (2000) em “No que creem os que não creem”, bem como no que também nos traz Vygotski:

[...] qual a consciência nunca é pensada como independente do mundo e com uma tendência à progressiva integração entre diversos sistemas de conduta. O mecanismo da consciência de si próprio (auto-conhecimento) e de reconhecimento dos demais é idêntico: temos consciência de nós mesmos porque a temos dos demais e pelo mesmo mecanismo, porque somos com respeito a nós o mesmo que os demais com respeito a nós. Reconhecemo-nos a nós só na medida em que somos outros para nós, isto é, pelo quanto somos capazes de perceber de novo os reflexos próprios como excitantes. (VYGOTSKI, 1991, p. 12)

A apropriação dos elementos inerentes a essas realidades fazem com que estejamos diretamente e constantemente postos a tais elementos, e são nesses elementos que identificamos como se constitui essa realidade e como nela nos encontramos.

Logo, é com, e através desses elementos, signos, objetos que também se dará todo o processo de aprendizagem.

Poder-se-ia dizer que a característica básica do comportamento humano em geral é que os próprios homens influenciam sua relação com o ambiente e, através desse ambiente, pessoalmente modificam seu comportamento, colocando-o sob seu controle. (VYGOTSKI, 1991, p. 58).

Não podemos, portanto, desconsiderar que como tal, nos percebemos como seres históricos, agentes afirmativos das relações e transformações do processo histórico e, por conseguinte, nesse processo, somos inseridos nas dinâmicas por ele proporcionadas.

Pensemos a partir do que diz Gisele Toassa (2006, p. 77):

[...] a consciência é, pois, um único sistema psicológico, composto pelas estruturas de conduta consciente (sinônimo de funções psíquicas superiores); verdadeiras relações sociais internalizadas como ações, representações e palavras que, encaradas em si mesmas, podem ser tidas como sistemas específicos a consciência é, portanto, uma estrutura composta de outras estruturas. Desenvolve-se com modificações da estrutura geral e de vínculo entre seus elementos, os quais mantêm entre si uma relação dialética de parte-todo, criada pela inserção dos sujeitos nas atividades sociais.

Ainda segundo a mesma autora, essa inserção está diretamente posta a um processo de integração, na qual esses sujeitos ocupam espaços na relação de suas percepções com os signos e dá interação com estes: “[...] integrando-se a novas atividades humanas, as pessoas apropriam-se das funções psíquicas superiores que

as medeiam: memória, atenção, linguagem oral, sentimento, linguagem escrita etc.” (TOASSA, 2006, p. 77).

Quanto maior a possibilidade de interação com as informações presentes nessas realidades, proporcionalmente serão maiores os níveis de desenvolvimento condicionados nesse processo, ou seja, quanto maior o contato de um indivíduo com sua e outras realidades, maior será sua acumulação de experiências, tanto quanto maior serão suas condições e possibilidades para o desenvolvimento de seu processo cognitivo. Consequentemente, também será mais efetiva sua interação com essa realidade no sentido da potencialização de ações afirmativas e transformadoras sobre ela.

Com efeito, no processo dialético da interação do indivíduo com o universo que o rodeia, faz com que tal indivíduo, bem como esse mesmo universo, constituam-se em uma dinâmica de evolução e revolução constante, à luz do que diz Vygotski (2006 p. 59):

Inúmeras impressões sensoriais bombardeiam o cérebro. Tais impressões são trabalhadas pelas funções psíquicas superiores, cuja atividade consciente consiste em atribuir sentido às impressões sensoriais, em produzir novas combinações dessas impressões, além de controlar as ações. O caráter voluntário e criativo da atividade cerebral permite, assim, dizer que a realidade reflete-se não apenas no, mas também pelo cérebro. Este processo desenvolve-se graças à mediação da experiência acumulada e sintetizada na linguagem: é com a apropriação dos sistemas de significações historicamente desenvolvidos que as pessoas são capazes de ir além das sensações, generalizando a experiência nas palavras. Os signos são estímulos artificialmente criados para a representação dos estímulos-objeto (coisas, pessoas) e para a acumulação de experiências acerca do meio: o caminho da criança à coisa, e da coisa à Criança passa por outra pessoa.

Não queremos, através deste estudo, promover uma discussão dos fundamentos filosóficos da historicidade humana na constituição de um processo de aprendizagem, além das possibilidades condicionadas pela dialética dos processos de compreensão do trabalho enquanto Atividade Humana, ou das bases de uma construção de um Materialismo Histórico. Contudo, não queremos desconsiderar que as relações constituídas entre cada indivíduo e o meio em que vivem, são determinadas por essas mesmas relações, as condições dadas pelo trabalho e os instrumentos que utilizamos para a realização deste trabalho, bem como os motivos

pelos quais os realizamos. Assim, concordamos com Duarte<sup>3</sup> (2001, p.151) quando afirma,

É aspecto bastante conhecido da teoria de Marx, que o processo pelo qual o ser humano foi se diferenciando dos demais seres vivos tem seu fundamento objetivo no trabalho, como atividade pela qual o homem transforma a natureza e a si próprio. Marx & Engels (1993, pp. 39-40), em A Ideologia Alemã, afirmaram o seguinte: [...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e de toda a história é que os homens devem estar em condições de viver para poder "fazer história". Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os seres humanos vivos. [...] O segundo ponto é que, satisfeita essa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades -- e esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico. (DUARTE, 2001, p.151)

Assim, a cada interação com os objetos de nossa realidade e através dos instrumentos que utilizamos nessa interação, novos elementos e uma nova constituição dessa realidade surge. À medida que sobre ela agimos, e a cada processo de apropriação, a cada nova necessidade emergente, outras condições se fazem presentes e necessárias.

O aspecto que aqui destacamos é o de que a apropriação de um objeto natural pelo homem, que transforma esse objeto em instrumento humano, nunca pode se realizar à revelia das condições objetivas originais desse objeto, ainda que estas venham a sofrer enormes transformações qualitativas em decorrência da atividade humana, gerando fenômenos sem precedentes na história natural. (VYGOTSKI, 2006, p. 59)

É importante aqui pensarmos nas novas tecnologias como instrumentos que fazem uso da linguagem, de um tipo específico de linguagem, ainda que sintética, fundada no radical da língua, idioma, cultura, relações sociais e produtivas, e direcionada em seu uso, as práticas daqueles que se utilizam desses instrumentos.

Portanto, aqui entendemos que essas novas tecnologias são, em certa medida, uma ferramenta que se constitui como tal, em objeto, por ser uma materialização de linguagens e línguas, necessidades e possibilidades pensadas por

---

<sup>3</sup> Optamos aqui por trazer a citação em sua íntegra, mesmo que longa, por entendermos que se faz necessário manter a argumentação do autor em sua totalidade para que compreendamos seu argumento dentro de seu contexto. Também porque entendemos que assim possibilitamos ao leitor também a compreensão de nosso ponto de análise.

seus usuários.

O objeto, portanto, não é totalmente subtraído de sua lógica natural mas esta é inserida na lógica da prática social. O homem não cria uma realidade sua, humana, sem apropriar-se da realidade natural. Ocorre que essa apropriação não se realiza sem a atividade humana, tanto aquela de utilização do objeto como um meio para alcançar uma finalidade consciente, como também e principalmente a atividade de transformação do objeto para que ele possa servir mais adequadamente às novas funções que passará a ter, ao ser inserido na atividade social. O objeto em seu estado natural é resultante da ação de forças físico-químicas e dependendo do objeto, de forças biológicas. Como instrumento ele passará a ser resultante também da vontade e da atividade do homem. (DUARTE, 2001, p. 155)

Um computador não seria nada além de um mero recurso da informática, se não ocupasse em muito o papel de mediar o acesso de seus usuários às informações que lhes sejam interessantes.

A utilização de linguagens adequadas, os diferentes usos feitos por seus usuários, fazem com que essas ferramentas ocupem os espaços da comunicação e da recepção dessas informações.

A possibilidade de configurá-los e utilizá-los em momentos em que são necessárias determinadas funcionalidades atribuem a estes recursos, objetos, um status de personificação das intenções de seus usuários ao fazerem, por tanto, uso dos mesmos.

Por certo, entendemos que esses instrumentos não ocupam o papel de interlocutores entre os Seres Humanos e o meio no qual estão inseridos, mas que são possibilitadores das condições para uma interação dessas pessoas com esse meio, à medida que essas pessoas interagem com os mesmos.

O ser humano cria uma nova função para aquele objeto (obviamente que tal criação se realiza inicialmente de forma não necessariamente intencional, sendo, muitas vezes, até totalmente acidental) e busca, pela sua atividade, obrigar, até onde lhe seja possível, o objeto a assumir as feições e características desejadas. Ou seja, existe aí um processo no qual o objeto, ao ser transformado em instrumento, passa a ser uma objetivação (como produto da atividade humana), pois o homem objetivou-se nele, transformou-o em objeto humanizado, portador de atividade humana. Isso não quer dizer apenas que o objeto sofreu a ação humana, pois isso em nada distinguiria o processo daquilo que dissemos acima, isto é, que o objeto em seu estado natural resulta da ação de forças naturais. (DUARTE, 2001. p. 155).

Como já dito, não podemos pensar que um determinado objeto vai assumir posturas humanas, mas que este vai em muito assumir, em seu uso, portanto depende de alguém que opere esse uso, as intenções daquele que opera esse

objeto.

De mesma forma, o usuário desse objeto vai reconhecer-se nele, e nas práticas mediadas por ele.

A questão fundamental é que, ao sofrer a ação humana, o objeto passa a ter novas funções, passa a ser uma síntese da atividade social, síntese essa que deverá ser objeto de apropriação por todos os seres humanos que venham a incorporar aquela objetivação à sua atividade individual. Outra forma pela qual a relação entre objetivação e apropriação se realiza na incorporação de um objeto natural à atividade social humana é a de que, nesse processo, surgem (objetivam-se) novas forças e necessidades humanas, em função de novas ações geradas pelo enriquecimento da atividade humana. E esse é um ponto importante para se conceber historicamente essa relação entre objetivação e apropriação na atividade social. (DUARTE, 2001. p. 155).

Assim como os usuários desses novos recursos tecnológicos passam a se reconhecer neles, o conjunto das sociedades, em suas relações, também passa a reconhecê-los, nas possibilidades de seus usos e interação social.

Não haveria desenvolvimento histórico se o homem se apropriasse de objetos que servissem de instrumentos para ações que possibilitassem apenas a utilização de um conjunto fechado de forças humanas e a satisfação de um conjunto também fechado de necessidades humanas. A possibilidade do desenvolvimento histórico é gerada justamente pelo fato de que a apropriação de um objeto (transformando-o em instrumento, pela objetivação da atividade humana nesse objeto e sua conseqüente inserção na atividade social) gera, na atividade e na consciência do homem, novas necessidades e novas forças, faculdades e capacidades. Essa é a razão pela qual consideramos a dialética entre objetivação e apropriação como aquela que constitui a dinâmica fundamental da historicidade humana: cada processo de apropriação e objetivação gera a necessidade de novas apropriações e novas objetivações. Na análise entre objetivação e apropriação, isto é, na produção de uma realidade humana, cada vez mais enriquecida por novas forças, novas capacidades e novas necessidades humanas. (DUARTE, 2001, p.155).

Como já dito neste texto, a cada novo recurso, aplicativo, tecnologia que surge, a cada nova possibilidade percebida e gerada pelos usos desses recursos tecnológicos, novos recursos são criados, proporcionalmente às intensidades desses usos.

Em outras palavras, sempre que as pessoas com algum tipo de deficiência vão conhecendo e cada vez mais aprendendo a melhor utilizar os computadores, por exemplo, em igual nível vão percebendo que outras e novas atividades podem ser realizadas com esses recursos. Percebem-se capazes de tal condição e buscam os meios necessários para o desenvolvimento dessas possibilidades.

A incorporação desses objetos nas práticas humanas faz com que os que



deles fazem uso, constituam-se como parte de uma relação cultural que se percebe como tal através desses objetos.

A transposição de um instrumento de trabalho em objeto cultural gera uma nova realidade para esses indivíduos, que agora passam a identificar-se com esses objetos em seu uso, e a compreender suas realidades através dos mesmos.

As tecnologias, sejam assistivas ou não, só constituem-se com um objeto possibilitador de transformação social, a partir do momento em que as pessoas que deles fazem uso percebam-se próprias para tal. Reconheçam-se como agentes de transformação social em decorrência dos sentidos que dão aos recursos tecnológicos dos quais fazem uso.

Poderíamos dizer, por outra parte, que todas as funções superiores não são produtos da biologia, nem da história da filogênese pura, mas sim que o próprio mecanismo que subjaz às funções psíquicas superiores é uma cópia do social. Todas as funções psíquicas superiores são relações interiorizadas de ordem social, são o fundamento da estrutura social da personalidade. Sua composição, estrutura genética e modo de ação, em uma palavra, toda a sua natureza é social, inclusive em converter-se em processos psíquicos segue sendo quase social. O homem inclusive a sós consigo mesmo, conserva funções de comunicação. Modificando a conhecida tese de Marx, poderíamos dizer que a natureza psíquica do homem vem a ser um conjunto de relações sociais transladadas ao interior e convertidas em funções da personalidade e em formas de sua estrutura. Não pretendemos dizer que esse seja, precisamente, o significado da tese de Marx, porém, vemos nela a expressão mais completa de todo o resultado da história do desenvolvimento cultural (VYGOTSKI, 1995, p. 151)

Na utilização dos computadores, novas tecnologias e afins, pessoas com deficiência aproximam-se de práticas que atendem suas necessidades de interação com suas realidades, bem como da compreensão da mesma.

O uso desses recursos cria as condições próprias para uma interação desses indivíduos com o meio social e seus pares, possibilitando em mesmo grau, ações afirmativas desses indivíduos sobre o meio, dando-lhes uma autonomia que corresponde aos níveis de utilização desses recursos, tais quais as necessidades para o mesmo uso.

Não queremos e nem podemos dizer aqui que pessoas com algum tipo de deficiência só venham a interagir com o meio no qual estão inseridas através da utilização de computadores e outras tecnologias. O que pensamos é que através desses recursos tecnológicos, pessoas com algum tipo de deficiência criam condições para um novo modelo de interação, à medida que constituem esses recursos como um instrumento de comunicação que possibilita o acesso a



determinadas informações, bem como, dentro de determinadas condições e situações, coloca essas pessoas, em especial, absolutamente dentro de uma certa "normalidade" social, profissional e cultural, próprias da atualidade.

No universo escolar, profissional, social e cultural, ainda são poucas as pessoas com deficiência que utilizam computadores e afins, como recursos "naturais" de seu cotidiano. Embora conhecidos, determinadas limitações, condições financeiras e praticidades fazem com que esse uso ainda seja um tanto quanto ínfimo nesses citados setores.

Entretanto, quando de seu uso, as rupturas de padrões pré-existent de incompletude e limitação a que pessoas com deficiência são predispostas pelos ditos "normais", fazem com que essas pessoas com deficiência possam estar em conformidade com as dinâmicas dessas realidades, interagindo, atuando, e muito especialmente percebendo-se como agentes afirmativos de transformação dessas mesmas realidades.

Pode-se dizer, de fato, que não há nada melhor para esvaziar os balões ideológicos e pôr um termo ao superaquecimento do discurso profético na educação do que uma avaliação rigorosa dos efeitos obtidos por esta ou aquela prática ideológica. Seria então particularmente salutar ir ao terreno da ação para verificar a eficácia das propostas pedagógicas que vem sendo elaboradas há muito tempo por toda parte. (MEIRIEU, 2002, p. 23)

Cada vez mais nos deparamos com um número crescente de pessoas com deficiência que fazem uso desses recursos. Em mesmo grau, crescem as pesquisas que em função dessas novas realidades, promovem o desenvolvimento de novos softwares próprios para pessoas com deficiência.

A cada novo projeto, novos elementos são postos em cena, com efeito, sempre consequentes das realidades das quais são provenientes, e causais de novas realidades. Compreender como se dá essa dinâmica, quais são os elementos que surgem e podem surgir dessa relação, constituem-se como um importante momento de entendimento desse processo.

Quais são os universos onde essa dinâmica se desenvolve?

Quais são as características das pessoas que fazem uso desses recursos?

Quais são as possibilidades que habitam o imaginário, os sentimentos, os conhecimentos dessas pessoas?

Quais são as realidades nas quais estavam e qual a que se percebem então, depois do contato com tais recursos?

Quais são os graus de diferenciamento que podemos apontar a partir do que percebemos nesses indivíduos, quanto ao uso desses recursos?

São muitas as perguntas que surgem à medida que vamos nos aprofundando nesse universo de práticas, vivências e variados usos dados a esses recursos de uma nova tecnologia sempre nascente.

Entendo que uma melhor compreensão desses processos nos dá condições de pensarmos em que medida o uso desses recursos, de fato, atua sobre as realidades das pessoas com deficiência.

As tecnologias são uma realidade na vida das pessoas com deficiência, contudo ainda existem inúmeras lacunas no que tange ao que realmente cada uma das pessoas entende como possibilidades quanto ao uso de tecnologias apresentadas como assistivas.

Até que ponto esses recursos despertam nessas pessoas o interesse por continuarem ampliando seus conhecimentos de forma afirmativa, ou "apenas" dando condições para que façam um uso paliativo de suas capacidades?

Em que medida nesses recursos encontramos as condições necessárias para que cada um desses indivíduos desenvolva em si os sentimentos, os conhecimentos, a consciência do que são realmente capazes de fazer a partir do uso desses recursos?

Portanto, a questão não é se devemos usar ou não a tecnologia na educação, senão analisar como fazer melhor uso dela num mundo globalizado e diversificado para o desenvolvimento sócio-cognitivo de nossos alunos. (PASSERINO, 2010 p.4).

Nesse sentido, pensamos a partir do que também diz Liliana Passerino, (2010, p.5), quando define os vários vetores para uma análise mais profunda desse processo:

O que parece ser o ponto comum de porque uma espécie desenvolve tecnologia é o fato de constituir um grupo social com interesses em comum (comunidade) e que utilizam algum mecanismo para transmissão de conhecimentos (educação). Este é o primeiro viés social presente na tecnologia, a origem e necessidade.

Se considerarmos o que diz Carlos Alberto Marques (2009), quando se refere ao fato de que nenhum Ser Humano é igual, esteja ele onde estiver no mundo, que não existe uma definição de um Ser que seja unívoco, podemos então inferir a ideia de que certamente os usos dessas e de outras tecnologias atuarão de

forma bastante efetiva e particular, nas realidades desses sujeitos, de acordo com a reflexão proposta por Passerino (2010, p.5) ao citar Castell e Bunge, trazendo a seguinte questão:

Não há dúvidas de que a tecnologia afeta nossa sociedade (CASTELL, 2008; BUNGE 1980, 1998) nos diversos sistemas sociais que compõem a civilização. De acordo com Bunge (1999) uma inovação técnica age sobre a sociedade direta ou indiretamente, mas a intensidade do impacto social dependem de vários outros fatores como originalidade, utilidade, custo, facilidade de uso (user-friendly), capacidade aquisitiva e nível educacional da população.

Por tanto, também a partir da reflexão trazida por Passerino (2010), essas transformações vão estar diretamente postas à constituição de novas realidades que surgem à medida que novos elementos passam a fazer parte do universo tecnológico e social, bem como pessoal dos sujeitos que se utilizam dos computadores e afins, ou até mesmo de outras tecnologias.

De acordo com Passerino (2010, p. 6), ao apresentar outro viés das realidades dos usos dessas tecnologias, vemos que

[...] as inovações tecnológicas podem alterar o modo de vida e por consequente a cultura de um sistema social. Por isso, toda inovação tecnológica é precedida de debates e expectativas, algumas das quais se concretizam e outras transformam-se apenas em mitos. Este é o segundo viés social presente na tecnologia, sua influência direta ou indireta em nossa cultura.

Dados os elementos presentes na realidade desse processo, consideramos o que Passerino (2010) refere como os diferentes grupos que analisam e debatem os usos das tecnologias pelas sociedades ou grupos sociais. Tendo presente os otimistas, que entendem as tecnologias como ações que promovem o desenvolvimento dessas sociedades e os pessimistas, que acreditam que as tecnologias minimizam a capacidade de nossa sociedade de se desenvolver em vários setores de nossa formação humana.

Um terceiro setor é o das chamadas tecnologias apropriadas, onde cada indivíduo ou um grupo social faz uso e constituição de tecnologias ligadas e relacionadas com os ambientes nos quais estão inseridos. De forma consciente, ecológica e autossustentável.

Correlacionando esses diferentes setores de usos das tecnologias da informática e comunicações, vamos pensar nas relações estabelecidas entre pessoas com deficiência e os recursos tecnológicos como um processo de

apropriação dessas tecnologias em diferentes ambientes e realidades.

Partindo dessas questões, pensamos no sentido de que os usos dessas tecnologias são fatores diretos e indiretos e muito eficientes no que diz respeito às transformações das realidades de seus usuários.

Podemos entender esses usos como potencializadores dessas transformações, e de forma mais específica, transformações que vão estar de acordo com as formas com que esses usuários vão utilizar esses recursos.

De acordo com Passerino (2010, p.7) vemos que:

[...] as tecnologias seriam signos na medida em que permitem estruturar e organizar a ação humana; constituindo-se ao mesmo tempo, em produtos e produtores da cultura numa dialética entre pessoas, sociedade, tecnologia e cultura que não pode ser simplificada ou reduzida a uma única questão.

As relações insurgentes a partir dos contatos com as tecnologias, não dependem apenas de uma boa intenção por parte dos usuários deficientes, mas de uma compreensão dos ambientes nos quais esses contatos acontecem.

Ao mesmo tempo em que devemos pensar que são necessárias muitas mudanças no que diz respeito aos acessos dos deficientes a essas tecnologias, são necessárias grandes transformações culturais, estruturais, de acordo com que aponta Passerino (2010).

Também de acordo com a mesma autora (2010, p.8),

Por outro lado, as tecnologias permitem apropriar-nos de forma diferente dos conhecimentos, numa relação dinâmica entre conhecimento, sociedade e tecnologia. As tecnologias nos permitem, assim, visualizar, conhecer e experimentar fenômenos de formas diferentes apresentando o conhecimento desde perspectivas diferenciadas. O que, pela sua vez, se reflete na produção de novos conhecimentos que poderão levar à criação de outras tecnologias e assim sucessivamente num processo recursivo ascendente e fortemente dialético.

Cada etapa dessa construção faz com que novos elementos se façam presentes e pertinentes, para que assim possamos ter uma visão global, sistêmica do processo de apropriação das tecnologias da informática, comunicação, bem como constituídas assistivamente, por parte das pessoas com deficiência.

Os computadores e afins, como já dito anteriormente neste texto, são uma realidade cada vez mais crescente, eficiente, determinante nas ações e transformações pretendidas por seus usuários.

Entender que as pessoas com deficiência utilizam esses recursos para atingirem seus objetivos, que por muitas vezes são compartilhados por toda uma

sociedade, é entender que esses mesmos recursos aparecem como elementos importantes na escolha dos caminhos pelos quais esses indivíduos estão percorrendo suas trajetórias de vida social, profissional, familiar e humana.

São muitas as pessoas que fazem uso desses recursos, ao mesmo tempo em que também são muitas as pessoas que não se utilizam deles pelos mais variados motivos.

A questão é lançar um olhar sobre o como cada uma dessas pessoas faz ou não uso desses instrumentos, muito especialmente em seus contextos de trabalho. Em que condições o contato ou distanciamento com essas ferramentas se fez, ou por que não ocorreu.

A grande ideia básica de que o mundo não deve ser visto como um complexo de objetos completamente acabados, mas sim como um complexo de processos, no qual objetos aparentemente estáveis, nada menos do que suas imagens em nossas cabeças (nossos conceitos), estão em incessante processo de transformação. (VYGOTSKI, 1991, p.134)

De fato, a historicidade humana, ao ser observada por um viés Sócio-histórico, apresenta-se como uma importante ferramenta de compreensão dos processos de constituição das identidades dos indivíduos que se reconhecem como agentes afirmativos deste processo.

Em outras palavras, estar na história é um papel inerente a qualquer indivíduo humano. Contudo, fazer, ser detentor das compreensões de sua historicidade é algo próprio aos indivíduos que se percebem como sujeitos desta história, de sua história, e se apresentam como elemento participante e afirmativo de si, em processo, inconcluso, porém ativo, proponente dos caminhos pelos quais pretende trilhar suas trajetórias.

### 3.1 TECNOLOGIAS ASSISTIVAS E SOLUÇÕES ASSISTIVAS: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Ao falarmos de Soluções Assistivas, primeiramente devemos entendê-las dentro do contexto no qual o termo será utilizado, ou seja, a partir das relações estabelecidas entre usuários de tecnologias, enquanto assistivas, em seus espaços de ações, produção e operação de práticas referentes as suas realidades de trabalho, profissional.

Entender o que significa tecnologia não implica compreender o que venha a

ser tecnologia assistiva como tal, uma vez que a assistência promovida pelo uso de determinada tecnologia está além das características originais de uso e recursos presentes nessas tecnologias.

A compreensão do que vem a ser de fato tecnologia assistiva, parte das formas com que a mesma se caracteriza e de como passa a ser utilizada por sujeitos com algum tipo de deficiência.

Em outras palavras, uma tecnologia se torna assistiva, quando possibilita ao usuário deficiente sua utilização em ações nas quais os recursos presentes nesta tecnologia ou recurso tecnológico propiciam o sucesso da atividade, tarefa e ou operação pretendida.

Para Bersch (2006, p.2), tecnologia assistiva "[...] é um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de Recursos e Serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e, conseqüentemente, promover Vida Independente e Inclusão".

Nesse sentido, tecnologia assistiva não pode ser entendida fora desse contexto maior de relações que se apresentam além das meras características físicas, técnicas de um determinado recurso, mas sim, de onde esse é percebido por aqueles que farão uso desses recursos e como esse uso se dará.

Especialmente considerando suas múltiplas caracterizações, relações e correlações presentes ao longo de todo processo desencadeado pelo uso desses recursos.

Para Rocha e Castiglioni (2005, p. 97), de fato, tecnologia assistiva vem a ser e é, "[...] um fenômeno multidimensional, que envolve aspectos mecânicos, biomecânicos, ergonômicos, funcionais, cinesiológicos, éticos, estéticos, políticos, afetivos, subjetivos".

Assim, atua de forma efetiva nas relações vindouras dos contatos e inter-relações presentes entre esses setores da composição das realidades daqueles que vão fazer uso desses recursos, bem como as resultantes dessas relações.

Dessa forma, de acordo com Domingues (2005), caracteriza-se e apresenta-se como um processo interdisciplinar e/ou transdisciplinar, estando diretamente postas as inter-relações resultantes desta dinâmica. Para Bersch (2006), podemos entender a diferença entre recursos tecnológicos, propriamente ditos, e tecnologias assistivas, a partir do momento em que considerarmos que existem recursos próprios para o atendimento terapêutico e/ou pedagógicos. Sendo assim, devemos

entender as tecnologias assistivas como o "recurso do usuário" e não como "recurso do profissional" ou de alguma área específica de atuação.

Para a autora, esses recursos tecnológicos assistivos devem estar a serviço dos seus usuários para que os mesmos venham a desempenhar atividades cotidianas e não sendo este recurso próprio para o desempenho de uma determinada ação, ou seja, é um recurso que está voltado para o usuário, para que este tenha as condições de realizar esta ou outras ações dentro das demandas em suas atividades cotidianas, relacionais, sociais e profissionais, poder desempenhar funções do cotidiano de forma autônoma e independente.

É nesta relação, entre usuários e os recursos dos quais estes sujeitos com deficiência fazem uso, que entendemos que surgem outros fatores, outros elementos que passam a definir como as tecnologias passam a ser assistivas e como elas passam a atender às demandas dos interesses destes usuários.

Surge daí um processo de atuação, ou seja, das maneiras com as quais as pessoas com deficiência, tendo determinados recursos ao seu dispor, vão fazer uso desses recursos para buscar o sucesso na realização de suas atividades.

Para Passerino (2010), o simples fato de termos uma pessoa fazendo uso de uma determinada tecnologia não significa que alcançará êxito nas operações pretendidas por ela. Somente através de uma significativa transformação cultural nas formas com que ela fará uso, é que de fato será determinante para tal êxito.

Com isso, entendemos que o termo tecnologia assistiva compreende o conjunto de recursos, instrumentos, ferramentas tecnológicas que de alguma forma auxiliam na criação de condições próprias para que pessoas com deficiência ou necessidades especiais tenham uma maior e melhor independência, autonomia, qualidade de vida e inclusão social (SANTAROSA, 2002) e serviços que venham a se associar aos recursos de forma a favorecer o desempenho de uma atividade ou tarefa (BERSCH, 2006).

Assim, através dessas condições próprias, ambiente adequado, a deficiência pode ser compensada por uma solução assistiva, efetivamente constituída por uma relação de tecnologias e sistemas sociais de forma a considerar uma visão ampla da tecnologia, de acordo com Pereira (2011) e Passerino (2010), ao considerarmos a "interligação" de elementos como o espaço e/ou ambiente, instrumentos ou dispositivos pensados para uma adequação desses espaços, bem como para a mobilidade desses sujeitos dentro desses ambientes e/ou espaços.

De certa forma, isso novamente nos remete a Wertsch (1999), ao apontar que nem sempre um instrumento ou recurso tecnológico pensado para determinada função vai estar em conformidade com os interesses ou as maneiras com que um determinado usuário pretende seu uso, podendo esse usuário vir ou não a utilizá-lo.

Daí a importância de se pensar nas interligações entre estes elementos, infraestrutura, dispositivos de comunicação e recursos individuais, que de alguma forma possam vir a compensar as limitações funcionais, e a "inteligência" do ambiente social (AAATE, 2003).

A análise precisa, minuciosa das compatibilidades desses elementos ao serem considerados, surge como uma determinante à medida que a inoperância dessa interligação pode agravar a própria deficiência, tanto física, quanto operacional, de acordo com a AAATE (2003).

Está, assim, em conformidade com as relações sociais da deficiência propostas por Vygotski (2009), quando indica que a dimensão primária da deficiência é decorrente da presença do defeito ou limitação funcional, o que em muito se apresenta como incompletude, enquanto que a dimensão secundária decorre da incapacidade dos sistemas sociais de compensarem a deficiência de forma a garantir o desenvolvimento do sujeito.

Com isso, entendemos que uma compreensão, adequação, adaptação dos espaços, ambientes, e das condições nas quais uma determinada pessoa com deficiência vai utilizar um determinado recurso tecnológico que se apresenta como tecnologia assistiva, é fundamental para que esse uso a interdisciplinaridade, as relações que surgem além da própria tecnologia, a interligação e compatibilidade desses elementos, passam a contribuir para que esse sujeito possa alcançar sucesso nas atividades ou tarefas que pretende desempenhar em suas atividades profissionais.

Dessa forma, é necessário se levar em conta três perspectivas que surgem como indicadoras para uma significação dessas soluções assistivas:

As questões tecnológicas (entre os quais se encontram as TA); questões socioeconômicas e de políticas públicas; e questões sociais e individuais (desenvolvimento humano).

Para a AAATE (2003), cada perspectiva deve ser abordada a partir de três dimensões: o desenvolvimento de novos conhecimentos, integração interdisciplinar e a transferência de conhecimentos por meio da formação e da educação de



recursos humanos. Esta última dimensão é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva.

É importante pensarmos a tecnologia como um elemento que está presente, nas relações sociais, nas dimensões humanas, atuando não apenas como um mero recurso tecnológico, mas ocupando o papel de mediadora das relações dos indivíduos com o meio, e que são instrumentos configuradores de transformação social e pessoal.

Para Passerino (2010), a tecnologia está alicerçada em pressupostos sócio-históricos, sendo parte de um processo de significação e ressignificação das relações humanas, e é, portanto, determinante, à medida que é utilizada e pensada a partir de estratégias específicas, voltadas para solucionar questões que surgem como obstáculos para a atuação das pessoas com deficiência nos meios em que estão inseridas, bem como, sendo a própria deficiência proveniente de uma visão social. É necessário que compreendamos as Soluções Assistivas como um processo tanto tecnológico, quanto social, de desenvolvimento humano.

Portanto, a concepção de Solução Assistiva enquanto processo de mediação nos permite uma análise da mesma sob os pressupostos de Ação Mediadora definidas por Wertsch (1999, p.36), pois, "[...] só se pode entender a ação humana adequadamente invocando perspectivas múltiplas e examinando as tensões dialéticas que existem entre elas".

Dessa forma, de acordo com Passerino, (2012), são necessários, como fatores de compreensão do fenômeno que indicam a constituição de práticas que levam ao desenvolvimento de Soluções Assistivas, cinco princípios básicos para se analisar a ação humana: O ato (o que está acontecendo), a cena (fundo do ato ou lugar da situação), o agente(s) (pessoa ou grupo de pessoa que executaram o ato), a agência (Meios e instrumentos utilizados) e o propósito (finalidade do ato em si).

As correlações entre esses elementos ocorrem de forma sistêmica, processual, apresentando-se em um contexto de análise sócio-histórico, portanto, posto as interligações decorrentes da própria historicidade dos sujeitos envolvidos no fenômeno, ou seja, da relação existente entre cada um dos elementos presentes neste fenômeno, uma nova correlação de elementos e condições se configura, à medida que cada diferente sujeito interage e atua sobre o próprio fenômeno, constituindo, assim, uma nova realidade, que por sua vez vai agir sobre o mesmo sujeito, desse modo, sucessivamente, estabelecendo-se por definição como relação

dialética em si.

Para que, dessa maneira, possamos analisar e interpretar as realidades, como um processo resultante da ação humana, enquanto dialética dos processos da constituição de sua sociogênese.

Portanto, o pensar da constituição de um estudo que busca compreender como ocorre e ou emergem práticas que se apresentam como Soluções Assistivas, é desenvolver uma análise que pretende aprofundar o entendimento dos entrelaçamentos e pontos de conexão que possibilitam o desencadeamento de tal fenômeno com efeito, o do desenvolvimento de condições capazes de proporcionar às pessoas com deficiência, uma inclusão que de fato se perceba compatível com as realidades funcionais, de trabalho, de seus pares.

Apresentam-se, assim, como ações afirmativas e transformadoras nas vidas e nas realidades profissionais de pessoas com deficiência. Com isso, pensamos que tal fenômeno pode ser pensado a partir do desencadeamento de um processo, disparado, de acordo com Wertsch (1999), pelas "Tensões Dialéticas" que ressignificam essas ações e torna possível, através de um olhar mais aprofundado, entendê-las e defini-las a sua maneira. Pensamos em subdivisões de análise para estas Soluções Assistivas constituídas, distribuindo-as em três diferentes categorias, embora sempre as entendendo conjuntamente em um processo de inserção em contextos sócio/históricos.

Sendo estas:

**a) Soluções Assistivas Específicas:**

Consiste no conjunto de soluções que surgem e/ou são desenvolvidas a partir de necessidades e ou situações específicas, surgentes em determinados momentos, dado o conjunto de situações condicionantes para tal, ou seja, a mesma atividade só poderá ser executada se para tanto sejam criadas algumas soluções frente aos obstáculos ali presentes.

Em outras palavras, é quando essa determinada necessidade surge, e para suplantá-la é necessário que ali sejam pensadas, criadas as condições apenas para a realização dessa necessidade em específico, sendo, portanto, tal ação ou emprego de tal solução apenas para a efetiva realização desta atividade.

Por muitas vezes, até mesmo aquelas medidas, ações que parecem óbvias, tornam-se ações bastante específicas para um determinado sujeito, igualmente para

uma determinada atividade, construindo, portanto, as condições para a realização dessa ou de outras atividades semelhantes, sem que assim percam suas características de estarem atendendo uma situação específica, ou seja, uma demanda que atende às necessidades de um momento ou espaço/ambiente específico.

O fato de uma determinada ação assumir características de possível permanência, isto é, de que poderá ser utilizada outras vezes, não faz com que essa ação perca sua identidade de específica, uma vez que aqui falamos em processo que como tal, opera a partir de um estímulo desencadeador, que nestes casos assume o papel de Solução Assistiva Específica nesse contexto aplicado.

Assim, origina-se uma Solução que assiste apenas a essa necessidade específica, portanto Solução Assistiva Específica.

De fato, quando o agente, frente às condições que uma determinada cena lhe impõe, busca através da constituição de um ato determinado, com efeito, através da elaboração de recursos físicos ou situacionais, operar sob a agência de soluções que possibilitam a totalidade das condições capazes de lhe dar assistência necessária para o êxito de um determinado propósito, efetivamente mediado pelo contexto no qual tal cena ocorre, sendo como tal, específica.

A partir disso, pensamos tais Soluções Assistivas Especificamente continuadas, em situações, momentos distintos:

#### **b) Soluções Assistivas Específicas e Imediatas**

É quando uma determinada "cena", situação exige o desenvolvimento de uma determinada solução para a realização de uma também determinada atividade.

Dessa forma, serve inicialmente apenas como uma ação imediata, em um tempo e espaço absolutamente específico, sendo ou não utilizada novamente, ou descartada, já que frente a outras situações, vem ou não apresentar a mesma eficiência ou compatibilidade de uso entre usuário e recurso.

Nesse sentido, uma Solução Assistiva Imediata, traz inerente em sua origem a capacidade mediática de constituir as compatibilidades entre usuários desta Solução, bem como a titularidade condicional para o desencadeamento de um processo continuado de aplicabilidade, ou seja, é esta provocadora de novas situações e condições Assistivas, tanto quanto próprias para seu uso em outras e novas situações, semelhantes ou não às originais.

Com isso, qualificamos uma Solução Assistiva Imediata como assistente de uma condição ou situação, vindo a ser efetivamente afirmativa ao desenrolar de processos transitórios em si mesma, à medida que permanece compatível em seu uso e práticas com seus usuários.

Esse processo transitório é o que nomeamos de Processo Continuado, uma vez que se estabelece como processo, meio, e não fim, podendo em sua essência vir a ser potencializador de novas relações assistivas, passível de permanências ou transformações em suas características originais.

Desencadeia, assim, o que é entendido por Vygotski da seguinte forma:

[...] um complexo processo dialético, caracterizado pela periodicidade, irregularidade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, entrelaçamento de fatores externos e internos e processos adaptativos. (VYGOTSKI, 1991, p. 138)

Portanto, elas são originalmente pensadas, ainda mantendo uma identidade primeira que as identifica com sua forma nascente, ao que, com efeito, as reconhecemos neste estágio como Soluções Assistivas Imediatas Continuadas.

Neste estágio, consideramos também aquelas formas de assistência já tradicionalmente reconhecidas como ações Assistivas, no uso de recursos tecnológicos assistivos ou tecnologias Assistivas.

Como por exemplo, os softwares Leitores de Tela ou a própria língua de sinais.

O que para nós diferencia esses recursos de suas formas originalmente pensadas é o fato de estarem assumindo estas características Assistivas dentro de um contexto específico e imediato. Contudo, apresentam nesses processos os elementos fundamentais para a constituição de um processo continuado de uso em situações semelhantes ou diferentes.

Para nós, não é uma resignificação dos usos ou sentidos desses recursos, mas sim, uma nova forma de leitura contextual dos mesmos a partir das compreensões do que entendemos como Soluções Assistivas.

### **c) Soluções Assistivas Permanentes Funcionais.**

Uma vez desenvolvidas, surgentes, tornam-se, como tal, permanentes, sendo assim, utilizadas tantas e quantas vezes forem necessárias, não estando atreladas ao tempo e ao espaço necessariamente.

Podem surgir de situações imediatas, mas se condicionadas a um processo continuado, passam ao status de permanente Funcional, devido ao grau de eficiência, funcionalidade e necessidade que se constituem permanentemente presentes nas realidades nas quais foram pensadas e desenvolvidas.

Em certa medida, geradas a partir dos interesses de contentamento das necessidades humanas de determinados grupos, e constituindo-se assim, Assistivas, e enquanto Assistivas, na construção de soluções para uma maior e melhor aplicação das mesmas, a fim de atingir determinados objetivos.

Assim sendo, como algo profundamente afirmativo e transformador nas vidas e realidades de seus usuários, independentemente dos campos nos quais esse uso ocorre.

O que parece ser o ponto comum de porque uma espécie desenvolve tecnologia é o fato de constituir um grupo social com interesses em comum (comunidade) e que utilizam algum mecanismo para transmissão de conhecimentos (educação). Este é o primeiro viés social presente na tecnologia, sua origem e necessidade. (PASSERINO, 2010 p. 10)

Com isso, neste estágio processual, as Soluções Assistivas tornam-se "Permanentes" e "Funcionais", na medida em que as percebemos como potencialmente parte da estrutura e da infraestrutura, ocupando o papel de fundamentais para uma acessibilidade real e potente.

Aqui pensamos nos usos de recursos como os Leitores de Tela, rampas de acesso, placas com linguagem de sinais, entre outros recursos semelhantes.

São dispositivos utilizados, mesmo que em situações específicas, em situações imediatas, mas que passam a fazer parte de contextos mais amplos do que aqueles nos quais foram originalmente pensados.

A questão não é, portanto, se tais recursos já são existentes, mas sim, em que situações, momentos e ambientes que são utilizados e de como estes se tornam permanentes nestes contextos.

Em outras palavras, aqui estamos falando em processo, e não na forma desses recursos, ou seja, nos processos de ruptura dos limites temporais e ou espaciais desses recursos ou práticas Assistivas.

Por definição, é o que então entendemos por Soluções Assistivas em seus processos de surgimento e transformação.

Partindo disso, pensamos que os usos dessas tecnologias, e de suas efetivas compatibilidades ao desenvolvimento de Soluções Assistivas, são fatores

diretos e indiretos e muito eficientes no que diz respeito às transformações das realidades de seus usuários.

Podemos entender esses usos como potencializadores dessas transformações, e de forma mais específica, transformações que vão estar de acordo com as formas com que esses usuários vão utilizar esses recursos.

De acordo com Passerino (2010) vemos que tais processos de apropriação e afirmação das soluções assistivas por parte dos sujeitos agentes destes mesmos processos:

[...] permitem estruturar e organizar a ação humana; constituindo-se ao mesmo tempo, produtos e produtores da cultura numa dialética entre pessoas, sociedade, tecnologia e cultura que não pode ser simplificada ou reduzida a uma única questão (PASSERINO, 2010, p. 7).

As relações insurgentes a partir dos contatos, das interações com as tecnologias e as potenciais Soluções surgentes destas relações, não dependem apenas de uma boa intenção por parte dos usuários deficientes, mas de uma compreensão dos ambientes, cena nos quais esses contatos acontecem.

Também de acordo com a mesma autora (2010, p.8),

Por outro lado, as tecnologias permitem apropriar-nos de forma diferente dos conhecimentos, numa relação dinâmica entre conhecimento, sociedade e tecnologia. As tecnologias nos permitem, assim, visualizar, conhecer e experimentar fenômenos de formas diferentes apresentando o conhecimento desde perspectivas diferenciadas. O que, pela sua vez, se reflete na produção de novos conhecimentos que poderão levar à criação de outras tecnologias e assim sucessivamente num processo recursivo ascendente e fortemente dialético.

Cada etapa dessa construção faz com que novos elementos se façam presentes e pertinentes, para que assim possamos ter uma visão global, sistêmica do processo de apropriação das tecnologias, bem como constituídas assistivamente, por parte das pessoas com deficiência.

Portanto, uma Solução Assistiva Permanente Funcional é o resultado decorrente de um processo de inter-relações estabelecidas a partir de Soluções que foram pensadas e desenvolvidas para uma situação imediata, mas que pela sua eficiência e funcionalidade apresentam-se Continuadas, vindo ao fim e ao cabo deste processo a tornarem-se permanentes, e condicionadas a sua eficiência e graus de utilização, Funcionais.

Em outras palavras, é a transição do imediato ao permanente, onde uma determinada solução assistiva transpõe o nível para o qual fora originalmente pensada e constitui-se, portanto, como continuação de si mesma, em seu uso,

igualmente tornando-se referência para um determinado conjunto de condições postas a necessidade da ocorrência de condições acessíveis para tal.

## 4 METODOLOGIA

O presente estudo buscou compreender como emergem práticas culturais mediadas por tecnologia, a partir da dialética dos processos de apropriação dos saberes, que se constituem como soluções Assistivas nos contextos profissionais de pessoas com algum tipo de deficiência.

Para tanto, partiu-se de uma pesquisa qualitativa estruturada como estudo de caso, uma vez que entendemos que desta forma podemos, segundo Ludke e André (1984), melhor compreender esse processo de apropriação de saberes, bem como das práticas de utilização de tecnologias em ambientes laborais, partindo do fato de que, segundo as autoras, os Seres Humanos são sujeitos ativos e passivos, ou seja, atuam sobre, bem como sofrem as influências de suas próprias ações, nos processos de constituição das realidades nas quais estão inseridos.

Cada indivíduo é um participante afirmativo nas dinâmicas de transformação e compreensão destas mesmas realidades.

Assim, optamos por um estudo multicaso a fim de estabelecermos condições para uma maior e melhor compreensão do objeto de pesquisa anunciado a partir da construção de uma análise dialética das relações entre pessoa com deficiência e tecnologia no contexto laboral, objetivando dar conta dos seguintes objetivos definidos:

a) Identificar elementos que possam explicitar a dinâmica dos processos de apropriação dos saberes, enquanto dialética, da constituição das práticas de uso e aprendizagem no uso de tecnologias que venham a se constituir como soluções Assistivas em realidades pessoais e profissionais de pessoas com algum tipo de deficiência;

b) Estabelecer pontos de conexão, entre o uso e a resignificação desses mesmos usos, a partir das realidades das quais estes sujeitos são provenientes;

c) Identificar nos processos de interação como a utilização de recursos tecnológicos configuram novas práticas e identidades. Para atender os objetivos propostos, foram pensadas 5 etapas no desenvolvimento do presente estudo, sendo estas:

1) *Estado da arte dos estudos teóricos que auxiliaram na delimitação do*



*constructo teórico Soluções Assistivas:*

Buscamos, através da coleta de dados em bancos de dissertações e teses da CAPES, observar o universo de pesquisa que vem se estabelecendo nos últimos anos, quanto a estudos referentes ao uso e desenvolvimento de recursos tecnológicos e/ou tecnologias Assistivas voltadas para pessoas com algum tipo de deficiência.

Neste procedimento, paralelamente ao desenvolvimento de toda a pesquisa, buscamos estabelecer um diálogo com a comunidade de pesquisa, a fim de identificar ligações, pontos de conexões, lastros e caminhos trilhados na compreensão das realidades que permeiam as perspectivas de observação científica deste fenômeno, o de pessoas com deficiência no universo laboral.

*2) Definição dos casos:*

Foram definidos 6 casos, sendo estes:

Sujeito 1, deficiente físico (Síndrome de Greb), mulher, com curso superior, psicologia.

Sujeito 2, deficiente visual, mulher, também com curso superior, jornalismo.

Sujeito 3, deficiente visual, mulher, ensino médio.

Sujeito 4, deficiente intelectual, homem, ensino fundamental.

Sujeito 5, deficiente auditivo, mulher, ensino técnico, designer fotográfico.

Sujeito 6, deficiente físico, mulher, ensino superior, jornalismo.

Todos os sujeitos inseridos em suas práticas laborais respectivas a suas áreas de formação ou atuação capaz, de mesma forma tendo sido cada um desses sujeitos contratados anteriormente por outras empresas, ou seja, não sendo essa empresa seu primeiro emprego.

Todos estão em práticas efetivas, não sendo estagiários, bolsistas ou afins, mas funcionários efetivos dessa empresa, estando também predispostos aos planos de carreira e formação oferecidos pela mesma.

A empresa dispõe de um setor específico de acompanhamento de pessoas com deficiência.

“O Programa Integrar já existe desde 2000, e começou quando as empresas tiveram que assinar os termos de compromisso com a lei de cotas para portadores de deficiência. Então pensamos em construir este programa, que é o Programa Integrar, e foi se desenvolvendo e criando ações no decorrer destes 13 anos.”

(Gestor).

3) *Etapa de coleta de dados:*

No período de dezembro de 2013 a abril de 2014, através de visitas agendadas e previamente programadas, acompanhamos as dinâmicas cotidianas destes sujeitos, observando-os em seus locais de trabalho considerando:

- a) Suas práticas diárias.
- b) Obstáculos presentes na execução de suas práticas de trabalho.
- c) A interação com seus pares, colegas de trabalho.
- d) Recursos tecnológicos utilizados.
- e) Em quais funções e operações estes recursos tecnológicos são utilizados.
- f) Como ocorre a utilização destes recursos tecnológicos.
- g) Como o empregador otimiza ou não o uso destes recursos tecnológicos.
- h) Que alterações e custos são ou não necessários para a utilização destes recursos tecnológicos.
- i) Confecção de diário de campo contendo as perspectivas do pesquisador, quanto às realidades observadas.
- j) Realizamos entrevistas com os sujeitos observados, a fim de identificarmos suas perspectivas quanto às realidades nas quais estão inseridos.

Neste item "J", procedemos da seguinte forma:

- a) Entrevista questionário e/ou aberta, onde consideramos questões preliminares.
- b) Gravação em áudio e transcrição das entrevistas realizadas.
- c) Como foi autorizado, gravação em vídeo e transcrição dos espaços de trabalho e dos sujeitos em suas práticas laborais.

Através da observação dos itens gravados e registrados, foi possível estabelecer uma análise coordenada por diferentes perspectivas, onde desenvolvemos uma triangulação entre os elementos percebidos em diferentes situações de observações.

Tivemos por objetivo desenvolver este estudo com um conjunto específico de sujeitos observados, ou seja, ele foi indicado de acordo com a realidade percebida no local de observação.

Optamos assim, uma vez que percebemos que mesmo tendo nessa empresa observada um vasto número de pessoas com deficiência, as realidades de

trabalho apresentavam cruzamentos que não indicaram uma grande variação de funções e/ou situações, ou seja, entendemos que com esta amostragem de 6 sujeitos, bem distribuídos em diferentes áreas de atuação dentro da empresa, foi possível visualizar e contemplar os objetivos que foram propostos neste estudo.

As observações buscaram considerar as perspectivas dos administradores, ou seja, como entendem tal processo de inclusão, condicionamento dos locais de trabalho, bem como a adequação das atividades, e muito especialmente na construção de soluções Assistivas nesses espaços.

As práticas de observações e coleta de dados procuraram atender ao seguinte roteiro de atividades:

- a) Contato com os locais de trabalho onde estavam os sujeitos que foram observados.
- b) Contato com os sujeitos que foram observados.
- c) Reconhecimento dos locais, espaços, ambientes, contextos que foram observados.
- d) Reconhecimento de elementos indicadores de ações voltadas para a constituição de soluções Assistivas, bem como suas identificações para fins de um mapeamento dos contextos, ou seja, para que soubéssemos onde estávamos, e de onde igualmente estávamos observando o objeto da pesquisa e os contextos observados.
- e) Apresentação e formalização de pesquisa por meio de uma exposição dos objetivos aos sujeitos observados, bem como formalizamos por meio do aceite e assinatura dos termos de consentimentos que foram oficializados com os indivíduos observados e a pessoa jurídica contatada (Anexo A).

#### *4) Etapa de análise e discussão:*

Momento que ocorreu no período de abril a maio de 2014. Através de uma profunda análise dos dados coletados, bem como sua compilação, pretendeu-se compor um panorama geral dos universos e realidades observados, estabelecendo pontos de aproximação ou distanciamento entre eles.

Assim, desenvolvemos um estudo que visou compreender quais são as transformações reconhecidamente percebidas, quanto à busca ou não de soluções Assistivas para problemas que venham ou não surgir dentro dos contextos de trabalho aos quais os sujeitos observados foram postos a partir de suas práticas cotidianas.

Com isso, estabelecemos um diálogo com um referencial teórico fundamentado em pesquisas de relevância, no que diz respeito ao uso e desenvolvimento de tecnologias Assistivas, compreensão da dialética dos processos de constituição da identidade humana, bem como de sua historicidade, entendimento das tecnologias como signos de mediação, presença de práticas culturais que se apresentam como Soluções Assistivas nos contextos de trabalho observados.

#### 5) *Síntese:*

Uma vez devidamente coletados e analisados os dados da pesquisa, no período de abril a junho de 2014, estabelecemos uma discussão quanto aos mesmos dados, a partir do debate proposto em nosso referencial teórico, bem como das informações obtidas através da pesquisa de campo.

Com isso, constituímos uma visão ampla de qual é o cenário que se observa frente à presença ou não de práticas que fazem uso de recursos tecnológicos, e de que maneira foram ou não constituídas Soluções Assistivas nos contextos observados.

Dessa forma, promovemos uma categorização dos dados a partir do que diz Moraes (2003), qualificando nossa análise em unidades de estudo e também de acordo com Laville (1999), com uma observação mais próximas dos elementos que pudessem explicitar as realidades dos sujeitos observados.

Essa categorização priorizou, em um primeiro momento, os núcleos familiares e sociais como espaços e ambientes formadores de identidades e muito especialmente promotor de condições próprias para o desencadeamento de processos educativos e sociais, bem como de formação da historicidade humana capazes de estimular a busca por novas e melhores realidades para esses indivíduos, a partir de suas próprias ações sobre essas realidades.

Em um segundo momento, pensamos nos processos de aprendizagem formais, na escola e ambientes de ensino e formação acadêmicos, para que assim pudessemos visualizar como esses sujeitos interagem com seus pares sociais em ambientes extra familiares, e que promovem essa interação, assim como um conflito de interesses, opiniões e posturas igualmente sociais.

Por fim, pensamos nos próprios ambientes laborais e na definição de também categorias para uma melhor compreensão da constituição do que

entendemos por Soluções Assistivas.

Para isso, promovemos uma discussão das dinâmicas de constituição dessas Soluções Assistivas, também considerando toda a historicidade dos sujeitos, devidamente observadas nas categorias anteriores, e incorporando a perspectiva focada na visão da empresa, considerando os processos de adequação dos espaços e ambientes, bem como as dinâmicas relacionais entre gestor e empregado.

## **5 ANÁLISE DOS DADOS**

### **5.1 DIALÉTICA DOS PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO DOS SABERES, NA CONSTITUIÇÃO DE SOLUÇÕES ASSISTIVAS EM CONTEXTOS PROFISSIONAIS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.**

Como ponto de partida em análise, promovemos uma categorização dos dados coletados, a partir do que diz Moraes (2003), qualificando nossa análise em unidades de estudo com uma observação mais próxima dos elementos visando explicitar as realidades dos sujeitos observados.

Essa categorização priorizou em um primeiro momento, os núcleos familiares e sociais como espaços e ambientes formadores de identidades e muito especialmente promotores de condições próprias para o desencadeamento de processos educativos e sociais, bem como de formação da historicidade humana capazes de estimular a busca por novas e melhores realidades para estes indivíduos, a partir de suas próprias ações sobre estas realidades.

Em um segundo momento, foram focados processos de aprendizagem formais, na escola e ambientes de ensino e formação acadêmicas, para visualizar como estes sujeitos interagiam com seus pares sociais em ambientes extra-familiares.

Por fim, analisamos próprios ambientes laborais a partir da definição de categorias de Soluções Assistivas. Com isso, foi promovido-se uma discussão das dinâmicas de constituição destas Soluções Assistivas, considerando toda a historicidade destes sujeitos, devidamente observadas nas categorias anteriores.

Relembrando as subdivisões de análise para as Soluções Assistivas constituídas, como vimos no item 3.1, foram distribuídas em três categorias:

- a) Soluções Assistivas Específicas.
- b) Soluções Assistivas Imediatas & Imediatas Continuadas.
- c) Soluções Assistivas Permanentes Funcionais.

E os sujeitos trabalhadores com deficiência incluídos numa empresa de grande porte da região de Porto Alegre eram:

Sujeito 1, pessoa com deficiência física (Síndrome de Greb), mulher, com curso superior em psicologia.

Sujeito 2, pessoa com deficiência visual, mulher, também com curso superior, porém em jornalismo.

Sujeito 3, deficiência visual, mulher, ensino médio.

Sujeito 4, deficiência intelectual, homem, ensino fundamental.

Sujeito 5, pessoa com deficiência auditiva, mulher, ensino técnico.

Sujeito 6<sup>4</sup>, deficiência física, *osteogenesis imperfecta*, mais conhecida como ossos de vidro ou ossos de cristal.

Todos os sujeitos inseridos em suas práticas laborais respectivas a suas áreas de formação ou qualificação profissional, de mesma forma tendo sido cada um desses sujeitos contratados anteriormente por outras empresas, ou seja, não sendo esta empresa seus primeiros empregos.

Todos estão em práticas efetivas, não sendo estagiários, bolsistas ou afins, mas funcionários efetivos desta empresa, estando também os mesmos predispostos aos planos de carreira e formação oferecidos pela mesma.

Antes de iniciar a discussão e análise dos casos apresentamos o perfil da empresa.

## 5.2 CONTEXTO LABORAL: PERFIL DA EMPRESA

A empresa dispõe de um setor específico de acompanhamento de pessoas com deficiência, dentro de um universo de 160 profissionais declarados como “PCDs”, ou seja, pessoas com deficiência.

*“O Programa Integrar já existe desde 2000, e começou quando as empresas tiveram que assinar os termos de compromisso com a lei de cotas para portadores de deficiência. Então pensamos em construir este programa, que é o Programa Integrar, e foi se desenvolvendo e criando ações no decorrer destes 13 anos.”* (Gestor).

Tal programa atua desde seus ingressos na empresa, apresentando propostas de inclusão laboral através do sistema de cotas e formação permanente.

---

<sup>4</sup> Uma breve observação, este sujeito 6, mulher, já sofreu mais de 27 fraturas ao longo da vida. Possui curso superior.

*“Em relação à acessibilidade, eu falo hoje com muita segurança, acho que não tem nenhum tipo de deficiência que a empresa não tenha, apesar de não estarmos com nossas cotas preenchidas, fazemos um trabalho maior que é a inclusão. Trabalhamos com acessibilidade com todas as pessoas que ingressam aqui na empresa, num processo muito gradual. Começamos contratando uma pessoa para o RH (recursos humanos), com deficiência física, proveniente de uma doença congênita. Não consigo em apenas um processo de seleção detectar tudo que preciso adaptar para ela. Mas depois que ela ingressa na empresa, começamos a levantar todos os pontos juntamente com ela e com uma equipe grande que temos. Trabalhamos com o projeto integrar, que é quem cuida da acessibilidade. Para isso contatamos pessoas da área médica, segurança do trabalho, assistência social, tem toda uma equipe que trabalha neste processo. Tivemos que adaptar o elevador, baixar os bebedouros, construímos um banheiro novo. Uma arquiteta fez contato com essa funcionária, entramos em contato também com a segurança do trabalho que deveria fazer um trabalho em conjunto com a arquiteta. Adaptamos os trincos das portas, foi importante o trabalho que a equipe fez para conhecer esta funcionária melhor. Este é um exemplo que acontece com todos os que ingressam na empresa.” (Gestor).*

Por outro lado, não foram essas práticas inclusivas uma prática presente em todos os casos estudados, uma vez que nos casos 1, 2, 3 e 6 indivíduos contratados por meio de seus currículos e só posteriormente sendo os mesmos incluídos no sistema de cotas.

Por fim, os casos 4 e 5 por meio direto do sistema de vagas especiais, dada as condições perceptíveis da deficiência intelectual e no segundo caso, auditiva, bem como a mínima formação educacional do sujeito 4 e as aparentes dificuldades para a comunicação do sujeito 5.

Segundo os próprios sujeitos entrevistados, na empresa buscaram uma vaga de emprego, uma vez que ela estava oferecendo tal vaga para pessoas com deficiência.

*“Em agosto de 2013, eu estava procurando trabalho e no Jornal tinha que estavam procurando pessoas com deficiência, aí eu mandei e-mail, eles me chamaram conversei na entrevista, me chamou pra entrar em uma sala com todos os deficientes, aí eu fiz o currículo.” (Sujeito 5)*



Os demais sujeitos buscaram vagas de emprego referentes a suas áreas de atuação e formação, não ocultando suas deficiências. Efetivamente, apresentando primeiramente suas qualificações aos cargos. Já no processo seletivo, o fato de serem pessoas com deficiência, foi também uma informação presente. Contudo, de acordo com os próprios sujeitos, não sendo uma determinante para suas efetivas escolhas para a ocupação dos postos de trabalho.

Embora permaneça uma relativa incongruência quanto à certeza dessa não escolha determinada pelo fato de serem pessoas com deficiência.

*"Normalmente, as vagas aqui ano são exclusivas para Pcd's, então se temos uma vaga de auxiliar, se temos uma vaga administrativa que serve para um Pc, Nós Indicamos, mas essa pessoa também vai estar concorrendo para outras vagas, acredito que minha vaga não foi exclusiva, mas acredito que eu entrei por cota."*  
(Sujeito 1)

Em outras palavras, embora não tenham concorrido a cotas específicas para pessoas com deficiência, assim como os demais sujeitos com deficiência empregados nessa empresa, uma vez preenchidos os requisitos para o ingresso na empresa, passam a ser incluídos nas cotas.

De acordo com os demais entrevistados, não há uma discriminação de vagas para as cotas, a inclusão nas cotas vem de acordo com avaliações posteriores ao primeiro contato com a empresa em função de uma determinada vaga de emprego.

Com isso pensamos em um processo que atua sobre uma relativa ideia de que existem pessoas com deficiências capazes de serem empregadas por esta empresa.

Assim, uma vez percebidas as qualificações mínimas para a ocupação das pretendidas vagas de emprego, passa a ser a empresa efetiva na inclusão dos sujeitos em um sistema que pensa o profissional, mas também pensa nas características individuais de cada um desses candidatos.

Sendo estas pessoas com deficiência, ou seja, uma vez deficiente, logo será incluído no sistema de cotas especiais para pessoas com deficiência.

Sejam essas cotas já predestinadas ou não, o processo seletivo é que será de fato determinante para a inclusão no caso dos candidatos que almejam vagas

dentro de suas áreas de formação, e próprias para os candidatos que já buscam a inserção a partir da oportunidade de vagas já especiais pelo sistema de cotas.

### 5.3 AS RELAÇÕES PESSOAIS E SOCIAIS, FORMADORAS DE IDENTIDADES. A FAMÍLIA COMO PROMOTORA DE AUTONOMIA.

Aqui nos propomos um pensar muito particular aos processos e dinâmicas sociais e pessoais desenvolvidos dentro dos núcleos familiares.

Não porque pensamos ou entendemos este núcleo como detentores únicos das possibilidades dos desenvolvimentos das capacidades humanas e sociais, bem como pessoais, mas sim, como uma importante célula social, capaz de em si trazer, dentro de determinadas condições, as possibilidades de promover laços afetivos muito pertinentes no que diz respeito às construções de compreensões fundamentais na constituição das dinâmicas e processos que desencadeiam a formação de uma identidade autônoma, sendo elas possibilitadoras da apropriação de um pensar afirmativo das realidades nas quais cada um dos sujeitos envolvidos está inserido.

Entendemos que ao pensarmos as construções das práticas laborais de pessoas com deficiência dentro de seus ambientes de trabalho, precisamos recorrer à constituição do que para nós acontece como Soluções Assistivas que, de uma forma geral, considera o agente, cena, o ato, a agência e o propósito. E que essas soluções não emergem, portanto, do ambiente, como algo externo ao sujeito, e nem do sujeito como algo "natural" ou compensatório de desenvolvimento. Pelo contrário, acontece na tensão entre o agente, entendido aqui como sujeito sócio-histórico, a cena e propósito enquanto ambiente cultural, a agência enquanto artefato cultural, carregado de intencionalidade de uso e de historicidade pelos processos de criação e adaptação que a sociedade faz dos seus artefatos e, finalmente do ato em si, como prática cultural que se propõe a "executar" uma performance que envolve todos os elementos acima citados não de forma automática ou passiva, mas de forma interdependente, sabendo que tanto o agente, a cena e a agência apresentam intencionalidades impregnadas nos seus processos sócio-históricos de gênese.

Trazemos um pensar que se fundamenta no princípio de que esse sujeito, agente, não pode ser entendido sob hipótese alguma, sem considerarmos significativamente sua historicidade, primordial para compreendermos de que

maneira ele veio a entender-se como sujeito, agente de suas próprias realidades e, por sua vez, de todas as decorrências da mesma.

É este processo sócio-histórico sim, determinante nas escolhas que refletirão nos ambientes, cenas em que eles estarão ou estão inseridos, bem como na forma com que interagem com estes ambientes.

Dessa forma, constituindo o ato, que virá a se constituir conjuntamente com os propósitos ali presentes, e assim também quais recursos se fazem presentes nesse contexto, já que são esses recursos, em muito, fundamentais para a realização de uma grande gama de atividades e operações a serem executadas por esses indivíduos.

Acreditamos e entendemos que são os núcleos familiares capazes de trazer inerentes em sua constituição social, as potencialidades de operar sobre as deficiências, condicionando-as a uma percepção de normalidade humana e social, ou seja, nas famílias as pessoas com deficiência podem se perceber como normais, dentro das condições que ali se permitem a tais compreensões.

*"Nossa, meus pais sempre me trataram super normal, eu tinha que fazer atividades como qualquer criança. Eu acho que teve uma superproteção na questão de sair na rua, mais como adolescente, porque quando eu era criança, como eu te disse, eu era uma peste. Então eu vivia machucada, eu vivia jogando bola, batendo em árvore, batendo em telha." (Sujeito 2).*

*"Pra mim foi super normal, pois adolescência é aquilo de grupo e tal. E eu fazia parte sempre, meus pais sempre me incentivaram: de manhã eu jogava vôlei com as minhas colegas e de tarde eu ia na igreja. Isso sempre esteve muito forte e me ajudou a ser tão desinibida e me ajudou bastante, foi bem tranquilo." (Sujeito 1).*

De acordo com o próprio sujeito 1, as ocupações profissionais e de estudos, faculdade, impediram uma continuidade nas práticas sociais de esportes e de frequência na Igreja, o que de certa forma nos dá uma ideia de que essa participação, neste momento fora de extrema importância, dando ao sujeito 1 condições de se conectar com outras realidades, amigos, esportes, família, não desenvolvendo neste sujeito como que uma dependência deste acompanhamento de grupos, mas por outro lado, estimulando neste a capacidade de sentir-se capaz de conduzir sua própria vida.

No exemplo que veremos a seguir, temos uma situação na qual é próprio sujeito, gestor de suas ações, atividades, proposições com autonomia.

Autonomia essa construída ao longo de um processo de apropriação, que neste exemplo de caso se manifesta em uma atividade cotidiana, porém que traz uma carga de possibilidades para o surgimento de outras e novas condições de independência para este sujeito.

*“Entrevistador: e tu trabalha até que horas?”*

*Sujeito 4: Das 16H à meia noite, mas eu volto de van.*

*Entrevistador: Ah tá, a van da empresa mesmo?*

*Sujeito 4: Sim.*

*Entrevistador: Te larga em casa?*

*Sujeito 4: me larga em casa.*

*Entrevistador: E pra pegar? Quando tu vai pra lá.*

*Sujeito 4: Não, eu vou de ônibus.*

*Entrevistador: E tu vai sozinho?*

*Sujeito 4: Eu vou sozinho.*

*Entrevistador: E tu que aprendeu sozinho, tua mãe te ensinou? Sujeito 4: A minha mãe disse “Ah, deixa ele andar de ônibus, que eu acho que ele tem que andar de ônibus”.” eu já sou acostumado a andar de ônibus sozinho.*

*Entrevistador: Mas tu mora lá do outro lado da cidade NE? Sujeito 4: Moro, do outro lado.*

*Entrevistador: E tu tem que pegar dois ônibus?*

*Sujeito 4: Dois ônibus. Eu pego o Fátima, desço até o centro e vou até o Salgado filho e pego o TV.*

*Entrevistador: Uhum. E desde que idade tu aprendeu a andar sozinho?*

*Sujeito 4: Desde os 15 anos.*

*Entrevistador: Desde os 15!?*

*Sujeito 4: Acho que é.*

*Entrevistador: E a tua mãe que te ensinou?*

*Sujeito 4: Ela que me ensinou, depois eu comecei a andar sozinho.*

*Entrevistador: E aonde mais que tu vai quando tu quer sair assim?*

*Sujeito 4: Às vezes eu vou no shopping, no Iguatemi, no Wallig, no Praia de Belas.*

*Entrevistador: Mas daí vai com amigos, com a mãe?*

*Sujeito 4: Não, com a namorada.”*

No mesmo sentido, com relação ao Sujeito 1, na construção destas perspectivas de vida:

As preocupações com seu futuro sempre foram presentes em seus primeiros anos de vida, uma vez que veio a caminhar apenas com 4 anos de idade, o que gerou dentro do núcleo familiar uma atenção especial quanto as formas com que a casa, os ambientes seriam preparados para que a mesma pudesse estar neste ambiente doméstico.

Sendo esta a mais nova em uma família de 3 irmãos, podemos inferir uma certa atribulação nas práticas mais cotidianas, rompendo com paradigmas de convívio familiar.

*"Eu moro só com a minha mãe, meus pais são separados e eu tenho dois irmãos (sem deficiência) eu sou a mais jovem, e pra minha mãe eu acho que foi mais difícil porque eu acredito que pra ela foi mais complicado pela aceitação, a culpa. E tem todo aquele estereótipo que pra menina tem como comprar saias, calças e foi difícil de aceitar. Ela teve depressão pós-parto e teve que ter todo um acompanhamento, na época não tinha eco nem nada. Foi um susto, pois eu nasci sem bracinhos e perninhas, como foi uma turbulência ninguém guardou o tamanho, nem nada... A primeira coisa que a minha mãe indago o médico foi: E agora o que vai ser o futuro dela? E ele falou que eu teria que ficar em uma cama, não faria nada. Pensaram em preparar a minha casa, meus irmãos." (Sujeito 1).*

Sendo este sujeito pertencente a uma família, na época que se apresentava em uma composição tradicional.

*"A minha mãe é aposentada e meu pai ele era funcionário público do DEMAÉ, mas nada assim de mais, ao longo dos anos cada um foi se adaptando com meu jeito. Como minha mãe sempre foi católica, ela sempre disse que com fé eu ia caminhar e tal. E eu fui caminhar com quase quatro anos, ai ficamos apavorados em como fazer para adaptar a casa." (Sujeito 1)*

Mesmo que por muitas vezes a palavra ou pelo menos a ideia preocupação esteja presente, são nas formas com que cada grupo familiar ou núcleo social encara, confronta estas realidades é que define o que de fato virá a ser efetivamente obstáculo nestas trajetórias.

*“Eu moro com meus pais, eu sou filha única e rolou muita super proteção, foi bem complicado de deixar eles me largarem de mão. Até hoje eles tem esse cuidado todo, mas eu sempre tive uma base familiar, eles sempre me incentivaram a lutar, sempre foram muito exigentes comigo.” (Sujeito 3).*

Entenda-se aqui que na naturalidade ou nas dificuldades também estão postas as diferentes maneiras com que cada sujeito, inseridos nestes grupos vai promover suas compreensões destas realidades.

*“Foi tudo bem natural assim pra mim, porque como eu era a segunda numa família de três cegos. Os maus pedaços, mais assim, a minha irmã tinha passado um pouco, porque apesar de serem três anos de diferença e como ela começou a estudar mais tarde, as séries foram um ano diferente da outra, porque inicialmente, dizia-se claramente que não seria dado acesso ao estudo pra só três pessoas que não enxergam, no caso em idade escolar, só era a minha e a da minha irmã, duas pessoas. Então nós viemos pra Porto Alegre, moramos aqui um tempo, passamos pela Escola Louis Braille, onde nós ficamos um ano e retornamos. E aí com a ajuda de uma pessoa, uma ou duas pessoas, foram poucas pessoas na verdade que acreditaram que isso podia acontecer, nós começamos a estudar em escola regular. Foi tudo, eu acho, que muito tranquilo. Tinha seus problemas, tinha aqueles professores que não aceitavam que a gente não poderia fazer igual aos outros alunos, porque obviamente a deficiência impõe limitações. E eu acho que tu aprender a aceitar isso é o primeiro passo pra que tu mesmo possa te impor perante a sociedade.” (Sujeito 2).*

A partir de questões como esta, de relação interpessoal e social, fundada nas próprias relações estabelecidas dentro desses núcleos familiares, entendemos a constituição da dialética processual desencadeada a cerca das formas com que cada um desses sujeitos age e interage nos e com os meios aos quais estão

inseridos.

*“Moro em casa e é toda adaptada, eu moro nela faz um ano e meio, e procuramos uma casa meio que adaptada para não mudarmos muito. O máximo que fez foi retirar a porta do banheiro. Meu quarto é todo acessível, todo do meu tamanho.” (Sujeito 6)*

Em todos os 6 casos estudados, percebemos uma ampla relação com estes meios, sejam estas relações provocadas por outros ou por si mesmos, mas sempre a presença destas relações de interação com os meios.

A presença da deficiência tornou-se uma constante significativa desde o nascimento de todos eles, seja esta presença mais ou menos aparente, uma vez que em alguns dos casos a deficiência já era perceptível desde este nascimento, ou em outros tornando-se aparente posteriormente.

Nos sujeitos 1 e 6, por serem deficiências físicas, envolvendo má formação, sendo respectivamente, Síndrome de *Greb* e *Osteogenesis Imperfecta*.

Nos demais casos, sujeitos 2, 3, 4 e 5, deficiências sensoriais e intelectual, sendo esta última do sujeito 4, a serem perceptíveis somente depois de um determinado período de vida.

De qualquer forma, em todos os casos, a deficiência estava presente desde a infância na vida de cada sujeito, o que permitiu perceber indicativos da formação das identidades desses sujeitos, como sujeitos conscientes de suas limitações, deficiências, e suas potencialidades, dado o permanente apoio e presença de seus respectivos núcleos familiares.

O mundo, em seu sentido mais pleno da palavra, passa a existir com outra significação, a medida que esses indivíduos mais interagem cada vez mais com esse mundo, e percebem-se coexistindo em uma realidade social. A sua historicidade compõe um novo universo de ressignificações aos sentidos dados a esse mesmo mundo.

Por esse termo eu entendo que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado. (VYGOTSKI, 1991, p. 37).

Foi nesse contexto que se perceberam enquanto indivíduos capazes de agir sobre suas próprias realidades, sendo por meio das necessidades surgentes, sendo

por apoio familiar doméstico, amigos ou grupos sociais nos quais estavam inseridos.

Não há como desconsiderar a presença de suas famílias como agentes significativas desses processos de apropriação das compreensões de suas próprias realidades. É no apoio mútuo que percebemos o surgimento das capacidades de interpretar o mundo e as coisas que rodeiam cada indivíduo, seja ele indivíduo deficiente ou não.

Pois, é na relação estabelecida entre aqueles que são deficientes e os que não o são, que novas relações de interação social e humanas despertam um novo olhar sobre este mesmo mundo e suas próprias realidades, e assim, gerando as potencialidades para outras e novas relações provocadoras de ações afirmativas sobre essas realidades.

*"Minha mãe não sabe se eu perdi antes dos 2 anos ou na gravidez porque minha mãe ficou doente durante a gravidez, e ela percebeu quando eu tinha 2 anos que ela chamava e eu não atendia, eu nasci em TAPERA - interior, ai a mãe se assustou e tal, não sabia se tinha escola, ai eu entrei no Concórdia - escola especial, eu estudei ali um ano, no pré, mas a mãe não gostou muito, eu também não me adaptei e então minha mãe me colocou na escola de inclusão, primeira serie já em inclusão por convites, aqui em Porto Alegre. Fazia fono e la na escola inclusiva, ai ali fui aprendendo a língua portuguesa e tal, eu voltei pra Lajeado, minha mãe trabalha em Lajeado e família é de lá, dai se mudou pra Vacaria, ficou um tempo e a mãe queria preparar pra faculdade, sempre em escola inclusiva, eu não sabia a língua de sinais nada, só oralizada, em Lajeado que encontrou um surdo e aprendeu a língua de sinais em 2007 e mudou aqui para trabalhar em Porto Alegre, pois no interior tem poucos surdos e foi difícil se comunicar pois eu não sabia a língua de sinais apesar que eu tinha vontade de aprender, e eu tinha dificuldade de falar com ouvinte." (Sujeito 5)*

Com isso, pensamos nessas dinâmicas de apropriação das compreensões das realidades como momentos de transição, entre o que se é e o que se passa a ser posteriormente ao estabelecimento de novas relações e interações sociais.

Em outras palavras, é no cruzamento de elementos, interações variadas, ações sobre essas interações e existências que cada indivíduo torna-se capaz de agir ao mesmo tempo que se torna igualmente capaz de compreender suas próprias



ações, concomitantemente ao que o mundo entende e compreende nas ações praticadas por esse sujeito.

*"Eu me acostumei, eu consigo me comunicar bem com eles, é que a minha mãe tinha vergonha da língua de sinais e ela não quis isso pra mim, eu também tinha vergonha da língua de sinais ai depois eu percebi assim que as pessoas falam que as pessoas sofrem sofrem na oralização, mas eu não acho esse sofrimento muito grande, eu entendia ai eu consegui trabalhar assim e oralizar de uma forma boa. A minha mãe antes não aceitava a língua de sinais, e em 2007 ela percebeu que seria bom, com a minha amiga surda e essa amiga só sinalizava e a gente começou a ter contato, ai minha mãe achou importante a língua de sinais e a oralização." (Sujeito 5).*

São essas relações que podemos dizer que serão geradoras de condições propícias para novos hábitos, práticas significativas para o desenvolvimento pessoal, bem como o desenvolvimento do meio no qual esses sujeitos estão inseridos, à medida que se percebem como reais agentes de transformação social, com efeito, ocorrendo gradativamente e permanentemente ativas em termos de interação humana.

*"Eu me acostumei muito com ouvintes, era um grupo que eu me acostumei com eles só que quando eu saia desse grupo familiar eu percebia que como eu não entendia a oralização tinham pessoas que tinham bigode, uma boca diferente eu não conseguia fazer a oralização então a minha comunicação era muito mais com esse grupo mesmo, quando eu saia eu tinha dificuldade em entender." (Sujeito 5).*

Mais do que entender o mundo enquanto formas de comunicação, entendemos aqui a compreensão do mundo em si, consigo, isto é, sou e estou no mundo, agindo sobre ele, transformando-o, adequando-o, dentro do possível, este mundo e realidades às minhas potencialidades.

Muito especialmente percebendo-se como pessoas com deficiência, porém não deixando de se apresentar como alguém que preside suas próprias intenções e ações.

*"Antes de 2007, quando eu não sabia a língua de sinais eu ia na igreja católica sim, o padre falava, falava. Todo domingo eu ia,\* a mãe ia comigo, mas eu não entendia o que o padre falava, dai eu perguntava, não tinha intérprete eu ficava perguntando pra mim, isso antes, lá em Lajeado. Não tinha intérprete então a gente não tinha, depois que eu conheci essa amiga assim, em 2008, em um ano eu aprendi a língua de sinais muito rápido, dai um dia eu vim com a mãe pra Porto Alegre e tinha teatro com um intérprete. E quando em entrei na faculdade foi o contato que eu tive com um intérprete, um contato direto. Quando eu fui no vestibular eu encontrei uma intérprete, ai eu entendi o processo que era com o intérprete. Eu passei, estudei, junto com o intérprete, era muito bom porque esclarecia as coisas pra mim eu não tinha duvida, eu lembro assim como eu sofri na 8° série, 7° porque com o professor era muito difícil naquela época, e eu não tinha noção desse sofrimento. Aí na faculdade como foi bom, como eu entendi as coisas eram mais claras pra mim e eu não tinha esse sofrimento. Aí eu saí de Lajeado, trocou o trabalho e eu vim pra Porto Alegre e ai eu entrei no LA SALLE Porto Alegre." (Sujeito 5).*

Neste sentido, pensamos em conformidade com Goffman (1963), refletindo sobre as questões relacionadas a constituição dos "estigmas", como por ele chamado ao referir-se aos estereótipos, marcas, características pertencentes e/ou dadas por outros às pessoas com deficiências ou excluídas dos meios sociais.

São esses estigmas fatores que indicam ou apontam elementos presentes nas interações desses indivíduos com os demais membros das sociedades nas quais vivem, não sendo o estigma uma marca inerente a estes indivíduos, mas algo construído a partir do olhar do outro ou dos próprios indivíduos para si.

Segundo Goffman (1963), tais estigmas dão a estes sujeitos o status de se constituírem como um sujeito desacreditado ou desacreditável.

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus (GOFFMAN, 1963, p. 8).

A questão é: como estes sujeitos se percebem dentro dos ambientes laborais, a partir das construções de suas historicidades e inter-relações sociais?

Imaginemos um sujeito que ingressa em uma determinada empresa, assumindo um determinado cargo, seja ele nos setores de contabilidade, marketing ou de recepção.

Sendo este sujeito pessoa com deficiência, com qualificação profissional para o exercício do determinado cargo, quais seriam as opiniões e/ou interpretações dadas a ele quando de um erro acontecido?

Tal falha ocorreu a partir de uma falha em sua formação profissional meramente? Assim como em geral, popularmente dizemos quando do ocorrido com pessoas ditas normais.

Talvez possa ser dito sobre ele que tal falha ocorreu não por ele não saber exatamente o que deveria ter sido feito, realizado, mas por que este sujeito falhou por ser deficiente?

É estigmatização que, assim como Goffman (1963), entendemos ser um dos indicativos a elementos presentes e estabelecidos nas relações de trabalho profissional existentes dentro das empresas quando da presença de pessoas com deficiência nesses espaços.

Claro que, por certo, acreditamos em um processo deliberado de intencionalidades, em que os “normais”, ditos normais promovem tal estigmatização, mas que esta por sua vez, está presente nessas relações, entre pessoas com deficiência e os meios em que vivem e atuam.

Para a pessoa inabilitada, a incerteza quanto ao status, somada à insegurança em relação ao emprego, prevalece sobre uma ampla gama de interações sociais. O cego, o doente, o surdo, o aleijado nunca podem estar seguros sobre qual será a atitude de um novo conhecido, se ele será receptivo ou não, até que se estabeleça o contato. É exatamente essa a posição do adolescente, do negro de pele clara, do imigrante de segunda geração, da pessoa em situação de mobilidade social e da mulher que entrou numa ocupação predominantemente masculina. Essa incerteza é ocasionada não só porque o indivíduo não sabe em qual das várias categorias ele será colocado mas também, quando a colocação é favorável, pelo fato de que, intimamente, os outros possam defini-lo em termos de seu estigma. (GOFFMAN, 1963, p. 32)

Por certo, não pensamos que é unicamente a família ou amigos o fator determinante para o desenvolvimento de processos de apropriação das identidades plenas de cada sujeito, mas sim, que ele, somado a outros meios e elementos, práticas e oportunidades, situações e condições, vão gerar o desenvolvimento de tal capacidade, autonomia.

É na família e grupos sociais, bem como em práticas advindas dessas

relações humanas e sociais, tanto quanto nas relações adjacentes a elas, que cada sujeito trará a tona tais capacidades, de compreender-se e de compreender o mundo que o rodeia, seja na própria família, amigos e/ou na escola, processos de desenvolvimentos educacionais, como veremos a seguir.

#### 5.4 A EDUCAÇÃO: DIALÉTICA DAS RELAÇÕES DE APRENDIZAGEM DE VIDA E SABERES

Aqui, pensamos nos processos de aprendizagem formais, na escola e em ambientes de ensino e formação acadêmica, para assim podermos visualizar como esses sujeitos interagem com seus pares sociais em ambientes extrafamiliares, promovendo essa interação, assim como um conflito de interesses, opiniões e posturas igualmente sociais.

Não nos propomos aqui fazer uma discussão sobre os processos de inclusão dentro dos ambientes escolares, mas sim, demonstrar como essas dinâmicas são significativas para a formação das identidades, autonomias e saberes das pessoas com deficiência, enquanto fundamentos para saberes posteriores, bem como das compreensões de suas e outras realidades.

Podemos e devemos considerar aqui uma inter-relação entre formação intelectual e convívio social em seus núcleos básicos, de existência, a família e a Escola, como determinante para uma composição que podemos entender como tomada de consciência. Lembramos aqui Freire (1996), ao refletir que o oprimido só deixará de ser oprimido quando tomar consciência de sua condição de opressão.

Novamente trazemos alguns desses depoimentos:

*“Meus pais, eu sou filha única e rolou muita superproteção, foi bem complicado de deixar eles me largarem de mão. Até hoje eles têm esse cuidado todo, mas eu sempre tive uma base familiar, eles sempre me incentivaram a lutar, sempre foram muito exigentes comigo.” (Sujeito 3).*

*“Mas quando eu cheguei lá, a coisa era outra, porque já pra eu morar e dividir casa com umas pessoas, elas achavam que eu precisaria delas pra tudo, pra tomar banho, pra comer, pra fazer um café, pra qualquer coisa. Então já não queriam me aceitar, e na verdade essas pessoas só foram morar comigo porque as*

*mães delas eram amigas da minha mãe. E na verdade, as outras pessoas, durante a faculdade, eu tive muitos amigos assim, mas todos tinham esse medo, tanto que por todos os perrengues que eu passei, ninguém me ofereceu pra morar com eles. Então as pessoas, na verdade, eram tuas amigas, mas até um ponto limite. Que eu acho que pelo desconhecimento, é normal do ser humano." (Sujeito 2)*

*"Meus pais sempre falaram: "eu sou e pronto", não adiantava ficar reclamando. As pessoas nunca vão aceitar 100%, então eu soube lidar mais com preconceito do que antes." (Sujeito 1).*

A a internalização dos signos, bem como sua objetivação, são partes de um processo que se constitui pela existência de diferentes elementos, que mesmo distintos, não podem ser pensados em separado, mas conjuntamente, conectados pela complexidade que constitui a dialética dessa relação, e que são objetivados à medida que nos tornamos conscientes de nossa efetiva existência, e como sujeitos e agentes transformadores desse mesmo processo:

Consciência e mundo não podem ser entendidos separadamente, dicotomizadamente, mas em suas relações contraditórias. Nem a consciência é a fazedora arbitrária do mundo, da objetividade, nem dele puro reflexo. (FREIRE, 1997, p. 12)

Cada novo elemento provoca movimento no movimento já existente, sejam tais movimentos provocados e estimulados pelo próprio uso ou por forças externas, como no caso de educadores que possibilitam tais condições, de acordo com o que diz Baptista (2009).

Igualmente por Heidegger (1962, p. 12):

Se a vida é um processo de conhecimento, os seres vivos constroem esse conhecimento não a partir de uma atitude passiva, e sim, pela interação. Essa posição é estranha a quase tudo que nos chega por meio da educação formal.

A aprendizagem é uma possibilidade inerente a cada Ser Humano, seja ele deficiente ou não, basta identificarmos como ela se dá, a partir de que realidades, e quais são os elementos ali presentes que proporcionam as condições para que novas possibilidades surjam.

Com relação a isso, as funções psicológicas superiores não constituem exceção à regra geral aplicada aos processos elementares; elas também estão sujeitas à lei fundamental do desenvolvimento, que não conhece

exceções, e surgem ao longo do curso geral do desenvolvimento psicológico da criança como resultado do mesmo processo dialético, e não como algo que é introduzido de fora ou de dentro. (VYGOTSKI, 1991, p. 52).

Portanto, se partirmos do pressuposto de que todos somos seres sociais, não viveríamos fora dessas relações, nos construímos pelo olhar do outro, pois,

[...] qual a consciência nunca é pensada como independente do mundo e com uma tendência à progressiva integração entre diversos sistemas de conduta. O mecanismo da consciência de si próprio (autoconhecimento) e de reconhecimento dos demais é idêntico: temos consciência de nós mesmos porque a temos dos demais e pelo mesmo mecanismo, porque somos com respeito a nós o mesmo que os demais com respeito a nós. Reconhecemos-nos a nós só na medida em que somos outros para nós, isto é, pelo quanto somos capazes de perceber de novo os reflexos próprios como excitantes. (VYGOTSKI, 1991, p. 12)

A apropriação dos elementos inerentes a essas realidades fazem com que estejamos diretamente e constantemente postos a tais elementos, e é neles que identificamos como se constitui essa realidade, e como nela nos encontramos.

Logo, é com e através desses elementos, signos, objetos que também se dará todo o processo de nossa aprendizagem.

Poder-se-ia dizer que a característica básica do comportamento humano em geral é que os próprios homens influenciam sua relação com o ambiente e, através desse ambiente, pessoalmente modificam seu comportamento, colocando-o sob seu controle. (VYGOTSKI, 1991, p. 58).

Quanto maior o contato de um indivíduo com sua e outras realidades, maiores serão suas interações e relações com outras e novas experiências, tanto quanto maiores serão suas condições e possibilidades para o desenvolvimento de seu processo cognitivo.

*“Entre com 17 anos e foi quando eu meio que fiquei largada. A minha mãe me deixava às 19h e 30 e me buscava às 23h sem interferir em nada, lá dentro era tranquilo, a PUC é totalmente adaptada. Na época eu fiz vestibular na UFRGS, mas vi que não teria condições por causa da falta de adaptações, então eu nem me esforcei muito, preferi me endividar e pagar a PUC.” (Sujeito 6).*

Nesse sentido, sabe-se que as realidades compõem-se em uma relação diretamente dialética, de acordo com Passerino (2010), em um processo fortemente dialético, ascendente e recursivo, em que as próprias relações e interações são geradas de novas e mais potentes significações, para as ações e relações vindas e resultantes das relações e interações originais, sendo por vezes mais potentes, em

outras recursivas. Isso não significa que as resultantes sejam possibilitadoras de condições positivas ou negativas em termos de juízo de valor, mas sim geradas de outras situações decorrentes do próprio processo original. Com isso, entendemos que ser afirmativo em suas ações frente sua própria realidade, não significa transformá-las de imediato, tampouco, por vezes, vir a transformá-las, mas sim, ter as condições de atuar sobre essa realidade com autonomia e independência, a partir de uma maior e melhor compreensão de seu processo de construção sócio-histórico enquanto formação de sua própria identidade como indivíduo capaz de perceber-se inserido em um mundo diversificado e heterogêneo. Sempre considerando as mais variadas situações nas quais cada sujeito se vê envolvido e participante.

*“Os colegas eram gente boa, eu conversava com eles. Eu tinha um colega meu que eu sempre fazia trabalho com ele, a gente fazia tudo junto. Sentava em grupo e fazia toda a matéria junto.” Entrevistador: Sim, e com os professores? Era legal? Eles te ajudavam? “Era tri legal. Ajudavam. Às vezes, em Inglês eu sabia bem, esses dias eu fiz inglês e acertei quase todas.” (Sujeito 4).*

O que vem a ser sucesso na trajetória escolar define-se como uma questão de perspectiva de cada sujeito, quando lançam um olhar sobre suas trajetórias nesses ambientes escolares. Contudo, não desconsideramos as ações pedagógicas, a participação da comunidade escolar como muito indicadora do que pode ou não vir a ser esse sucesso.

Na relação entre os sujeitos da educação, colegas e professores, bem como nas maneiras com que esses sujeitos, pessoas com deficiência se percebem inseridos nas realidades da escola.

*“Na escola também foi tranquilo, eu entrei com 5 anos no pré e fui alfabetizada no braile. Com 9 anos, eu entrei na escola normal e acabei frequentando duas escolas, a especial e a particular. Foi uma época bem legal, em todo fundamental e médio. Foi bem tranquilo, porque nunca houve preconceito da parte dos colegas, os professores sempre conversaram com os colegas, e sempre foi a mesma turma, era como se fosse a minha família. Eu prestei vestibular no LA SALLE, passei pro curso de Letras. Mas eles sempre falam em inclusão e tudo mais, mas não é a mesma coisa, eu tive caso de professor que se recusou a me dar aula e*



*eu tive que trocar de cadeira. E então como eu trabalho aqui faz 5 anos, eu resolvi trocar para Gestão de RH e acabei ganhando uma bolsa na ULBRA faz um ano, e eu não tive nenhum problema. Eles têm uma sala de apoio; dias de prova eu conto com o auxílio de um leitor, se eu quiser material eu posso solicitar. Em casa, eu tenho computador, escâner. Então eu acabo não usando.” (Sujeito 3).*

Assim, constroem-se em si as condições para a vivência nas mais variadas situações. Dessa forma, pode-se interagir com tais situações, sejam elas dentro da normalidade, cotidianas ou adversas, mesmo quando as mais cotidianas também se tornam adversas.

*“A faculdade foi um capítulo à parte. Tava tudo indo bem demais, então quando eu fiz o vestibular, também foi tudo muito tranquilo, muito legal. Mas quando eu cheguei lá a coisa era outra, porque já pra eu morar e dividir casa com umas pessoas, elas achavam que eu precisaria delas pra tudo, pra tomar banho, pra comer, pra fazer um café, pra qualquer coisa. Então já não queriam me aceitar, e na verdade essas pessoas só foram morar comigo porque as mães delas eram amigas da minha mãe. E na verdade, as outras pessoas, durante a faculdade, eu tive muitos amigos assim, mas todos tinham esse medo, tanto que por todos os perrengues que eu passei ninguém me ofereceu pra morar com eles. Então as pessoas na verdade eram tua amiga mas até um ponto limite. Que eu acho que pelo desconhecimento é normal do ser humano.” (Sujeito 2)*

Conhecer-se e conhecer as realidades, não são funções inerentes ao Ser Humano, mas sim, resultado de um longo processo de adequação de suas formas de compreensão de si e dessas realidades, para que só assim cada um possa agir sobre elas, independentemente das consequências possíveis, mas saber que pode interferir neste processo.

*“Foi complicada, era um colégio particular, mas bem pequeno. E eles não tinham verba para adaptar o colégio, mas como foi o único que me aceitou. Nenhum colégio normal me aceitou porque a minha mãe tinha que ficar junto, pelo menos no corredor para caso ocorrer algo. Ela sempre ficou, ela fazia trabalhos voluntários com as professoras, e acabou sendo contratada. E isso durou desde a primeira série até o final do ensino médio. Na pré escola foi quando minha tia pediu emprego para*



*poder me ajudar. Sempre tive alguém para me ajudar. Era tranquilo, apesar de subir sempre carregada com os colegas. Eu sofria bullying na escola, mas porque a minha mãe trabalhava na escola então eu tinha certas regalias.” (Sujeito 6).*

Ser pessoa com deficiência e ter consciência de suas limitações, não é, sob hipótese alguma, submeter-se aos estigmas dessa deficiência sem que se possa questioná-la, transformá-la e a partir disso, criar as condições para a potencialização de novas e possíveis condições melhores de existência para si.

*“E durante a faculdade, por ser nova eu acabei não recebendo todo o suporte, eu contei muito com a ajuda da turma. Teve professores com preconceito, sim, isso eu não vou dizer que não. No sentido de querer colocar os veteranos contra mim, tipo: “você não tem um aparelho, mas a UNIPAMPA está gastando tantos mil com uma aluna só que tem deficiência”. E isso eu soube porque eu tive muita sorte e também, isso não eu posso negar, porque os veteranos vinham falar pra mim, desde aconteceu o que essa professora gostaria que acontecesse, eles foram e me falaram.” (sujeito 2).*

Entretanto, não podemos pensar que dessa forma, esses sujeitos adquirem as capacidades de resolver todos os seus problemas, mas por certo trazem em si a capacidade de acreditar na superação ou compensação dos mesmos, tornando-os claros, ao mesmo tempo em que desenvolvem os meios para lidar com tais situações.

Embora a inteligência prática e o uso de signos possam operar independentemente em crianças pequenas, a unidade dialética desses sistemas no adulto humano constitui a verdadeira essência no comportamento humano complexo. (VYGOTSKI, 1991, p. 26)

*“Não porque eu ia mais me incomodar do que conseguir outra coisa, mas o que eu fiz, eu relatei pra minha família. Aí marcaram duas reuniões comigo, uma pra me desestimular completamente. Ela disse, em outras palavras que não adiantava eu fazer Jornalismo, porque havia uma porção de jornalistas cegos formados, que eu ia ser só mais um. E que porque eu não fazia Serviço Social, pra atuar junto aos meus. Daí eu conversei com a minha mãe eu disse “olha o negócio aqui vai ficar preto, não vai ser uma das coisas mais amigáveis da minha vida” e na época era*

*problema da casa, problema da faculdade, eu tava querendo morrer. Daí, no outro dia, como a minha mãe marcou uma reunião com o pessoal da coordenação, porque ela é professora, ela já entendia todo esse trâmite de lei, e se fosse necessário entrar com alguma ação judicial com a faculdade ou com o professor, a professora jamais apareceu nessa reunião, mas me convocou pra outra reunião. E me esculachou assim, disse que eu era imatura, que eu não tinha idade para estar numa faculdade com pessoas sérias, que eu não entendi o que ela quis dizer, fez todo um showzinho." (Sujeito 2).*

Não podemos pensar que por estarmos falando de espaços e ambientes relativamente ligados à educação, eles serão compostos por pessoas que compreendem as dinâmicas da inclusão social e humana de pessoas com deficiência. Ao mesmo tempo, também não podemos supor que isto se apresente como uma regra, mas sim, que como em qualquer outro ambiente, existirão pessoas imbuídas das mais diversas formas de ver e de pensar o mundo.

*"Eu fazia letras com ênfase em inglês, e tem uma cadeira que é fonética e trabalha muito com simbologia, e no inglês, cada pronúncia é representada por símbolos, e ele se negou porque achou que não teria como me dar. Na hora que eu cheguei com segurança, ele se negou a me dar aula, mandou eu ir na coordenação e tudo. Ele alegou falando como eu vou procurar no dicionário? Eu falei que usaria o notebook, mas não adiantou. Meu erro foi não ter feito nada, até pra não me expor. Eu fiz curso na WIZARD por um tempo (5 anos), eu era bolsista. E lá também eu tinha todo o material em braile, eles tinham alguma parceria na época. Depois que eu terminei eu nunca mais pratiquei então hoje eu to bem enferrujada, até se eu quisesse poderia dar aula em cursinhos." ( Sujeito 3).*

O que nos parece ser interessante e caro, aqui neste caso, é a maneira com que esses indivíduos, pessoas com deficiências, agem e interagem com esses ambientes, compreendendo-os, propondo ou não transformações afirmativas sobre eles.

*"Eu entrei com 17 anos, e foi quando eu meio que fiquei largada, a minha mãe me deixava às 19h e 30 e me buscava às 23h sem interferir em nada, lá dentro*

*é tranquilo, a PUC é totalmente adaptada. Na época eu fiz vestibular na UFRGS, mas vi que não teria condições por causa da falta de adaptações, então eu nem me esforcei muito, preferi me endividar e pagar a PUC.” (Sujeito 6).*

A complexidade apresenta-se como algo naturalmente percebido, confrontado e possivelmente suplantado, no que diz respeito ao enfrentamento de obstáculos e na retirada de entraves sociais e pessoais, que por vezes dificultam o desenvolvimento sociocognitivo desses sujeitos, bem como passam a ser importantes processos de apropriação de saberes ligados à compreensão social, agora pertencentes as identidades destes indivíduos, sujeitos da inclusão social.

*“Não, é uma coisa bem natural, eu sou assim, eu acho que se tratamos a pessoa com respeito, ela também vai respeitar, então já virou algo natural.” (Sujeito 1).*

Nesse sentido, vemos aqui novamente a presença de fortes raízes na formação pessoal, familiar, que lhes dão as condições necessárias para sentirem-se fortalecidos, diante das situações cotidianas, usuais e novas, ao mesmo tempo que lhes dão a capacidade de pensar e repensar seus próprios objetivos e caminhos.

*“Eu aprendi a valorizar o trabalho das pessoas. Lidar com pessoas tem seu lado difícil e tem um muito bom. Eu fui me dar conta com um gesto muito simples, e aqui a gente tem uma clínica né? E o meu médico de muitos anos, eu fiquei sabendo que ele ia embora, então eu peguei e escrevi um e-mail pra ele de agradecimento e tudo, e eu me liguei que eu nunca havia feito isso. Ele ficou todo feliz, disse que mostrou pra todo mundo, e eu fiquei tão bem por ter feito ele feliz. E eu acho que é isso, trabalhar com pessoas, saber reconhecer.” (Sujeito 3).*

De certa forma, podemos pensar que em determinadas situações, o uso desses recursos está, portanto, posto às realidades nas quais seus usuários estão predispostos, sejam elas dadas por questões biológicas, sociais, de características pessoais, ou como define Vygotski (2009), derivadas das próprias condições peculiares a cada indivíduo, em termos secundários, psicológicos.

A necessidade de estabelecer pontos de conexão com seus pares faz com

que cada indivíduo, percebendo os instrumentos que lhes são disponibilizados ou por si mesmo criados, busque as alternativas mais eficientes para a solução dos problemas que lhe são impostos, sejam eles provenientes de quaisquer que sejam as circunstâncias, porém sempre em conformidade com os diferentes graus de aprendizagem desses indivíduos.

A utilização de novas tecnologias constitui-se numa forma de linguagem possibilitadora de condições para uma maior interação dos indivíduos com deficiência com suas realidades sociais, sejam esses momentos decorrentes das mais diferentes condições ou etapas de seu processo de aprendizagem.

Da mesma forma, com que se tornam presentes no processo que as torna esses sujeitos capazes de, frente às mesmas ou novas situações, buscar as mesmas ou novas alternativas para solucioná-las.

A capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem-se para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais. (VYGOTSKI, 1991, p. 31)

## 5.5 AS SOLUÇÕES ASSISTIVAS

Os processos de apropriação de saberes e compreensão das realidades presentes em ambientes laborais, permitem considerar os próprios ambientes laborais a partir das categorias de Soluções Assistivas.

Assim, iniciamos a análise discussão das dinâmicas de constituição dessas Soluções Assistivas, considerando toda a historicidade dos sujeitos, já trazidas nos itens anteriores.

Ao lançarmos um olhar sobre os usos de tecnologias, em especial tecnologias que se configuram como "Assistivas", percebemos que, em muito, elas apresentam-se de formas diferenciadas, sempre em conformidade com as diferentes maneiras com que seus usuários as utilizam.

Em outras palavras, cada indivíduo constrói suas próprias práticas de uso, suas maneiras de criar as condições mais adequadas para utilizá-las. Este processo pode ser entendido como decorrência da formação dessas condições, de acordo

com a historicidade de cada indivíduo, e da dialética dos processos de vida e de apropriação dos saberes, pelos quais cada um perpassou e perpassa ao longo de toda uma vida e a cada nova realidade proveniente de tais processos.

Compreender como se dá essa dinâmica de apropriação dos usos e das ressignificações das formas com que cada usuário faz uso dos recursos, surge como um importante passo também na compreensão das maneiras com que podemos pensar o desenvolvimento e a aplicação de tecnologias Assistivas. E na solução de problemas que, por vezes, não são pertinentes às características originais desses recursos, mas sim, das formas com que o seu uso acontece.

A mera utilização de um determinado recurso tecnológico, a partir de suas características puras e simples, por muitas vezes, de acordo com Wertsch (1999) não atinge os objetivos esperados, tanto por seus desenvolvedores, quanto por seus usuários.

Cada recurso tem suas próprias características, assim como cada indivíduo usuário também é pleno de sua própria identidade, e é na relação entre essas duas dimensões, mediadas pelas transformações decorrentes da dialética desses processos estabelecidos e da presença de cada novo elemento nascente nessa dinâmica, é que entendemos a importância de identificar a pertinência dessa realidade, tecnológica, rápida, tão presente em nossos dias.

Em outras palavras, já que todo sistema autopoietico é uma unidade de múltiplas interdependências, quando uma de suas dimensões é afetada o organismo inteiro experimenta mudanças correlativas, em muitas dimensões ao mesmo tempo. Mas é claro que tais mudanças que nos parecem corresponder a alterações ambientais não são causadas por estas: elas ocorrem na deriva configurada no encontro operacionalmente independente entre organismo e meio [...]. Em resumo: a evolução é uma deriva natural, produto da invariância da autopoiese e da adaptação. (MATURANA; VARELA, 2001, p.131)

Em especial, o uso de recursos tecnológicos cria condições sociais e de trabalho, que a cada novo momento ocupa importante espaço nas vidas dos Seres Humanos, e são, portanto, configuradores da forma com que cada indivíduo vai se apropriar dessas realidades, uma vez que a sociedade atual passa a ser cada vez mais regida por essa lógica, desenvolvimento e evolução tecnológica.

Ao mesmo tempo em que as pessoas com deficiência, alguns anos atrás, estavam sujeitas às barreiras impostas para a realização de determinadas atividades, dada a falta de condições para tal ação, foi com a presença desses recursos, os das novas tecnologias, que em muito, essas realidades foram se

transformando a cada dia, a cada momento.

É na relação entre Ser Humano e Máquina, usuário, uso e tecnologia, e na constituição desse processo que entendemos a maneira com que cada um desses indivíduos foi se apropriando dessas realidades, e percebendo-se como agentes afirmativos desses processos. Ocupando assim, um importante papel de transformação dessas mesmas realidades, à medida que nesse processo de apropriação dos usos e recursos tecnológicos, tais sujeitos objetivaram-se neles.

*“Em casa, aquelas coisas bem básicas, escadas, tomada. Na escola, adaptação das cadeiras, nas portas. O que foi diferente foi nas empresas, no hospital foi o mais marcante, pois eu tinha que atender normalmente no leito e a cama é alta, então o paciente não me via. E os médicos; como já me conheciam, adaptaram uma escadinha. Havia um primeiro momento com o paciente e comigo para eu ganhar a confiança, e foi bem marcante por terem pensado na minha adaptação.” (Sujeito 1).*

Assim, é que também percebemos a presença de uma dinâmica de ressignificação das formas e dos usos aplicados, individualmente, para uma maior e melhor utilização das tecnologias.

*“Na metalúrgica, como trabalhavam com ferro, eles adaptaram tudo, pensaram em toda estrutura. Aqui na [EMPRESA], não foi muito, pois eu caminho muito e eles estão indo aos poucos, mas já teve um avanço. Vocês já devem ter visto no elevador, o botão é bem baixo e o motivo sou eu. Além de mim tem vários cadeirantes que precisam disso, aqui no terceiro andar, baixaram o bebedouro e o principal é o caixa eletrônico. Estamos tentando levar para outras empresas, pois pessoas de baixa estatura não conseguem usar o caixa eletrônico, então eles bolaram uma escadinha que eu posso levar para vários lugares porque tem quatro caixas aqui no térreo e eu utilizo dois, e isso foi o melhor assim, na questão da acessibilidade.” (Sujeito 1).*

As tecnologias em geral são pensadas de forma padronizada. Contudo, não existem indivíduos, como expressado pelo próprio termo, padronizados, mesmo que postos a imposições de padrões culturais e sociais, mas a ação de cada um desses sujeitos é, ainda assim, particular, individual, única, sempre plena de suas

identidades e de suas historicidades.

Mesmo partindo de condições iguais, assim padronizadas, pela caracterização dos recursos disponibilizados, a maneira com que cada sujeito percebe-se no uso desses recursos, e para o que tal recurso será utilizado, é uma relação única, pessoal, individual, portanto postas as formas com que cada um destes sujeitos entende essas tecnologias e recursos, sempre buscando adaptá-las, adequá-las às condições com que entendem ser as mais próprias para si.

Nesse sentido, percebemos uma preocupação no que diz respeito à adaptação dos espaços, não só para o acesso puro e simples a um determinado recurso, mas uma preocupação com uma adaptação que contemplasse o ambiente, buscando uma maior eficiência no exercício das operações pertinentes às atividades desse sujeito.

*“Eu sou assistente de RH, eu trabalho aqui faz 5 anos e comecei como estagiária. Quando eu fiz um ano de empresa eu fui efetivada, e um ano atrás eu fui promovida para assistente. Quando eu entrei aqui, foram feitas algumas adaptações para eu fazer meu trabalho, que era tudo no computador. Foi instalado o Virtual Vision, e no ano passado descobriram o Nvda.” (Sujeito 3).*

Neste momento, entendemos muito claramente a presença de elementos pertinentes à composição de um processo de desenvolvimento efetivo de Soluções Assistivas, uma vez que aqui estão presentes e são: os sujeitos, pessoas com deficiência, o agente. A cena, o ambiente no qual esse sujeito está inserido, bem como a ação, ato, a ser realizada por esse sujeito. A agência, no que diz respeito à estrutura preparada para tal exercício, e os objetivos a serem alcançados pelo sujeito no exercício de suas funções laborais, o propósito.

Por outro lado, aqui estamos percebendo apenas as condições criadas dentro desses contextos de trabalho, nos ambientes de trabalho, o que segundo o mesmo sujeito 1, ainda sendo uma realidade presente a de não acesso às mesmas funções em outros ambientes cotidianos fora dos contextos das empresas.

*“E em qualquer lugar que eu vou, eu tenho que sempre pedir ajuda, ainda mais em banco que acaba com a minha independência, por isso que aqui marcou bastante.” (Sujeito 1)*



*"Eu não tenho problema, pois eu sei que sem eles, eu não consigo fazer nada." (Sujeito 1).*

Contudo, algumas coisas ainda são obstáculos a serem transpostos, à medida que novas realidades tornam-se presentes, bem como o imediato uso de novos recursos, mais sofisticados e possivelmente mais eficientes em seu uso:

*"Uma coisa que já está a caminho são os tablets, pois o notebook é muito pesado, e coisas com peso eu não posso utilizar, mas a gente já solicitou um net assim, porque é mais simples de utilizar." (Sujeito 1).*

Portanto, se assim entendemos essas particularidades, maiores serão as presenças de elementos determinantes dessas dinâmicas em realidades nas quais cada indivíduo necessita atuar, dentro das condições que lhes são disponibilizadas, como em empresas e afins.

*"Logo na primeira semana, a psicóloga do RH me levou para fazer um tour pela empresa para me mostrar o que precisava mudar. A única coisa que eu pedi foi para baixar um pouco a maçaneta, não tinha muita coisa para adaptar. Mas quando eu vim para esse prédio aqui, eu tive que fazer toda uma inspeção junto com as moças do RH para ver o que precisava mudar." Entrevistador: E esse tour, foi uma iniciativa da empresa? "Foi da empresa, tudo se realizou, mas o que demorou mais foi a rampa da rua. Porque aos finais de semana eu não teria como sair, e tem uma outra rampa que pra mim é a melhor do mundo, porque quase não tem inclinação." (Sujeito 6).*

Nesse sentido, é a partir de suas realidades pessoais e de aprendizagem, que estes sujeitos atuam sobre elas buscando estar dentro da normalidade, dentro do que se espera atingir com determinadas ações. Contudo, partindo das condições com que cada sujeito percebe-se como usuário de recursos tecnológicos assistivos, e a partir de suas formas de se perceberem no mundo, como pessoas com algum tipo de deficiência, usuárias de tecnologias capazes de lhes darem tais condições para a realização destas atividades.



*“Eu leio com o computador, com o leitor de tela JAWS, é ele que hoje dá acesso a tudo que eu consigo ler hoje. Eu tenho no note e tenho aqui no trabalho, só que aqui no trabalho ele é legalizado e em casa ele é pirata, porque eu não tenho 3 mil reais para pagar um JAWS. Hoje, no celular, eu tenho o TALKS, que eu tenho o NOKIA E5. Tentei utilizar o sistema Android, que foi um desastre, e eu não conheço a do iPhone.” (Sujeito 2).*

Essas práticas e ações que proporcionam tal atmosfera de aprendizagem são diretamente postas ao que podemos entender como decorrências de

[...] um complexo processo dialético, caracterizado pela periodicidade, irregularidade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, entrelaçamento de fatores externos e internos e processos adaptativos”. (VYGOTSKI, 1991, p. 138)

O acesso a esses recursos, bem como a constância de seu uso, podem vir a ser, dentro de determinadas condições, possibilitadores de um maior desenvolvimento de saberes, que de mesma forma, podem se tornar parte muito importante em novas construções, à medida que, em mesmo grau, apresentam-se como elementos de novas realidades e complexidades. Tornando-se, com efeito, capazes de potencializar a instrumentalidade, “[...] uma vez que a história do desenvolvimento da relação entre significado e ação é análoga à história do desenvolvimento da relação significado/objeto” (VYGOTSKI, 1991, p. 115).

Sendo assim, vemos no diálogo a seguir como ocorrem os desdobramentos dessas dinâmicas quando postas a situações contraditórias nesses relacionamentos interpessoais. Em outras palavras, quando as coisas em geral não são exatamente como esperamos que elas sejam, no sentido das condições existentes em um determinado lugar ou situação.

*“Sujeito 5: "A pessoa vai, tira as fotos e eu cuido do computador, e eu divulgo na internet, coloco no site da (empresa), seleciono as melhores.*

*Entrevistador: O computador que tu utilizas tem alguma adaptação especial?*

*Sujeito 5: Não, é normal mesmo.*

*Entrevistador: E se não entenderes a palavra, o que tu fazes?*

*Sujeito 5: Eu chamo a pessoa, pra auxiliar.*

*Entrevistador: Tem algum intérprete que te auxilia?*

*Sujeito 5: Não tem, não sei por quê. Quando tem reunião e precisa de uma atenção especial, aí chama, mas aqui próprio, aqui dentro, não tem. No meu trabalho eu não tenho, eu tenho que ficar interferindo o colega, peço ajuda, eles falam muito rápido e não consigo fazer essa leitura. Com meu chefe, a comunicação é muito boa.*

*Entrevistador: E eles te entendem bem?*

*Sujeito 5: Sim, eu só falo com eles e alguns sinais. Se existe uma falha, eu sinalizo, e se ele não entender, eu escrevo.”*

Por outro lado, é necessário que pensemos e compreendamos que em muito, os recursos tecnológicos são pensados e desenvolvidos para atingirem expectativas voltadas para a indexação de instituições produtivas e de consumo, nem sempre interessadas na constituição de condições próprias para a criação de novas formas de compreensão das realidades nas quais são aplicadas e desenvolvidas, bem como nos sujeitos que farão uso delas.

Ferreira e Ferreira (2004) advertem que muitas ações implantadas nas escolas brasileiras têm respondido mais à necessidade de melhoria de indicadores nacionais frente à comunidade internacional do que garantindo a qualificação do ensino nas escolas.

De mesma forma, vemos uma situação semelhante nos desdobramentos da Lei responsável pela implantação de cotas ou vagas especiais para pessoas com deficiência dentro das empresas.

Em certa medida, atendem a um interesse de postura política frente ao cenário internacional, a fim de atrair a simpatia de instituições internacionais financiadoras de projetos ligados ao setor do mercado de trabalho do que, assim como no meio escolar, preocupadas em resolver as questões referentes a esse setor, ao se tratar de pessoas com deficiência.

De fato, o que podemos pensar como preparações efetivas para a recepção destas pessoas, pessoas com deficiência dentro das empresas de uma forma geral?

*"Nada, só a comunicação, que eles conversaram sobre isso." (Sujeito 5).*

Aqui, o sujeito 5 refere-se às práticas realizadas para a sua entrada na

empresa, referindo-se a preparações. E segue dizendo com relação ao que parece ser algo já muito importante para ele, o simples fato de pelo menos ali ter o estabelecimento da oportunidade de ser ouvido:

*"No momento, esse compartilhamento já é muita coisa." (Sujeito 5).*

O que não podemos, aqui, é querer inferir um cenário maniqueísta, de interesses escusos, onde não há uma significativa preocupação com o indivíduo.

O que queremos dizer, de fato, é que mesmo tendo essa preocupação, o que parece ser uma presença em mesmo grau significativa, é a inexistência de uma prévia condição para o pensar da inclusão enquanto prática usual do ingresso de pessoas com deficiência no mercado de trabalho e, obviamente, em empresas.

Assim, cada um, à sua medida, constrói suas próprias perspectivas de vida e profissional.

*"Ir pra rua, tirar fotos. Preparar sites, trabalhar com isso. Eu gostaria de trabalhar diretamente com o site, futuramente estar conquistando esse Espaço." (Sujeito 5).*

À medida que vemos esses sujeitos conquistando essas condições, a de se perceberem como agentes de transformação de suas próprias realidades, condutores de seus projetos de vida e profissional, também vemos o desenvolvimento de ações afirmativas na criação e construção das condições interessantes para que sejam geradas soluções que assistam suas necessidades.

Igualmente, daqueles que os rodeiam, e muito especialmente adequando os espaços e ambientes para um convívio capaz de estabelecer uma conexão um tanto quanto mais elaborada entre os personagens deste processo de inclusão laboral, humana e social.

*"Meu chefe pediu pra eu preparar uma placa em língua de sinais, porque meus colegas não têm tempo de trabalhar em curso de libras. Assim, a gente faz uma provocação para que eles aprendam a língua de sinais. Meus colegas agora se interessam, querem saber. Na placa, eu coloquei uma foto minha escrito: quero aprender libras. E as pessoas: o que é isso? E depois, uma placa com alfabeto.*

*Foram várias placas que eu fui colocando. Uma semana, eu colocava as mãozinhas; outra, o português, os números, abc. Alguns materiais. Claro que depois, eu tive que diminuir, pois eu tenho muito trabalho, mas meu chefe pediu pra continuar, e eu comecei outra estratégia. Para um grupo de colegas, eu coloquei o sinal, e eles olhavam e tentavam adivinhar. Eu vou continuar, mas até hoje foi só isso. Eu estou fazendo um joguinho, por exemplo: faça uma pergunta, e as pessoas tentam fazer algumas ligaçõeszinhas." (Sujeito 5).*

Portanto, entendemos que se constitui como um elemento importante, a observação, compreensão e a posterior interação com os espaços e ambientes, porém sempre considerando os sujeitos envolvidos como principais personagens dessa cena.

Assim, estabelecendo uma dinâmica de apropriação de saberes constituídos através do uso de tecnologias, bem como a percepção da presença de obstáculos e entraves presentes na relação de uso desse modelo de tecnologia assistiva, nas realidades desses indivíduos, pessoas com deficiência, em situações de trabalho profissional.

Considerando sua historicidade e processos de construção dos saberes relacionados a tal condição de uso de recursos tecnológicos.

Dessa forma, podemos compreender melhor os elementos, indicadores dos processos de construção de novos saberes, capazes de construir Soluções Assistivas que possibilitem ações afirmativas e efetivas, frente às variadas situações de uso desses recursos tecnológicos.

Para isso, estabelecemos uma perspectiva que compreende, por meio das relações, interações e ações de pessoas com deficiência em ambientes laborais, em seu processo sócio-histórico, e inter-relações humanas e sociais, as condições nas quais emergem práticas culturais mediadas por tecnologia.

A partir da dialética dos processos de apropriação dos saberes, que se constituem como Soluções Assistivas nos contextos profissionais de pessoas com deficiência.

Nas soluções, portanto, identificamos esses agentes, enquanto sujeitos capazes de atuar sobre suas próprias realidades, em cena, ambientes de trabalho profissional, no uso de sua agência, ou seja, fazendo o devido uso dos recursos que lhes são disponibilizados da melhor forma com que lhes possam ser úteis, para

finalmente agirem, através dos atos, sobre os contextos, sobre eles mesmos e sobre os outros agentes.

Nesse sentido, uma solução assistiva como aqui proposta, completando este ciclo de agente cena agência propósito e ato, se constitui como signo sempre que consegue atingir a premissa colocada acima, ou seja, mudar a relação que se estabelece com os outros e consigo mesmo.

Sempre em consonância com os seus e outros interesses, compatíveis com as especificidades das ações propostas, isto é, as possibilidades de se fazer o que se pretende por atividade, realizar as ações e operações da melhor forma possível.

Com isso, explicitando a dinâmica dos processos de apropriação dos saberes, enquanto dialética, da constituição das práticas de uso e aprendizagem de tecnologias que venham se constituir como Soluções Assistivas, formas de pensar, atuar, criar possibilidades, em realidades pessoais e profissionais de pessoas com deficiência.

Entendemos que são estes os pontos de conexão estabelecidos, entre o uso e a ressignificação desses mesmos usos, a partir das realidades das quais esses sujeitos são provenientes;

*"No hospital foi o mais marcante, pois eu tinha que atender normalmente no leito e a cama é alta, então o paciente não me via. E os médicos como já me conheciam adaptaram uma escadinha. Havia um primeiro momento com o paciente e comigo para eu ganhar a confiança, e foi bem marcante por terem pensado na minha adaptação." (Sujeito 1).*

Identificamos, aqui, como que processos de interação, ao que a utilização desses recursos tecnológicos configuraram novas práticas e identidades, considerando as características desse recurso utilizado no caso, a escadinha, e as soluções apresentadas quando da não aparente adequação deles para tais práticas de uso.

*"Eu não tenho problema, (ao referir-se ao uso dos recursos tecnológicos utilizados por este sujeito), pois eu sei que sem eles eu não consigo fazer nada." (Sujeito 1).*

Essa relação, por outro lado, não pode ser pensada como um fenômeno efetivamente positivo. De acordo com Wertsch (1999), ela ocorre, sim, de forma afirmativa, atuando de fato nas vidas e realidades das pessoas com deficiência, porém não necessariamente sendo positiva ou eficiente no que diz respeito às transformações muitas vezes esperadas ou pensadas pelos desenvolvedores de determinadas tecnologias, tanto quanto pelos usuários delas.

Atuação essa, entenda-se aqui, como de aceitação ou negação desses usos.

Segundo o mesmo autor (1999), no contato de determinadas pessoas com os recursos que lhes são disponibilizados, por diferentes motivos, esse contato parte de fatores específicos das construções dos processos cognitivos próprios de cada indivíduo, sendo, portanto, particular, individual.

Quando observamos o Sujeito 4, vemos uma interessante postura tomada frente ao empecilho que lhe foi imposto quanto ao uso dos computadores da empresa para acessar sites de redes sociais.

Esse sujeito tem deficiência intelectual, e após não mais poder utilizar os computadores da empresa, passou a utilizar um telefone celular para então acessar os sites de redes sociais. É importante destacar, foi barrado primeiramente esse acesso, uma vez que ele se dispersava das funções do trabalho para navegar nessas redes sociais. O fato é que esse indivíduo buscou uma solução para um problema imediato, fazendo uso dos recursos que ofereciam a mesma eficiência quanto aos objetivos desejados, ao mesmo tempo em que lhe davam, aparentemente, a possibilidade de não ser mais percebido burlando uma regra que lhe havia sido imposta.

Não acreditamos que a infração fosse desejada por esse sujeito. Na percepção dos gestores do setor de inclusão da empresa, o sujeito não compreendia a seriedade da infração ao parar o seu serviço para navegar nas redes sociais. Porém, o sujeito, de forma proativa, buscou uma solução para continuar fazendo, sem anunciar sua falha, por ser uma atividade que lhe parecia mais interessante naquele momento.

O que entendemos é que mais importante do que termos uma pessoa com deficiência na frente de um recurso tecnológico, mesmo que voltado para a acessibilidade, é entender qual a percepção que esse indivíduo tem do uso desse recurso, quais as compreensões que tem do próprio recurso e de como seria melhor

utilizá-lo, ou em outras palavras, para que serve e como devo utilizar tal recurso.

Ao mesmo tempo em que é necessário desenvolver em si a capacidade de compreender os momentos nos quais o recurso deve ser utilizado, ou seja, compreender o ambiente, o espaço. Aqui, falamos de contexto, para nós, A Cena e o propósito.

Entendemos que somente assim, a Agência, os recursos utilizados passam a assumir o papel de dispositivos que se transformam em materiais de trabalho, em uso profissional ou afins.

*"Uma coisa que já está a caminho são os tablets, pois o notebook é muito pesado, e coisas com peso eu não posso utilizar, mas a gente já solicitou um net assim, porque é mais simples de utilizar." (Sujeito 1).*

*"Meu chefe pediu pra eu preparar uma placa em língua de sinais, porque meus colegas não tem tempo de trabalhar em curso de libras, assim a gente faz uma provocação para que eles aprendam a língua de sinais, meus colegas agora se interessam, querem saber. Na placa eu coloquei uma foto minha escrito quero aprender libras, e as pessoas o que é isso? E depois uma placa com alfabeto, foram varias placas que eu fui colocando." (Sujeito 5).*

A partir deste momento, em nosso texto, retomaremos a mesma escrita referente às três categorias por nós propostas, para que, dessa forma, seguindo o mesmo texto, possamos cruzá-lo com os dados por nós analisados, em outras palavras, neste ponto vamos ilustrar nosso referencial, como situações e depoimentos capazes de melhor nos auxiliar na compreensão de nosso argumento.

#### a) Soluções Assistivas Específicas

Consiste no conjunto de soluções que surgem e/ou são desenvolvidas a partir de necessidades e/ou situações específicas, surgentes em determinados momentos, dado o conjunto de situações condicionantes para tal, ou seja, a mesma atividade só poderá ser executada se, para tanto, sejam criadas algumas soluções frente aos obstáculos ali presentes.

Em outras palavras, é quando determinada necessidade surge, e para suplantá-la, é necessário que ali sejam pensadas, criadas as condições apenas para a realização dessa necessidade em específico, sendo, portanto, tal ação ou

emprego de tal solução apenas para a efetiva realização dessa atividade.

*“Quando eu entrei teve uma dificuldade, pois 8 escolas negaram a minha entrada, pois não tinha condições, a minha entrada foi em uma escola que abraçou a Causa, colocaram rampas, melhoraram as escadas. No primeiro momento, foi um espanto para outras crianças, é uma forma, um corpo diferente.” (Sujeito 1).*

*“Eu leio com o computador, com o leitor de tela JAWS, é ele que hoje dá acesso a tudo que eu consigo ler hoje. Hoje no celular eu tenho o TALKS, que eu tenho o NOKIA E5. Tentei utilizar o sistema androide, que foi um desastre, e eu não conheço a do IPHONE.” (Sujeito 2).*

Por muitas vezes, até mesmo aquelas medidas, ações que parecem óbvias, tornam-se ações bastante específicas para um determinado sujeito, igualmente para uma determinada atividade, construindo, portanto, as condições para a realização dessa ou de outras atividades semelhantes, sem que assim percam suas características de estarem atendendo uma situação específica, ou seja, uma demanda que atende às necessidades de um momento ou espaço/ambiente específico.

*“O hospital foi o mais marcante, pois eu tinha que atender normalmente no leito e a cama é alta, então o paciente não me via. E os médicos como já me conheciam adaptaram uma escadinha. Havia um primeiro momento com o paciente e comigo para eu ganhar a confiança, e foi bem marcante por terem pensado na minha adaptação.” (Sujeito 1).*

O fato de uma determinada ação assumir características de possível permanências, isto é, de que poderá ser utilizada outras vezes, não faz com que esta ação perca sua identidade de específica, uma vez que aqui falamos em processo, que como tal, opera a partir de um estímulo desencadeador, que nestes casos assume o papel de Solução Assistiva Específica nesse contexto aplicado.

*“Meu chefe pediu pra eu preparar uma placa em língua de sinais, porque meus colegas não tem tempo de trabalhar em curso de libras, assim a gente faz*



*uma provocação para que eles aprendam a língua de sinais, meus colegas agora se interessam, querem saber. Na placa eu coloquei uma foto minha, escrito quero aprender libras, e as pessoas o que é isso? E depois uma placa com alfabeto, foram varias placas que eu fui colocando." (Sujeito 5).*

Assim, origina-se uma Solução que assiste apenas a essa necessidade específica, portanto Solução Assistiva Específica.

De fato, é quando o agente, frente às condições que uma determinada cena lhe impõe, busca através da constituição de um ato determinado, com efeito, através da elaboração de recursos físicos ou situacionais, operar sob a agência de soluções que possibilitam a totalidade das condições capazes de lhe dar a assistência necessária para o êxito de um determinado propósito, efetivamente mediado pelo contexto no qual tal cena ocorre, sendo como tal, específica.

A partir disso, pensamos tais Soluções Assistivas Específica subdivididas em situações, momentos distintos:

b) Solução Assistiva imediata

É quando uma determinada "cena", situação exige o desenvolvimento de uma determinada solução para a realização de uma também determinada atividade.

Dessa forma, serve inicialmente apenas como uma ação imediata, em um tempo e espaço absolutamente específico, sendo ou não utilizada novamente, ou descartada, já que diante de a outras situações, vem ou não apresentar a mesma eficiência ou compatibilidade de uso entre usuário e recurso.

*"Uma semana eu colocava as mãozinhas, outra o português, os números, abc. Alguns materiais. Claro que depois eu tive que diminuir, pois eu tenho muito trabalho, mas meu chefe pediu pra continuar, e eu comecei outra estratégia. Para um grupo de colegas eu coloquei o sinal e eles olhavam e tentavam adivinhar. Eu vou continuar, mas até hoje foi só isso. Eu estou fazendo um joguinho, por exemplo faça uma pergunta, e as pessoas tentam fazer algumas ligaõezinhas." (Sujeito 5).*

Nesse sentido, uma Solução Assistiva Imediata traz inerente em sua origem a capacidade mediática de constituir as compatibilidades entre usuários desta Solução, bem como a titularidade condicional para o desencadeamento de um

processo continuado de aplicabilidade, ou seja, é provocadora de novas situações e condições Assistivas, tanto quanto próprias para seu uso em outras e novas situações, semelhantes ou não as originais.

*“Na metalúrgica, como trabalhavam com ferro eles adaptaram tudo, pensaram em toda estrutura. Aqui na [EMPRESA], não foi muito, pois eu caminho muito e eles estão indo aos poucos, mas já teve um avanço. Vocês já devem ter visto no elevador (Figura 1) o botão é bem baixo e o motivo sou eu. Além de mim tem vários cadeirantes que precisam disso, aqui no terceiro andar, baixaram o bebedouro (Figura 2) e o principal é o caixa eletrônico. Estamos tentando levar para outras empresas pois pessoas de baixa estatura não conseguem usar o caixa eletrônico, então eles bolaram uma escadinha (Figura 3) que eu posso levar para vários lugares porque tem quatro caixas aqui no térreo e eu utilizo dois, e isso foi o melhor assim, na questão da acessibilidade.” (Sujeito 1).*

**Figura 1 - Elevador adaptado**



Fonte: arquivo particular

**Figura 2 - Bebedouro adaptado**

Fonte: arquivo particular

**Figura 3 - Escada móvel para caixa eletrônico**

Fonte: arquivo particular

Com isso, qualificamos uma Solução Assistiva Imediata como assistente de uma condição ou situação, vindo a ser efetivamente afirmativa ao desenrolar de processos transitórios em si mesma, à medida que permanece compatível em seu uso e práticas com seus usuários.

Esse processo transitório é o que nomeamos de Processo Continuado, uma vez que estabelece-se como processo, meio, e não fins, podendo em sua essência vir a ser potencializadora de novas relações assistivas, passível de permanências ou transformações em suas características originais.

Desencadeando, assim, o que é entendido por Vigotsky da seguinte forma:

Um complexo processo dialético, caracterizado pela periodicidade, irregularidade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, entrelaçamento de fatores externos e internos e processos adaptativos. (VYGOTSKI, 1991, p.138)

Portanto, elas são originalmente pensadas, ainda mantendo uma identidade primeira que a identifica com sua forma nascente, ao que, com efeito, as reconhecemos neste estágio como Soluções Assistivas Imediatas Continuadas.

*“O notebook é muito pesado, e coisas com peso eu não posso utilizar, mas a gente já solicitou um net assim, porque é mais simples de utilizar.” (Sujeito 1).*

Neste estágio, consideramos também aquelas formas de assistência já tradicionalmente reconhecidas como ações Assistivas, no uso de recursos tecnológicos assistivos ou tecnologias Assistivas. Como por exemplo, os softwares Leitores de Tela ou a própria Língua de Sinais. O que para nós diferencia tais recursos de suas formas originalmente pensadas é o fato de estarem assumindo essas características Assistivas dentro de um contexto específico e imediato, contudo apresentando nesses processos os elementos fundamentais para a constituição de um processo continuado de uso em situações semelhantes ou diferentes.

Para nós, não é uma ressignificação dos usos ou sentidos desses recursos, mas sim, uma nova forma de leitura contextual desses recursos a partir das compreensões do que entendemos por Soluções Assistivas.

*“Antes de 2007, quando eu não sabia a língua de sinais eu ia à igreja católica, sim, o padre falava, falava. Todo domingo eu ia,\* a mãe ia comigo, mas eu não entendia o que o padre falava. Daí eu perguntava, não tinha intérprete, eu ficava perguntando pra mim, isso antes, lá em Lajeado. Não tinha intérprete, então a gente não tinha.” (Sujeito 5).*

A inexistência de um recurso capaz de atender essa demanda situacional torna-se, por obviedade, gerador de uma necessidade, sendo, neste caso, uma necessidade especificamente imediata, a de entender o que o Padre ou o que as pessoas falavam nesse local. Portanto, mesmo sendo a linguagem de sinais um recurso já estabelecido, ainda assim, sem ele, nesse contexto, o sujeito não tinha as condições próprias para uma interação plena com o ambiente no qual estava inserido.

*“Depois que eu conheci essa amiga assim, em 2008, em um ano eu aprendi a língua de sinais muito rápido, dai um dia eu vim com a mãe pra porto alegre e tinha teatro com um intérprete.”*

Se na Igreja, esse sujeito não tinha as condições para uma compreensão

plena das informações ali compartilhadas devido à ausência de meios de linguagem capazes de suprirem essa necessidade, agora, através da apropriação desses recursos da linguagem, ele possivelmente passa a trazer em si a capacidade de interagir, agir e atuar sobre esse mesmo meio.

*“E quando em entrei na faculdade foi o contato que eu tive com um intérprete, um contato direto. Quando eu fui no vestibular eu encontrei uma intérprete, ai eu entendi o processo que era com o intérprete. Eu passei, estudei, junto com o intérprete, era muito bom porque esclarecia as coisas pra mim eu não tinha dúvida, eu lembro assim como eu sofri na 8° série, 7° porque com o professor era muito difícil naquela época, e eu não tinha noção desse sofrimento. Ai na faculdade como foi bom, como eu entendi as coisas eram mais claras pra mim e eu não tinha esse sofrimento. Ai eu sai de Lajeado, trocou o trabalho e eu vim pra Porto Alegre e ai eu entrei no LA SALLE PORTO ALEGRE.” (Sujeito 5).*

### **Soluções Assistivas Permanentes Funcionais:**

Uma vez desenvolvidas, surgentes, tornam-se, como tal, permanentes, sendo assim, utilizadas tantas e quantas vezes forem necessárias, não estando atreladas ao tempo e ao espaço necessariamente.

Podem surgir de situações imediatas, mas se condicionadas a um processo continuado, passam ao status de permanente Funcional, devido ao grau de eficiência, funcionalidade, e necessidade que se constitui permanentemente presentes nas realidades nas quais foram pensadas e desenvolvidas.

Em certa medida, geradas a partir dos interesses de contentamento das necessidades humanas de determinados grupos, e constituindo-se assim, Assistivas, e enquanto Assistivas, na construção de soluções para sua maior e melhor aplicação, a fim de atingir determinados objetivos.

Assim sendo, como algo profundamente afirmativo e transformador nas vidas e realidades de seus usuários, independentemente dos campos nos quais esse uso ocorre.

Com isso, neste estágio processual, as Soluções Assistivas tornam-se "Permanentes" e "Funcionais", à medida que as percebemos como potencialmente parte da estrutura e da infraestrutura, ocupando o papel de fundamentais para uma acessibilidade real e potente.

Podemos, então, inferir a ideia de que o desenvolvimento dessas e de outras Soluções atuarão de forma bastante efetiva e particular, nas realidades desses sujeitos, agentes no processo de constituição de Soluções Assistivas.

Aqui, pensamos nos usos de recursos como os Leitores de Tela, rampas de acesso, placas com Língua de Sinais, entre outros recursos semelhantes.

São dispositivos utilizados, mesmo que em situações específicas, em situações imediatas, mas que passam a fazer parte de contextos mais amplos do que aqueles nos quais foram originalmente pensados.

A questão não é, portanto, se tais recursos já são existentes, mas sim, que pensamos nas situações, momentos e ambientes em que são utilizados e de como tornam-se permanentes nesses contextos em outros contextos.

Em outras palavras, estamos falando em processo, e não na forma desses recursos, ou seja, nos processos de ruptura dos limites temporais e/ou espaciais os recursos ou práticas Assistivas.

Por definição, é o que então entendemos por Soluções Assistivas em seus processos de surgimento e transformação.

*“E tem uma outra rampa...que pra mim é a melhor do mundo, porque quase não tem inclinação.” (Sujeito 6).*

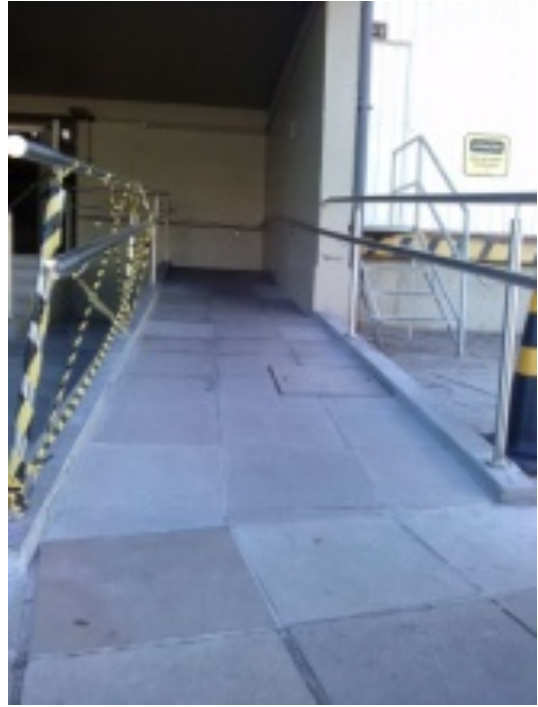
A saber, comparativo das rampas: Figura 4, rampa com pouca inclinação referida no depoimento acima, e Figura 5, rampa secundária com muita inclinação, localizada aos fundos do prédio:

**Figura 4 - Rampa com pouca inclinação**



Fonte: arquivo pessoal

**Figura 5 - Rampa secundária**



Fonte: arquivo pessoal

Partindo disso, pensamos no sentido de que os usos dessas tecnologias, e de suas efetivas compatibilidades ao desenvolvimento de Soluções Assistivas, são fatores diretos e indiretos e muito eficientes no que diz respeito às transformações das realidades de seus usuários.

*"Eu não tenho problema, (ao referir-se ao uso dos recursos tecnológicos utilizados por este sujeito) pois eu sei que sem eles eu não consigo fazer nada." (Sujeito 1).*

Podemos entender esses usos como potencializadores dessas transformações, e de forma mais específica, transformações que vão estar de acordo com as formas com que esses usuários vão utilizar esses recursos.

*"Eu só falo com eles e alguns sinais. Se existe uma falha, eu sinalizo, e se ele não entender eu escrevo." (Sujeito 5).*

De acordo com Passerino (2010, p.7), vemos que tais processos de apropriação e afirmação das soluções assistivas por parte dos sujeitos agentes



destes mesmos processos:

Permitem estruturar e organizar a ação humana; constituindo-se ao mesmo tempo, produtos e produtores da cultura numa dialética entre pessoas, sociedade, tecnologia e cultura que não pode ser simplificada ou reduzida a uma única questão.

*“Meus colegas não têm tempo de trabalhar em curso de libras, assim a gente faz uma provocação para que eles aprendam a língua de sinais, meus colegas agora se interessam, querem saber” (Sujeito 5)*

As relações insurgentes a partir dos contatos, das interações com as tecnologias e as potenciais Soluções surgentes dessas relações, não dependem apenas de uma boa intenção por parte dos usuários deficientes, mas de uma compreensão dos ambientes, cena nos quais esses contatos acontecem.

Também de acordo com a mesma autora:

Por outro lado, as tecnologias permitem apropriar-nos de forma diferente dos conhecimentos, numa relação dinâmica entre conhecimento, sociedade e tecnologia. As tecnologias nos permitem, assim, visualizar, conhecer e experimentar fenômenos de formas diferentes apresentando o conhecimento desde perspectivas diferenciadas. O que, pela sua vez, se reflete na produção de novos conhecimentos que poderão levar à criação de outras tecnologias e assim sucessivamente num processo recursivo ascendente e fortemente dialético (PASSERINO, 2010, p.8).

Cada etapa dessa construção faz com que novos elementos se façam presentes e pertinentes, para que assim possamos ter uma visão global, sistêmica do processo de apropriação das tecnologias, bem como constituídas assistivamente, por parte das pessoas com deficiência.

Vivemos com os outros seres vivos, e portanto compartilhamos com eles o processo vital. Construimos o mundo em que vivemos durante as nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói ao longo dessa viagem comum. Assim, se vivemos e nos comportamos de um modo que torna insatisfatória a nossa qualidade de vida, a responsabilidade cabe a nós. (MATURANA; VARELA, 2001, p. 10);

Portanto, uma Solução Assistiva Permanente Funcional é o resultado decorrente de um processo de inter-relações estabelecidas a partir de Soluções que foram pensadas e desenvolvidas para uma situação imediata, mas que pela sua eficiência e funcionalidade, apresentam-se Continuadas, vindo ao fim e ao cabo desse processo a tornarem-se permanentes, e condicionadas a sua eficiência e grau de utilização, Funcionais.

Em outras palavras, é a transição do imediato ao permanente, em que uma



determinada solução assistiva transpõe o nível ao qual fora originalmente pensada e constitui-se, portanto, como continuação de si mesma, em seu uso, igualmente tornando-se referência para um determinado conjunto de condições postas a necessidade da ocorrência de condições acessíveis.

*"Eu leio com o computador, com o leitor de tela JAWS, e ele que hoje dá acesso a tudo que eu consigo ler hoje. Eu tenho no note e tenho aqui no trabalho."(Sujeito 2)*

Após esta análise e discussão dos dados coletados apresentamos a perspectiva da empresa nesse processo de inclusão.

## **6 A DIALÉTICA DAS RELAÇÕES DE TRABALHO**

Consideramos a perspectiva da empresa com relação ao universo da inclusão laboral, na qual observamos os sujeitos dessa pesquisa.

Novamente, destacamos que o foco de estudo não foi a empresa em sua constituição de projetos ou políticas de inclusão, seja ela laboral ou humana, mas sim, a construção destas práticas de Soluções Assistivas. Porém é nesses espaços que pretendemos a ocorrência dessas práticas e, portanto, compreender e considerar a perspectiva da empresa, surge como um dos elementos que podem vir a indicar quais são os caminhos trilhados tanto pelos sujeitos, quanto por todos aqueles agentes deste fenômeno das Soluções Assistivas.

Com isso, dizemos que também são as empresas, enquanto personagens deste processo de constituição de Soluções Assistivas, Agentes, responsáveis conjuntos pelas dimensões que habitam, conjuntamente, o universo da cena em que tal prática ocorrer. Além de entendermos as empresas como promotoras das condições para o desenvolvimento da Agência, por ser a empresa detentora dos recursos financeiros para a constituição de ferramentas, instrumento e afins, quando necessário.

Claramente é a empresa quem pode criar outras condições favoráveis para o desenvolvimento de ambientes propícios para o desencadeamento de novas e mais eficientes práticas em prol do desenvolvimento de atos correlacionados às motivações, propósitos que emergem como soluções, e que por sua vez, se constituam como Assistivas.

Entendemos que agir sobre esses espaços é entender as dimensões humanas que operam sobre os sujeitos pessoas com deficiência, bem como entender, compreender as dinâmicas dessas relações que ocorrem interpessoalmente, entre indivíduos e recursos disponibilizados.

O que queremos dizer aqui, é que acessibilidade não é apenas a presença de dispositivos, elevadores adaptados, rampas e assim por diante, mas sim, a compreensão de que neste processo de inclusão, assim como toda inclusão, como prática universal, é saber que ali estão pessoas, indivíduos plenos de suas consciências e humanidades, potencialmente capazes de desempenhar todas as

funções para as quais se propõem desde que as mesmas estejam dentro de suas capacidades, físicas, humanas, sociais e de formação, qualificação profissional.

*“Em relação à acessibilidade, eu falo hoje com muita segurança, acho que não tem nenhum tipo de deficiência que a (empresa) não tenha, apesar de não estarmos com nossas cotas preenchidas, fazemos um trabalho maior que é a inclusão. Trabalhamos com acessibilidade com todas as pessoas que ingressam aqui na empresa, num processo muito gradual.”(Gestor)*

*“Começamos contratando uma pessoa para o RH (recursos humanos), com deficiência física, proveniente de uma doença congênita. Não consigo em apenas um processo de seleção detectar tudo que preciso adaptar para ela. Mas depois que ela ingressa na empresa, começamos a levantar todos os pontos juntamente com ela e com uma equipe grande que temos.” (Gestor)*

No caso dessa empresa, embora não tendo desenvolvido uma política formal para a inclusão, essa política surge na forma de projetos e programas indicadores de tais práticas, estando, neste caso, focada em ações pontuais, para indivíduos específicos. Contudo, estando abertos para a aplicabilidade destas práticas para outros sujeitos, em outras palavras, universalizando, na medida do possível, as ações que possam vir a serem interessante para o uso em outras situações ou por outros sujeitos.

*“Trabalhamos com o Projeto Integrar, que é quem cuida da acessibilidade. Para isso contatamos pessoas da área médica, segurança do trabalho, assistência social, tem toda uma equipe que trabalha neste processo.” (Gestor).*

Para Rocha e Castiglioni (2005, p. 97), de fato, tecnologia assistiva vem a ser e é, "um fenômeno multidimensional, que envolve aspectos mecânicos, biomecânicos, ergonômicos, funcionais, cinesiológicos, éticos, estéticos, políticos, afetivos, subjetivos".

Assim, atuando de forma efetiva nas relações vindouras dos contatos e inter-relações presentes entre estes setores da composição das realidades daqueles que vão fazer uso desses recursos, bem como as resultantes destas relações.

*“Tivemos que adaptar o elevador, baixar os bebedouros, construímos um banheiro novo. Uma arquiteta fez contato com essa funcionária, entramos em contato também com a segurança do trabalho que deveria fazer um trabalho em conjunto com a arquiteta. Adaptamos os trincos das portas, foi importante o trabalho que a equipe fez para conhecer esta funcionária melhor. Este é um exemplo que acontece com todos os que ingressam na empresa.” (Gestor).*

Por outro lado, não podemos pensar em ações plenamente afirmativas, proativas no caso dessa ou outras empresas.

Em muito, tais ações são provocadas, estimuladas por forças externas, ou seja, por força de lei para que ocorram de fato.

Sabemos que mesmo desta forma, que não são as leis capazes de desenvolver condições de inclusão meramente, mas neste caso, percebemos a lei como desencadeadora de um processo de práticas inclusivas.

Como vemos na gênese do Programa Integrar desenvolvido nesta empresa.

*“O Programa Integrar já existe desde 2000, e começou quando as empresas tiveram que assinar os termos de compromisso com a lei de cotas para portadores de deficiência.”(Gestor).*

Aqui citamos a chamada Lei de cotas para empresas, Lei nº 8.213 de 1991 (BRASIL, 1991). No Artigo 93, a Lei previdenciária, refere a reserva de vagas obrigatórias para empresas privadas com mais de 100 funcionários. Nesse artigo, lemos que:

A empresa com cem ou mais empregados está obrigada a preencher de dois por cento a cinco por cento dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência habilitadas. Na seguinte proporção:

I – até 200 empregados .....	2%
II – de 201 a 500 .....	3%
III – de 501 a 1.000 .....	4%
IV – de 1.001 em diante .....	5%

(BRASIL, 1991).

Assim, segue dizendo a empresa:

*“Então, pensamos em construir este programa, que é o Programa Integrar, e*

*foi se desenvolvendo e criando ações no decorrer destes 13 anos.” (Gestor).*

Tal programa traz uma carga de experiência adquirida, mesmo que informalmente, no sentido da regência de uma política que trate da inclusão, mas vinculado ao longo período de práticas e ações, visando a uma proposta de inclusão de pessoas com deficiência dentro da empresa, ao mesmo tempo que propagando esta postura ao universo de outras empresas.

*“Através de cursos que oferecemos, através de prêmios que ganhamos, em parceria com outras empresas. Temos registros fotográficos, das ações, foi tudo uma construção, tenho guardado em uma pasta. Mas efetivamente desde março quando assumi o programa somente me dedico a ele. Desde o início do ano que existe uma pessoa só para isso. Construir um projeto que sustenta o programa, ações que queremos que sejam constantes. O projeto veio a serviço do programa, para podermos construir etapas de entrega, então criamos pilares para o projeto. Temos apenas um programa, mas não temos políticas escritas, não tem regra numero 1 ou 2. Recentemente montamos uma cartilha. Eu queria construir essa cartilha para distribuir o conteúdo, pois acredito que não adianta ter um programa de inclusão se o programa em si não disseminar informação. Estou aqui para poder informar as pessoas, já sabem quem consultar, se não sabem fazer a inclusão, vou auxiliar, e saberão que podem contar comigo.”(Gestor).*

Por certo, não queremos aqui atribuir um juízo de valor quanto ao trabalho da empresa, de ser melhor ou eficiente em ações voltadas para a inclusão de pessoas com deficiência. Sim, vemos ações positivas, boas no que diz respeito a essas ações; contudo, o que para nós parece ser interessante, é o fato de que ali percebemos uma prática focada em ações individuais, sejam estas práticas das pessoas que estão responsáveis pela promoção dessas ações dentro da empresa, ou até mesmo considerando a empresa em si.

Em outras palavras, sabemos da inexistência de uma política clara e global para inclusão, mesmo que para nós ações inclusivas também se configuram como uma forma de política. Tais ações estão aqui, nesta empresa, fundadas nas formas com que os indivíduos, empresa, agem sobre essas ações, de forma pontual e a partir de uma perspectiva humanitária.

Tal fato não minimiza essas ações, mas, parece indicar uma ausência, não de uma consciência coletiva, mas de um coletivo consciente e responsável por tais práticas, a da inclusão como uma ação inerente ao cunho social, sociedade.

Que esteja, de fato, desvinculada do querer fazer, sentir fazer, mas

fundamentada em um fazer como base de uma sociedade que entende a deficiência como uma característica de algumas pessoas, e não a pessoa com deficiência como uma pessoa com deficiência, mas sim, como uma pessoa e tão somente.

Respeitando suas individualidades como características dessa pessoa, e, portanto, sendo nesses espaços as empresas cientes de que são essas as características de qualquer que seja os possíveis candidatos a vagas de emprego.

Afinal, portas possuem esta ou aquela altura, mesas são deste ou daquele formato, escadas são desta ou daquela dimensão em seus degraus, porque pessoas são destas ou daquela forma, morfologicamente falando, em termos universais.

São também as características das pessoas com deficiência, assim, como parte deste universo ao qual chamamos de humanidade.

Com certeza, entendemos e consideramos que as deficiências rompem com os paradigmas de normalidade das sociedades e da própria humanidade enquanto grupo social, porém mais do que isso, entendemos que devem ser, portanto, essas rupturas parte das considerações de quem são os personagens de nosso mundo.

E é neste contexto, de diversidade, conflito de percepções e características que encontramos as Soluções Assistivas como uma ação afirmativa, que age sobre os paradigmas e convenções humanas.

Não são as Soluções Assistivas responsáveis pelo encobrimento das deficiências, mas sim, a parte do processo de inclusão capaz de tornar as deficiências menores do que a ineficiência, incapacidade, incompletude, e até mesmo dos próprios preconceitos.

Não é por acaso que trazemos aqui, neste capítulo, estas reflexões.

Justamente por que é neste contexto que também entendemos que as condições, as soluções, as ações para resolução de problemas, capacitação de pessoas com deficiência, bem como a geração de práticas que promovam a inclusão desses indivíduos em seus respectivos espaços laborais deve acontecer, e é com eles que devemos estabelecer este debate.

De uma forma profunda, séria e clara, no que diz respeito às maneiras não com que tão somente as coisas devem ser feitas, mas muito especialmente como essas ações devem ser pensadas.

Em sua origem, necessidades e propósitos, para que tenhamos consciência de que essas ações contribuem de uma forma muito significativa na construção das identidades de cada indivíduo.

Na formação do Ser dessas pessoas, pessoas com deficiência, normais dentro da normalidade das condições que lhes são impostas ou por elas próprias construídas, desde que tais condições não lhes sejam postas como obstáculos, mas sim, como práticas eficientes, inerentes ao desenvolvimento humano e social.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste estudo, percebemos um profundo entrelaçamento do que entendemos como elementos indicadores da dialética existente entre a Cena, ambiente, e o sujeito, agente, como desencadeadora de novas e potentes relações na formação das identidades desses mesmos sujeitos.

É nessa relação que contemplamos as mais diferentes formas com que cada um dos sujeitos age e interage sobre essas realidades, provocando e sendo por ela provocados, através de suas ações e das condições existentes nesses ambientes, no que aqui entendemos como o Ato, constituinte de novos elementos construtores também das identidades destes sujeitos.

Foi no uso dos recursos disponibilizados, Agência, bem como nas intencionalidades desses usos, o Propósito, que vimos como todos esses universos de significações e ressignificações tornam-se capazes de provocar tantas e novas transformações nas vidas e maneiras com que cada um desses sujeitos percebe-se no mundo e como parte atuante desse mundo.

A constituição de Soluções Assistivas surge como um reflexo sociogênico desse processo relacional, dialético, na sistêmica destas mesmas relações, parecendo ser indissolúvel a completude dos cinco elementos na citada constituição dessas Soluções Assistivas.

As empresas não são meros espaços nos quais os sujeitos estão agindo, mas espaços e ambientes capazes de trazer em si as condições para o surgimento das Soluções Assistivas, uma vez que ali se manifestam as mais variadas situações, e práticas nas quais são necessárias compreensões, leituras e releituras dos espaços, adequações e ações pertinentes às situações vividas por cada um dos sujeitos, tanto quanto pelos interesses produtivos da empresa.

O que nos pareceu caro e interessante, é o fato de que a simples inexistência de políticas e programas próprios para o desenvolvimento de Soluções não é determinante para o surgimento de práticas que levem também ao desenvolvimento de Soluções Assistivas, mas sim, a existência dessas políticas e programas como importantes provocadores para tal fenômeno, o do pensar destas Soluções, e que dentro desses contextos vindo a se constituírem como soluções Assistivas de fato.



Quando esses sujeitos percebem-se como agentes afirmativos de suas realidades, é que podem transformá-la, e assim, também transformando a realidade de seus pares e interlocutores.

*“Meu chefe pediu pra eu preparar uma placa em língua de sinais, porque meus colegas não tem tempo de trabalhar em curso de libras, assim a gente faz uma provocação para que eles aprendam a língua de sinais, meus colegas agora se interessam, querem saber.” (Sujeito 5).*

São essas as ações que entendemos como fundamentais para o desenvolvimento das condições próprias para o surgimento de Soluções Assistivas.

Assim também, vimos que na medida em que cada indivíduo percebe-se em suas próprias realidades, como dito por nós, agente afirmativo, torna-se capaz de promover sua própria crítica ao mundo e às realidades, e de igualmente agir sobre ela, por vezes transformando-a, por outras vezes transplantando os obstáculos e buscando alternativas mais interessantes para o alcance de seus objetivos.

*“Na época eu fiz vestibular na UFRGS, mas vi que não teria condições por causa da falta de adaptações, então eu nem me esforcei muito, preferi me endividar e pagar a PUC.” (Sujeito 6).*

Os entraves sociais, as dificuldades e as limitações tão presentes nas vidas de pessoas com deficiência, para nós, pareceu ser, através deste estudo, determinantes para tomadas de consciência, embora não sejam as únicas situações capazes de fazê-lo, mas trazem, inerentes ao processo de provocação, a capacidade para tal, desde que estes sujeitos estejam predispostos às compreensões dessas situações.

Não por habilidades natas, ou por aquisição externa, mas sim, são essas situações estimuladoras das construções de entendimentos, quando esses sujeitos tornam-se capazes de lançar um olhar crítico sobre si mesmos e sobre o mundo que os rodeia.

Na complexidade com a qual nos deparamos, dentro do universo do mundo do trabalho, buscamos através da distinção das diferentes formas com que se constituem e se transformam as Soluções Assistivas, uma maneira de melhor

compreender suas fases transitórias e seu processo nascente.

Aqui, percebemos que mesmo quando são específicas, uma Solução torna-se assistiva na medida que traz aspectos de assistência às pessoas com deficiência, na tentativa de resolver, solucionar determinados obstáculos ou problemas ali existentes.

À medida que apresentam características de permanência, vão gradualmente transformando-se e tornando-se funcionais, ou seja, passam a ocupar um papel muito mais recorrente e identificado com outros sujeitos que venham a necessitar de alguma ação semelhante frente a situações igualmente semelhantes.

Uma Solução Assistiva permanente, funcional não é mais importante ou significativa que uma Solução Assistiva Específica.

O que pensamos é que ambas atendem as demandas para as quais foram geradas.

Conforme estabelecem como referência para situações iguais ou semelhantes, para pessoas em igualdade de condições, de necessidades, passam, de acordo com suas próprias características, a serem transitórias e ainda assim, não mais ou mesmo menos importantes umas das outras.

Para nós, o interessante foi observar como esse processo de transição ocorre e como a medida dessa usabilidade tais soluções passam a ocupar seu lugar no cenário do mundo do trabalho, bem como das vidas dos sujeitos com algum tipo de deficiência.

Portanto, vimos que é no conjunto de ações, operações, práticas e políticas voltadas para a suplantação de problemas que encontramos um universo vasto de situações nas quais o Sujeito é mantenedor das percepções de suas próprias realidade. Dadas as condições próprias para tal, juntamente com outras pessoas, com deficiência ou não, é que uma nova proposta de mundo e realidade se constrói.

Tornando-se efetivamente detentora das maneiras com que cada indivíduo vai pensar sua própria existência no mundo.

## REFERÊNCIAS

AAATE. **Association for the Advancement of Assistive Technology in Europe**. 2003. Disponível em: <<http://www.atireland.ie/aaate/>>. Acesso em: ago. 2011.

BAPTISTA, Cláudio Roberto. **Vestígios...pistas e relações entre pensamento sistêmico e processos inclusivos**. In: JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Cláudio Roberto; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa; VICTOR, Sonia Lopes. (org.) **Inclusão Práticas Pedagógicas e Trajetórias de Pesquisa**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

BERSCH, R. Tecnologia Assistiva – TA. In: SCHIRMER, C.; BROWING, N. BERSCH, R.; MACHADO, R. **Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Física**. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2006.

BERSCH, R.; MACHADO, R. **Atendimento Educacional Especializado: deficiência física**. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2006.

BERSCH, Rita. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre: CEDI, 2008. [Manuscrito].

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Legislação Brasileira Sobre Pessoas Portadoras de Deficiência**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2004. 446 p.

BRASIL. **CLT: Consolidação das Leis do Trabalho**. Disponível em: <http://sinquisp.tempsite.ws/pdfs/ConsolidacaoLeisTrabalho.pdf>. Acesso em: ago.2011.

BRASIL. LEI Nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os planos de benefícios da previdência social e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 1991.

BUNGE, M. **Ciência e Desenvolvimento**. São Paulo: Universidade de São Paulo; CAPES. Banco de teses. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>>. Acesso em: ago. 2011.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**: volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DOMINGUES, Ivan. Em Busca do Método. In: DOMINGUES, Ivan (org.). **Conhecimento e Transdisciplinaridade II**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. P. 17-40.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o "Aprender a Aprender"**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria Vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

ECO, Humberto, MARTINI, C. M. **Em que Creem os que Não Creem?** Rio de Janeiro: Record, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Política e Educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HEIDEGGER, M. **Being and Time**. Nova York: Harper & Row, 1962.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães; ARRUDA, Elcia Esnarriaga; BENATTI, Marielle Moreira Santos. **Política de Inclusão**: o verso e o reverso de discursos e práticas. In: JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Cláudio Roberto; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa; VICTOR, Sonia Lopes. (org.). **Inclusão Práticas Pedagógicas e Trajetórias de Pesquisa**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, Carlos Alberto. **Rompendo Paradigmas**: as contribuições de Vygotsky, Paulo Freire e Foucault. In: JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Cláudio Roberto; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa; VICTOR, Sonia Lopes. (org.). **Inclusão Práticas Pedagógicas e Trajetórias de Pesquisa**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A Construção do Saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MATURANA, H. R. & VARELA, F. J. **A Árvore do Conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MEIRIEU, Philippe. **A Pedagogia Entre o Dizer e o Fazer**: a coragem de começar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_. **Aprender... Sim, Mas Como?** 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MONTOYA, R. I. S. **Capacidades Visibles, Tecnologías Invisibles**: Perspectivas y estudio de casos., Universidad de Cádiz (EUEJE), 2006. Disponível em: <[www.ordenadorydiscapacidad.net/Capacidades.pdf](http://www.ordenadorydiscapacidad.net/Capacidades.pdf)>. Acesso em: OUT. 2013.

MORAES, Roque. Uma Tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

NUERNBERG, Adriano Henrique. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, abr./jun., 2008.

OLIVEIRA, M. R. S. O Mito da Tecnologia ao Paradigma Tecnológico; a mediação tecnologia nas práticas didático-pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 18, p.101-108, set./dez. 2001.

PASSERINO, L.M. A Tecnologia Assistiva na Política Pública Brasileira e a Formação de Professores: que relação é essa? SEMINÁRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO ESCOLAR NO RIO GRANDE DO SUL, 1., 2010, Canela. **Anais...** Canela, 13-15 set. 2010.

PASSERINO, L. M. Apontamentos para uma Reflexão Sobre a Função Social das Tecnologias no Processo Educativo. **Revista Texto Digital**, UERJ, v. 6, p. 1-20, 2010.

PASSERINO, L. M. **SolAssist**: Biblioteca Virtual de Soluções Assistivas. Projeto de Pesquisa. Documento Interno do Grupo de pesquisa TEIAS/UFRGS. Porto Alegre, 2012.

PASSERINO, Liliansa Maria; MONTARDO, Sandra Portella. Inclusão Social Via Acessibilidade: proposta de inclusão digital para pessoas com necessidades especiais. **E-Compós**, v. 8, p. 1-18, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/144/145>>. Acesso em: 5 maio 2014.

PEREIRA, Ana Cristina Cypriano. **Inclusão de Pessoas com Deficiência no Trabalho e o movimento da Cultura Organizacional**: análise multifacetada de uma organização. Porto Alegre, 2011, 157 f. Dissertação. (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ROCHA, E. F.; CASTIGLIONI, M. C. Reflexões Sobre Recursos Tecnológicos: ajudas técnicas, tecnologia assistiva, tecnologia de assistência e tecnologia de apoio. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 3, p. 97-104, set./dez., 2005.

SANTAROSA, L. M. C. **Cooperação na Web entre PNEE Construindo Conhecimento no Núcleo de Informática na Educação Especial da UFRGS**. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL, 3., 2002. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CIIEE - SEESP/MEC, ago. 2002. P. 64-79.

SOMEREN, M. W.; BARRARD, Y. F.; SANDBERG, J. A. **The Think Aloud Method**: a practical guide to modelling cognitive processes. Department of Social Science Informática. University of Amsterdam. London: Academic Press, 1994.

STAKE, R. E. **Investigación con Estudio de Caso**. Madrid: Moratas, 1999.

TOASSA, Gisele. Conceito de Consciência em Vygotsky. **Psicol. USP**, vol.17, n. 2, p.59-83, jun. 2006.

TOMASELLO, Michael. **Construting Language**; a usage- based theory af language acquisition. Harvard University, 2005.

YVOTSKI, L. S. **Los Problemas Fundamentales de la Defectología Contemporánea**. In: \_\_\_\_\_. **Obras Escogidas V**: Fundamentos de Defectología. Madrid: Visor, 1997a. P. 11-40.

\_\_\_\_\_. Principios de la Educación de los Niños Físicamente Deficientes. In: \_\_\_\_\_. **Obras Escogidas V**: Fundamentos de Defectología. Madrid: Visor, 1997b. P. 59-72.

\_\_\_\_\_. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A formação Social da mente.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WERTSCH, J. **La Mente en Acción.** Buenos Aires: Aique, 1999.

## ANEXO

### Termo de consentimento Grupo de pesquisa Teias/ Projeto Solassist

A presente pesquisa se propõe a observar Soluções Assistivas no processo de trabalho, em loco, de indivíduos com deficiência em suas práticas profissionais .

Pretende-se investigar tais soluções, analisá-las, classificá-las para disponibilizar em uma dissertação de mestrado, Pública, cujo material será disponibilizado livremente sob a licença de conteúdo \*Creative Commons\* para a comunidade científica e brasileira em geral.

Espera-se, portanto, que este projeto possa contribuir tanto no desenvolvimento de Tecnologias Assistivas (TA) como em intervenções metodológicas apoiadas por tecnologia, no âmbito da inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

Para este fim serão observadas e coletadas experiências em Tecnologias Assistivas em postos de trabalho, desenvolvidas e relatadas por funcionários e gestores.

Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, e serão divulgados desde que autorizados expressamente por seus participantes, unicamente para uso não comercial na dissertação de mestrado anteriormente citada.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à empresa participante. Se no decorrer da pesquisa o(a) participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de o fazer, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo.

O pesquisador responsável por esta pesquisa o Professor Marcus Soares Morais ( Mestrando pela Faculdade de Educação/UFRGS) que se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida que eventualmente o participante e/ou responsável legal venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente pelos telefones: (051) 8483-8813 ou (051) 9814-2225.

Email: [marcus.morais@hotmail.com](mailto:marcus.morais@hotmail.com)

---

Pesquisador

Nome da empresa: \_\_\_\_\_

Cnpj: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Nome do responsável: \_\_\_\_\_

Cargo: \_\_\_\_\_

Rg: \_\_\_\_\_

Contato: Fone: \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_

---

Assinatura do Participante/Responsável